

O meu retrato

(Conto)

*Alto e magro: cabelo à escovinha,
Olhos pardos, nariz não muito pequeno,
Pequeno o rosto, pálido e sereno,
Imberbe, qual pequena criancinha.*

*Suporto neste mundo a vida minha,
Meus males encobrindo como Zeno.
E tenho um coração que, sem veneno,
É trono onde – AMIZADE – é só rainha.*

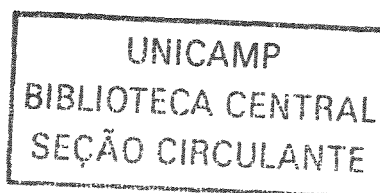
Poesias Completas de Machado de Assis

Um passeio pelas edições para o estabelecimento dos textos.

*Não sou a grandes coisas pretendente,
Não invejo dos Reis a majestade,
Eu descendo do povo: estou contente.*

*Abomino a mentira, amo a verdade:
Eis todo o meu retrato fielmente,
Tenho eu – dezenove anos d'idade.*

Em 25 de julho de 1855.



UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
R277p
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 57648
PROC 16 - 117 - 04
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 16/04/04
Nº CPD _____

CM00197025-7

BIB ID 314871

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

R277p Reis, Rutzkaya Queiroz
Poesias completas de Machado de Assis : um passeio pelas edições
para o estabelecimento dos textos / Rutzkaya Queiroz Reis. - -
Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientadora: Orna Messer Levin
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Literatura brasileira. 3.
Imprensa - Brasil. 4. Poesia brasileira. I. Levin, Orna Messer. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.



Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Teoria Literária

Rutzkaya Queiroz dos Reis

O poema da capa é de Gonçalves Braga, um dos primeiros mentores de Machado de Assis no início de sua carreira literária. Foi escrito no ano em que Machado publicou pela primeira vez um texto seu.

Poesias Completas de Machado de Assis

Um passeio pelas edições para o estabelecimento dos textos.

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Rutzkaya Queiroz
Reis

e aprovada pela Comissão Julgadora em

22/01/2004

Quayle

Dissertação apresentada ao Curso de
Teoria Literária do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin

Junho de 2003.

[...] “Da digressão do eminente prof. J. Matoso Câmara Júnior quase não ficará pedra sobre pedra, se lhe analisarmos as afirmações. E isso porque parte de premissas total ou parcialmente falsas e também porque nem sempre se apóia nas melhores edições dos poetas. É o que se dá, por exemplo, com Álvares de Azevedo: em vez de extrair suas citações da **princeps** das Poesias, vai buscá-las na 6ª edição, de J. Norberto, arriscando-se a citar mal, pois as edições Garnier não só ostentam má revisão, como emendam o texto de Álvares de Azevedo.”

(Péricles Eugênio da Silva Ramos, *O verso Romântico* e outros ensaios)

“O comprador de um livro cheio de erros realmente não adquire um livro, mas uma praga”.

(Johann Froben, *apud* Emanuel Araújo, *A Construção do Livro*)

**Aos meus pais Nilda e Gaspar,
e a meu irmão Iuri,
sempre tão dedicados,
ofereço este trabalho.**

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter sustentado e colocado em minha vida os amigos que tanto contribuíram para a realização deste trabalho. Graças a Ele os nomes são muitos e, cada um é como uma letra, que reunidas todas, compõem a história que essa dissertação não conta.

Certa vez um amigo me escreveu que:

*“A história de cada um dos homens
É uma montanha de pedra esculpida
pelos ventos da vida.
Quanto mais intenso for o brilho da vida
Maior o esplendor da Escultura.”*

Tiago Cintra

Gosto de pensar que o esplendor só é possível porque Ele me dá motivos para ser grata à Profa. Dra. Orna Messer Levin, minha orientadora que tanto contribuiu para minha formação. Seu investimento, dedicação carinhosa, paciência e competência foram alguns dos alicerces sobre os quais me apoiei nesses anos de trabalho. Se algum esplendor existir, parte da responsabilidade cabe a ela.

Outra parte cabe ao Rodrigo Duarte, Ana Cláudia, Luiz Gustavo, Lucas e Marcos Tiago, a quem sou grata por participarem da minha primeira pesquisa de campo, quando eu ainda não era oficialmente uma pesquisadora.

E a lista de nomes se estende com a Vera, a Sueli e a Rosa, por me acompanharem desde o início, me aconselhando e ajudando em tudo. Também à Dayse e Adriana Dantas sou grata pela hospitalidade no Rio de Janeiro e pelo cuidado de todas as horas.

Da mesma responsabilidade partilhou a Marajú, que com carinho me acolheu num momento de dificuldade, além de acompanhar minha luta para entrar no mestrado. Sua prestimosa atenção sempre me anima; e seus telefonemas antes da qualificação foram fundamentais. Ao Joinvile, D. Marlene e Sr. Domingos a imensa gratidão pelo investimento que cada um fez na minha tranquilidade.

Ao Ronaldo e Helena, Alexandre Torrezan, André Pereira, Franklin e Érica Tsumoto pela prestatividade e apoio que me fizeram mais alegre. À família Bittencourt, que com conselhos, carinho, amizade e muita ajuda me auxiliaram em muitos dos passos que dei. À Janaina, Luciana Canedo, Ana Ruth, Maria Laura, Carolina e Luciana Dutra pela amizade sincera que sempre me faz crescer. À minha fisioterapeuta Cláudia por ter curado as contínuas dores na coluna que travavam meu trabalho. À Livia, Aletéia e Solivânia, companheiras de moradia e alegrias.

Sou também muito grata às famílias Soares e Clark, à Silvia Santos e Natália pela fidelidade em suas orações. Aos amigos todos da Igreja Batista Nova Aliança de Campinas pelo apoio incondicional em todas as etapas, desde minha entrada na universidade.

À Vera Pacheco por ter me inscrito no programa do mestrado da Unicamp, além da ajuda nas épocas de relatório para a Fapesp. Em várias ocasiões seu socorro foi oportuno, e estendo minha gratidão ao Antônio, seu marido. Ao Jaqueson, amigo não apenas para inúmeras conversas como também para o incentivo que tanto precisei, quando me senti desanimada e incapaz de realizar o trabalho. Ao Emerson Tin pelos empréstimos de livros e também pelas dicas de leitura, que sempre vinham acompanhadas de algo que me ensinava a ver o outro lado da pesquisa – aquele que eu achava que estava completo, quando na verdade estava apenas no início. E ele, o Pedro Marques e a Larissa Neves ainda encontraram tempo para ler meu trabalho antes da defesa. Jamais vou esquecer desse apoio e atenção. À Carolina Duarte e Cristina B. Ribeiro pelas dicas de leitura e pelas agradáveis conversas que me abriram os olhos para outras realidades deste trabalho. À Shéllida e Rodrigo Cunha cuja ajuda sacrificial permitiu que eu assistisse às primeiras aulas do mestrado com tranquilidade, quando ainda não tínhamos nossos diplomas da graduação.

Às professoras Márcia Abreu, Marisa Lajolo e Jeanne-Marie Gagnebin, aos professores Luiz Dantas e Gilberto Pinheiro Passos, a saudade de suas aulas que me inspiraram.

Aos funcionários do IEL, especialmente o pessoal da biblioteca, também a Célia e Geraldo da secretaria de Graduação e Cláudio da direção, a gratidão por me ajudarem sempre. Também agradeço aos funcionários da Academia Brasileira de Letras, especialmente o Luiz; da Biblioteca Nacional; da Casa Rui Barbosa e da biblioteca da FFLCH da USP.

Não me esqueço do meu ou da minha parecerista, cujo nome desconheço, mas que apesar disso, não tem sua importância diminuída. Obrigada pelos pareceres favoráveis na concessão das bolsas de Iniciação Científica e de Mestrado, instrumentos esses de relevante importância nesses anos todos de trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo financiamento e apoio desde 1999 até esse ano de 2003.

Ao meu futuro chefe, Ebenézer Bittencourt, por sua generosidade em me conceder o tempo necessário para a finalização deste trabalho e por sua constante ajuda e compreensão.

Ao professor Hélio de Seixas Guimarães, cuja leitura minuciosa e atenta me estimulou a fazer a última revisão do trabalho, evitando a soma de erros. Suas observações renovaram meu ânimo. Ao professor Luiz Dantas, por ter aceito o convite para a qualificação como também para a defesa. Seu apoio desde a época da Iniciação Científica foi primordial para a conclusão de mais essa etapa.

Cada um, a seu modo, soprou e esculpiu o trabalho que se apresenta e também minha vida. O esplendor é deles.

Resumo: Através do cotejo dos volumes das primeiras edições de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas*, *Ocidentais* foram estabelecidos os textos dos poemas. Um segundo cotejo foi realizado entre os textos estabelecidos e edições póstumas e anotadas todas as diferenças encontradas, que podem ser relativas à pontuação, troca de palavras, inversão de verso e/ou estrofe ou a falta desses no poema sem prévia explicação do organizador. Também procurei traçar um breve panorama da imprensa brasileira que explicasse os problemas encontrados nas edições.

O resultado do trabalho que se apresenta é terreno fértil para pesquisadores que tenham como objetivo um estudo analítico da poesia machadiana, bem como de problemas de edições das obras de outros autores.

Summary: As a result of the comparison of the first editions of *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas*, *Ocidentais* texts of the poems were established. The second comparison was made and posthumous editions of these books and notes were taken on all the differences found related to punctuation, exchange of words, verse and/or stanza inversion or the omission of those verses, without being previously explained by the editor. I also attempted to trace a brief outline of the Brazilian press in order to explain the problems found in these editions. The result of this work is useful for the researchers, whose objective is an analytical study of Machado de Assis' poetry and the problems associated with the editions of the works of other authors.

I Parte

Resumo	11
Introdução	15
Edições	23
Estudo Preliminar	27
Primeiras Edições	31
Edições Póstumas	39
De Editores e Edições	41
Como são organizados os índices?	55
Comissão Machado de Assis	65
Variantes e Erros	71
Variantes	73
Erros	78
Ainda os Erros	80
Imprensa	87
<i>Ars Scribendi Artificialiter</i>	89
Da invenção à Propagação	91
A imprensa no Brasil	93
O carioca e o francês: uma história para além das fronteiras da formação e cultura.	102
Tecnologia e Perfeição: inseparáveis?	109
Os passos dos Editores e os caminhos das Edições: momentos de superação.	110
Os passos dos Editores e os caminhos das Edições: momentos cambaleantes.	115
Machado poeta: de príncipe a plebeu?	129
Considerações Finais	137
Bibliografia	139

II Parte: CD-Rom

Edições Anotadas: *Poesias Completas*

Anexo: Poemas não incluídos em *Poesias Completas*

introdução

Meu interesse pela poesia machadiana surgiu da falta de conhecimento dessa produção. A princípio, o objetivo era estudar e analisar os poemas, projeto logo abandonado, uma vez que identifiquei alguns problemas nos textos da edição *Crisálidas, Falenas & Americanas*, da Editora Globo, Coleção Obras Completas de Machado de Assis¹. Essa edição foi comparada com a primeira de *Crisálidas* (1864) e, após a identificação de algumas diferenças entre elas, julguei necessário um trabalho que procurasse estabelecer os textos deste volume de poemas, a partir do cotejo da primeira edição com as demais. Os erros identificados na edição da Editora Globo foram posteriormente observados em outras edições.

No Brasil prevalece ainda o costume de reeditar livros, e em alguns raros casos, o de reimpressão. Os erros e variações entre os volumes das primeiras edições, herdados pelas edições póstumas, geraram novos textos. Das mãos do autor às oficinas de impressão, muitas palavras, versos e estrofes inteiras foram alteradas. Apesar disso, as técnicas modernas vêm gradativamente sanando alguns problemas na busca do livro perfeito.

O livro perfeito não existe, mas, dispor dos melhores e mais modernos meios para que o livro divulgue o texto tal como deseja o autor, mostra o melhor do trabalho de uma editora.

Em um de seus livros, o irlandês C. S. Lewis declarou: “Vou dar aos meus leitores não o melhor absoluto, mas o melhor de que disponho”.²

Foi com os meios e tecnologias de que dispunha no século XIX, que a Garnier forneceu aos leitores da época publicações revisadas e organizadas pelo próprio Machado de Assis. Alguns problemas e erros que ainda “passavam” eram corrigidos pelas Erratas, comuns nessa época, quando a imprensa brasileira ainda dava seus primeiros passos. As reclamações de escritores como Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, na ocasião do

¹ ASSIS, Machado de. *Crisálidas, Falenas & Americanas*, São Paulo: Editora Globo S.A., 1997. Maria Augusta Fonseca (assessora editorial) e Levon Yacubian (revisão de texto).

² Lewis, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo, Mundo Cristão, 1986, p.52.

lançamento de *A Moreninha*, mostram também que os textos eram sacrificados por uma tecnologia em desenvolvimento.³

Nas primeiras décadas do século XX, observamos poucos avanços na tecnologia da imprensa brasileira, que veio sofrer algumas mudanças substanciais somente a partir das décadas de 40 e 50. Mas, apesar das máquinas mais velozes, capazes de corrigir erros momentos antes da impressão, esse avanço tecnológico não foi suficiente para sanar o velho problema apresentado em outras décadas e edições. Alguns erros se perpetuaram com o passar dos anos mesmo com as revisões e o trabalho dos organizadores - muitos deles influentes e dignos de respeito no meio literário brasileiro. As edições, tanto do início quanto do fim do século XX e início do XXI, mostram que o autor pode contar pouco com a tecnologia e os meios de que dispunham as editoras. E de nada adiantam “evocações de credibilidade” por parte dos organizadores, como fez Ary de Mesquita nas edições da W. M. Jackson, em 1957 e 1959.⁴

Este trabalho pretende realizar o estabelecimento dos textos de *Poesias Completas*, bem como o dos poemas refugados por essa edição, constantes nos outros três volumes de poemas de Joaquim Maria Machado de Assis: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875)⁵. O objetivo é preparar uma edição anotada desse livro, através da revisão de todo o material publicado pelo autor, com notas sobre as variantes encontradas nas edições póstumas.⁶ A edição anotada dos poemas não incluídos em *Poesias Completas* consta no anexo.

³ Em *A Construção do livro*, Emanuel Araújo lembra o caso de *A Tragédia da rua das Flores*, livro de Eça de Queirós, inédito até 1980, “quando duas editoras de Lisboa, a Moraes e a Livros do Brasil, realizaram lançamentos simultâneos”. O autor lembra o episódio pelo “desejo de lucro fácil e imediato, [...] que com frequência leva as empresas publicadoras ao lançamento no mercado de textos irresponsáveis. A edição da Livros do Brasil, por exemplo, apresenta um texto que os editores declaram só “parcialmente decifrado”.” Pg.197.

⁴ “ORGANIZANDO a edição do presente livro, assumo a responsabilidade do que respeita à exatidão do texto e à vernaculidade da frase, fixada, como noutros desta série cuja impressão dirigi, de acordo com as tiragens mais autorizadas. Outrossim, no concernente à locução das poesias expungidas da impressão de 1900 pelo próprio autor, guiei-me pela primeira edição, em casos duvidosos, por autógrafos, e, quando baldadas as possibilidades de acesso a estes, por antígrafos que se me antojaram merecedores de fé.”

⁵ *Crisálidas* (1864): o primeiro livro pelo qual Machado de Assis recebeu direitos autorais, e primeiro volume de poesias publicado. *Falenas* o segundo e *Americanas* o terceiro. *Ocidentais* foi incluído na coletânea de *Poesias Completas*, que reuniu alguns poemas dos livros anteriores. *Crisálidas* rendeu a Machado de Assis 150 000 mil réis dos mil exemplares da edição, quantia razoável para um principiante. A esse respeito consultar MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis*, São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1971, pg. 378.

⁶ A revisão de *Crisálidas* será levada em conta no preparo da edição anotada proposta no Mestrado. Ela foi realizada no Projeto de Iniciação Científica, desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Orna Messer Levin,

Para o início da pesquisa realizei um levantamento das primeiras edições de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Poesias Completas*, além das edições póstumas desse último volume, que pertencem aos acervos das bibliotecas do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – UNICAMP), Faculdade de Letras, Filosofia, Ciências Humanas (FFLCH – USP), Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) e Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro). O projeto de mestrado “*Poesias Completas* de Machado de Assis; estabelecimento de textos” é uma continuação do projeto de Iniciação Científica, que cuidou do estabelecimento de *Crisálidas*, sendo utilizado o mesmo processo de levantamento das edições no trabalho com *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*. Feito esse levantamento, dei início ao cotejo dos volumes das primeiras edições e à anotação das diferenças existentes entre elas. Dentre esses volumes das primeiras edições, alguns estão acompanhados de suas Erratas, o que facilitou o trabalho e estabelecimento do *texto-base*, e a identificação dos erros não corrigidos pela Errata do livro; erros esses do revisor ou do tipógrafo-impressor.⁷

Nesse processo, os princípios estabelecidos pela crítica textual, também chamada ecdótica, tornam-se importantes na busca pela fidedignidade e fidelidade do texto que servirá como *texto-base* para a pesquisa encetada. De início, é necessário cuidar da estemática, ou seja, da classificação genealógica das versões do texto segundo as cópias, impressões ou edições que teve, a fim de se estabelecer uma edição-base⁸, podendo ser essa a edição *princeps* única em vida do autor ou a última das edições publicada em vida, revista, difundida e aprovada pelo autor. Segue-se a isso, o cotejo dos vários volumes das edições *princeps* e manuscritos – quando encontrados. A última etapa é o cotejo do *texto-base* com as demais edições.

do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem / Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de agosto de 1999 a dezembro de 2000.

⁷ Veremos que esse profissional no século XIX e primeiras décadas do XX, era uma espécie de “revisor” dos nossos dias, pois era de sua responsabilidade a montagem do texto para a impressão, o que em alguns casos resultou em prejuízo para os textos, como poderemos observar.

⁸ Esse é o nome dado à edição que serve como parâmetro para o processo de estabelecimento de textos, no caso da tradição escrita. Para a tradição manuscrita temos o protótipo ou arquétipo. Ver HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*, São Paulo: Editora Hucitec/ Instituto Nacional do Livro – Fundação Nacional Pró-Memória, 1993.

Na falta dos manuscritos para o estabelecimento dos textos de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*, as primeiras edições de cada livro serviram como *texto-base*. De acordo com a recomendação de Antônio Houaiss: “fidedigno é o texto que merece fé, confiança e respeito, porque foi estabelecido com rigorosa observância das características encerradas no manuscrito, ou no original, ou na edição príncipe, ou edição autorizada”.⁹

Desde 1864 até 2001, no rol de publicações da poesia machadiana foram muitas as edições e reedições e, às vezes, reimpressões de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Poesias Completas*, e que renderam casos interessantes, sendo um dos mais célebres contado por José Mindlin. Na edição de *Poesias Completas* “em que Machado dizia que não tinha deixado o prefácio do Dr. Caetano Filgueiras porque ‘a afeição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cegara o juízo que não viria a ponto de reproduzir aqui aquela saudação inicial’, a palavra **cegara** foi substituída, e no “cegar” em lugar de “e”, saiu um “a”! O erro foi detectado logo, Machado corrigiu à mão os exemplares que já tinham sido impressos e, daí por diante, a impressão já saiu corrigida.”¹⁰

No propósito de estabelecimento dos textos, o trabalho foi dividido em duas etapas: na primeira, o cotejo de volumes das primeiras edições para estabelecimento do *texto-base*, e na segunda, o cotejo do *texto-base* com as demais edições. Os textos reaproveitados por Machado de Assis em *Poesias Completas* constam nas primeiras edições dos três livros lançados em 1864, 1870 e 1875 respectivamente, mas são considerados como *texto-base* e parâmetro para o cotejo com as edições póstumas a edição de 1901, por ter sido essa uma publicação ainda em vida do autor dos poemas, que presume sua vontade para cada um deles, após revisão e organização desse último volume. A última edição publicada em vida do autor foi lançada em 1902. Entretanto, essa mesma edição apresenta problemas maiores

⁹ Opus cit. Pg. 203. O autor diferencia os termos: *variação* e *erro*, explicando que a primeira pode ser admissível, não errada, ou verossimilmente menos errada em contrapartida com uma outra forma de variante não documentada e inadmissível após o cotejo com as demais encontradas, e refere-se principalmente à variação linguística da língua portuguesa. Já o termo *erro*, por sua vez, é dividido por Houaiss em: erros óbvios e latentes. O primeiro é percebido por qualquer leitor, já o segundo nem sempre pode ser reconhecido como erro, visto que à luz do cânon gramatical, por exemplo, constitui-se num erro, mas que para o autor, houve a divergência consciente desse cânon. Neste trabalho tratamos os erros como aqueles que diferem das variações de acordo com o problema apresentado pelo verso, estrofe ou poema inteiro. Tanto no que concerne a variações e erros, o parâmetro para a classificação de ambos é a obra do autor, seu tempo e língua.

¹⁰ MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*; prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

que os constantes a precedente, levando-nos a considerar a edição de 1901 um melhor parâmetro para o estabelecimento dos textos dos poemas.

As principais variantes entre as edições *princeps* de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Poesias Completas*, e dessas com as edições póstumas, estão anotadas em rodapé, para que o texto tal como foi publicado na primeira edição de cada livro ou em *Poesias Completas* possa ser conhecido do leitor. Quanto aos poemas refugados em 1901, o *texto-base* passa a ser as primeiras edições de cada um dos outros três livros restantes. Cada edição é identificada de acordo com a data de sua publicação e, em casos de publicação no mesmo ano por editoras diferentes, uma das edições é identificada por uma letra. Em 1997, por exemplo, a Editora Nova Aguilar e Globo publicaram as poesias de Machado de Assis. 1997 é então a identificação da Nova Aguilar e G da Editora Globo.

As variações e erros encontrados são classificados de acordo com o problema que apresentam: tipográfico (impressão), inversão de estrofes, versos e/ ou omissão desses, troca e/ou omissão de palavras – o que altera o sentido do verso e do poema, arrumação de caracteres/ datilografia/ digitação, quebra do ritmo do verso, diferenças de uma edição para outra (no caso das primeiras edições), pontuação, acentuação, mudança do nome do poema e da data de composição, entre outros. Alguns desses problemas serão destacados, na tentativa de esclarecer o motivo da apresentação de cada um nas edições consultadas.

Entendo como estabelecimento de textos, a anotação das variações ou erros a partir do cotejo do *texto-base* e todas as edições publicadas até os dias de hoje.¹¹ O *texto-base* foi, portanto, estabelecido a partir do cotejo entre volumes das primeiras edições de um mesmo livro, levando-se em consideração as correções das *Erratas*, a análise e correção de erros não corrigidos pelas mesmas, presentes nas *princeps*. O próximo passo foi a revisão ortográfica dos textos dessas primeiras edições, que estabeleceu como parâmetro para qualquer mudança, o *Dicionário Ortográfico da Língua Portuguesa* e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.¹²

¹¹ O que chamo de *texto-base* difere um pouco do que Antônio Houaiss chamou de edição-base. Como não trabalho apenas com uma edição, mas com quatro edições de cada livro de poemas, então julguei conveniente tal denominação para designar como *texto-base* o conjunto das edições-base dos quatro livros de poemas de Machado de Assis. Além disso, não considero para fins de estabelecimento dos textos, as variantes anotadas no cotejo com as edições póstumas, devido aos inúmeros e graves problemas apresentados pelas mesmas. Ver HOUAISS, Antônio. Idem.

¹² *Dicionário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, Academia Brasileira de Letras e Imprensa Nacional, 1998.

Acompanhando o trabalho de estabelecimento dos textos, a edição anotada conta ainda com um estudo que pretende introduzir o leitor no conhecimento de uma produção que ainda apresenta brechas para discussão. O lugar que a obra de Machado de Assis ocupa dentro da nossa literatura é assunto já estudado, e que apesar disso, ainda reserva novas descobertas para futuras pesquisas. O viés escolhido para o estudo deste trabalho está intimamente ligado à vida do poeta no início de sua carreira literária. Quem era Machado de Assis antes do lançamento do primeiro livro, *Crisálidas*? Qual era a “rede de sociabilidade” e amigos que o influenciaram desde então? São essas e outras perguntas que norteiam essa introdução à produção poética machadiana. Há ainda outras que até os dias de hoje são sustentadas pelos estudos já empreendidos e realizados: ensaio, exercício ou obra para ser esquecida?

Se lermos os 29 poemas de *Crisálidas*, dos quais 28 são de Machado e 1 de Faustino Xavier de Novais, irmão de Carolina Novais, e que seria a esposa do mais novo poeta da praça, encontraremos neles parte da resposta a essas perguntas? Os poemas desse livro são o reflexo do romantismo francês, principalmente de Musset, mas não apenas isso. No emaranhado dos vários temas deste livro, muitos giram em torno do poeta eternamente enamorado por uma mulher inalcançável, do poeta que canta os infortúnios de uma terra devastada e sem esperanças, e do poeta que pede inspiração à musa para poder compor seus versos. A arte é apresentada como um refúgio para o homem, e a poesia do poeta em formação e constante amadurecimento, dá a ele essa coletânea que veio como prêmio aos anos de labor do Machado de Assis que continuava incansável no seu aprendizado.

O livro *Falenas* por sua vez, deixa transparecer nos 28 poemas que o compõe, a alegria do poeta que ama e é correspondido, além do lirismo objetivo e uma pesquisa de formas, que elaboram a base do futuro experimentador dos romances da maturidade. Observamos algumas inovações técnicas nos poemas de *Falenas*, como a forma *triolé*, de origem francesa, salientando a vocação de poeta racional. O livro, assim, antecipa as descrições parnasianas, com retratos da natureza, etc.

Já sob a influência de Gonçalves, Machado de Assis escreveu *Americanas*, uma miscelânea de 13 poemas retóricos com material e métrica dos poemas indianistas. Dentro de uma estética parnasiana, Machado buscou no Indianismo a inspiração para os versos.

Num total de 27, os poemas reflexivos, de celebração e narrativos de *Ocidentais* são o que se pode chamar de retrato do pessimismo que caracterizou o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Esse último volume de poemas traz também algumas das mais famosas traduções que Machado fez de outros autores, sendo a mais conhecida e divulgada “O Corvo”, de Edgar Allan Poe.

O estudioso Jean-Michel Massa concorda que o universo literário do poeta Machado de Assis foi construído com base nas inquietações, discussões nas rodinhas literárias e *clubs*, que freqüentou desde cedo, quando Paula Brito lhe abriu a primeira porta, além das leituras nas barcas de caixeiro entre Rio-Niterói¹³. O conhecimento que adquiriu de diversas culturas e épocas, partindo da cultura grega, francesa, portuguesa, polonesa (Homero, Musset, Camões, Mickiewicz), possibilitou a Machado o uso daquilo que Gilberto Pinheiro Passos, chama de “chão cultural”, ou seja, as alusões, citações e incursões em culturas estrangeiras, através de referências diretas ou indiretas a esses autores e suas culturas, contribuindo desse modo para a construção do arcabouço que dará origem ao texto do autor.¹⁴

Como compreender a produção poética de Machado de Assis, tendo em vista tanto a sua obra completa como também a literatura e a sociedade brasileira da época, sua inserção e função nesta?

O estudo que se faz neste trabalho pretende dar início a essa discussão e lançar os meios para que possa ser empreendida. São apontamentos e hipóteses, elaboradas através de uma leitura ainda superficial dos poemas de Machado de Assis, para o estabelecimento dos textos. Para uma melhor compreensão dos aspectos editoriais, apresento um texto sobre a imprensa, desde a invenção até sua chegada em terras brasileiras, bem como sobre o funcionamento das oficinas tipográficas no século XIX até os dias atuais, numa tentativa de analisar os problemas levantados pelas variações e erros das edições, à luz da história da imprensa no Brasil.

¹³ Ver MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis*, 1971.

¹⁴ O autor faz referência à prosa de Machado de Assis, principalmente aos romances *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Entretanto, esse “chão cultural” está presente em toda a obra machadiana, uma vez que há uma constância nas referências. PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A Poética do Legado*, presença francesa em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo, Coleção Parours: ANNABLUME, 1996, *Passim*.

Acredito que o estabelecimento dos textos somado ao pequeno retrato da “rede de sociabilidade” de Machado de Assis no início de sua carreira literária, e aos aspectos editoriais dos textos, o poeta poderá ser melhor estudado e compreendido através de sua produção e época.

Address



Edições

*‘Durante os vinte anos de nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria[...] com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. [...] Editar obras jurídicas ou escolares, não é mui difícil; a necessidade é grande, a procura é certa. Garnier, que fez custosas edições dessas, foi também editor de obras literárias, o primeiro e o maior de todos.’*¹⁵

Machado de Assis

¹⁵ Escrito em outubro de 1893, logo após a morte de Baptiste Louis Garnier, seu editor.

Estudo preliminar

Primeiras edições, reimpressões e reedições; como foi publicada a obra completa de Machado de Assis ao longo dos anos, desde sua morte?

A Garnier, Jackson e Nova Aguilar ocuparam lugar de destaque nas publicações das obras de Machado de Assis até os anos 90 do século XX. A Jackson que publicou pela primeira vez em 1937, reimprimiu e reeditou toda a obra do autor até 1959, ano em que a Nova Aguilar deu início a seu trabalho, que por sua vez lançou a última edição da Obra Completa de Machado de Assis em 1997, mesmo ano em que a Editora Globo lançou sua coleção, reimpressa em 2001.¹⁶

O modelo para todas as editoras é a edição de 1901, mas poucas edições são reimpressões dessa.¹⁷ Se considerarmos as definições de Antônio Houaiss e as diferenças anotadas entre as edições analisadas, observaremos que prevalecem as reedições, e com elas a contingência de erros. 1902 e 1924 são reedições de 1901. Tal fato se deve, em ambos os casos, a problemas na arrumação de caracteres e outros também de ordem tipográfica.

Das edições póstumas publicadas observamos, por exemplo, que algumas edições da Jackson são reimpressões da edição de 1901, e outras reedições. O mesmo não se observa nas edições da Nova Aguilar, modelo para a Editora Globo, que faz uso da estrutura adotada pela Nova Aguilar, diferindo dela em alguns aspectos apenas.

Num país em que uma das frases mais pronunciadas é “não leio porque livro é caro”, o sucesso de uma determinada obra não depende única e exclusivamente de sua qualidade, mas de outros fatores que fogem ao literário. Nesse contexto, os baixos índices

¹⁶ Os autores do *Dicionário Houaiss* definiram reimpressão como o “ato ou efeito de reimprimir, tirar uma nova tiragem de um impresso sem que o texto ou a imagem da edição anterior sofra modificação”, e reedição como “ato ou efeito de reeditar, trazer uma nova edição que apresenta alterações no texto, na diagramação, etc, em relação às edições anteriores da mesma obra.” Opus cit., pgs. 2409, 2419.

de tiragem e de venda dos livros contribuíram para a prática dos editores em raramente guardar as matrizes a partir das quais pudessem reproduzir novos exemplares com identidade total de características tipográficas, pois isso implicaria paralisação ou perda de capital na conservação das matrizes monotípicas ou linotípicas, e um uso pouco lucrativo do metal que fundido, poderia ser aproveitado para composição de outro livro.¹⁸ Com a inovação técnica e tecnológica as matrizes modernas são econômicas e ocupam mínimo espaço. O material utilizado passa do papel ao papelão, cartão, plástico, fitas perfuradas, magnéticas e afins, que comportam correções, revisões e melhoras. Esses são fatores importantes para o aperfeiçoamento do livro no que concerne à correlação do original com o impresso; e mesmo assim, a reimpressão de uma obra é evento ainda raro nos nossos dias.

Dentre as editoras que lançaram no mercado a obra completa de Machado de Assis, apenas a Nova Aguilar trouxe uma lista de suas publicações, identificando-as como impressões, reimpressões ou reedições. No entanto, essa mesma lista não condiz com o que realmente é apresentado ao leitor. Somente o cotejo entre os volumes torna possível identificar se se trata de impressão, reimpressão ou reedição.

Sem apresentar uma lista, a W. M. Jackson lançou em 1937 uma edição, e em 1938 outra. O ciclo continua com as edições de 1944, 1946, 1957 e 1959.

Em alguns casos, os erros que persistiram com o passar do tempo e novas publicações, reescreveram os textos, dando-lhes um novo sentido, nunca antes imaginado pelo autor. No caso particular das edições dos poemas de Machado de Assis, vamos observar que alguns erros não apenas se perpetuaram, como também criaram verdadeiras “modalidades”, contribuindo desse modo para a desvalorização de uma produção poética já rebaixada pela crítica literária brasileira.¹⁹

¹⁷ Essa hipótese tem por base as diferenças anotadas ao longo da pesquisa que mostram uma semelhança na organização dos textos das edições póstumas com 1901.

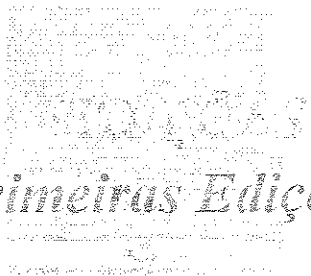
¹⁸ A esse respeito ver Houaiss, *Elementos de Bibliologia*, 1993.

¹⁹ José Veríssimo e Sílvio Romero comentaram as obras de Machado de Assis no calor da hora, e contribuíram para a formação de uma fortuna crítica do autor. Mário de Alencar preferiu comentar algumas obras, apontando ao leitor possíveis caminhos de reflexão. Jean Michel Massa e Lúcia Miguel Pereira destacam-se anos mais tarde no estudo biográfico de Machado de Assis. Antônio Cândido e Otto Maria Carpeux discutiram as estéticas literárias e as obras dentro dessa perspectiva. Roberto Schwarz elegeu o plano sócio-econômico como ponto fundamental para a discussão das obras. A leitura dos trabalhos desses e de outros estudiosos revelam que o tom dos comentários acerca da produção poética permanece praticamente o mesmo. Não encontramos um estudo detido da poesia machadiana que dê conta do poeta.

De edição a edição, de editora a editora, a modalização dos erros e problemas é acompanhada por uma modalização de variações quanto ao estilo de apresentação dos textos, caracterizada pelo reflexo de uma época ou um critério particular de determinada editora e organizador da obra publicada, ampliando assim o conceito de *variação* fixado por Antônio Houaiss, para um termo que abarque não somente as variantes de um vocábulo da língua portuguesa, como também das normas de pontuação e formato dos caracteres, aspectos esses que podem ser observados nas edições da obra completa de Machado de Assis.²⁰

Qual face do poeta é conhecida dos leitores ante às peripécias das edições de sua poesia?

²⁰ De acordo com Antônio Houaiss, cabe à chamada *crítica verbal* a tarefa de analisar e explicar as variantes encontradas no processo de estabelecimento de um determinado texto: “A diversidade de variantes permite que sejam graduadas desde as obviamente erradas – erradas em relação ao autor, à obra, ao tempo, à língua – até as provavelmente erradas ou provavelmente certas. De todos os modos, o critério de valor em relação às variantes não é um critério normativo geral de significação e referência permanentes, antes um critério necessariamente flutuante ou contingente em face daquelas coordenadas – obra, autor, língua, tempo.” Opus cit., pg.209.



Primeiras Edições

Antes da publicação de seu primeiro livro de poemas, Machado já havia sido revisor de provas de Paula Brito, auxiliar de Charles de Ribeyrolles na tradução de *O Brasil Pitoresco*²¹, colaborador do *Correio Mercantil*, crítico teatral da revista *O Espelho* e redator convidado do *Diário do Rio de Janeiro*, da *Semana Ilustrada*, do *Jornal das Famílias* e d'*O Futuro*. Foi admitido como sócio do Conservatório Brasileiro para auxiliar de censura e publicou ainda *Desencantos*, *Queda que as mulheres tem pelos tolos*, *O Protocolo* e *O Caminho da Porta* (teatro).

No ainda pequeno círculo literário do Rio de Janeiro do dezenove, os amigos de Machado aumentavam em número e acrescentavam à sua formação alguma influência portuguesa, francesa ou apenas o gosto pela escrita, pela leitura e sobre quais assuntos o jovem de então deveria se debruçar.

O menino que cresceu vendo as crianças da mesma idade indo para a escola, enquanto sua formação se dava com as pessoas que conhecia na igreja, e outros tantos lugares, viu também seu pai falecer antes do aparecimento de *Crisálidas*, em setembro de 1864, o primeiro livro pelo qual teve os direitos autorais reconhecidos²². Por esse livro, Machado foi elogiado no Brasil e em Portugal, e recebeu de Antônio de Castilho o apelido de “príncipe dos alexandrinos”. Posteriormente, publicou outros três livros de poemas: *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*, esse último na coletânea de *Poesias Completas*. Os

²¹ Manuel Antônio de Almeida, que foi chefe de Machado de Assis na Tipografia Nacional, e exonerado do cargo em 1859, também aceita o trabalho de tradução de *O Brasil Pitoresco*, nesse mesmo ano, quando o escritor e ex-administrador da Tipografia Nacional passa por apertos financeiros.

²² Nas publicações anteriores - teatro, Machado não teve os direitos autorais reconhecidos. Quanto à formação, Lúcia Miguel Pereira e outros biógrafos de renome contam que o autor aprendeu francês com um padeiro recém-chegado ao Brasil, que conheceu ainda na sua juventude; e que um dos “tutores” nos primeiros anos de alfabetização teria sido o padre Silveira Sarmiento, a quem dedicou dois poemas: “A Morte no Calvário” e “Monte Alverne”. Já o francês Jean-Michel Massa concorda que o padeiro pode até ter ajudado o jovem Machado, mas que seu esforço para aprender a língua não deve ser desprezado.

primeiros poemas, escritos entre os anos de 1855 e 1856, foram em sua maior parte modelados por essas personalidades que fizeram parte da vida do jovem Machado. Desses poemas, poucos foram reaproveitados em *Crisálidas*, sendo a maior parte do início da década de 60. “O aprendiz de poesia poderia agir de outra maneira?”, pergunta Jean-Michel Massa. O futuro bruxo do Cosme Velho buscava a fórmula para fazer versos, ser poeta, ao mesmo tempo em que “descobria por essa época, juntamente com a literatura, uma república de amigos, de confrades, que deviam encorajá-lo”²³. Encontrou novos caminhos e outros meios de fazer poesia com *Falenas* e *Americanas*. Nessa caminhada, parou ele por alguns instantes para dar atenção às possibilidades de trabalho, e assim publicou, escreveu os *Contos Fluminenses* e colaborou no *Jornal da Tarde* – divulgando a tradução de *Oliver Twist*, romance de Charles Dickens²⁴. No teatro, Machado lançou as comédias *Quase Ministro* e *Os Deuses de Casaca*. Por essa época, conheceu as primeiras páginas do romance, com *Ressurreição* e *A Mão e a Luva*. A partir de então, o caminho percorrido até *Ocidentais* lhe reservou novas descobertas através da roda de amigos, da busca de um estilo próprio na trajetória percorrida para ser poeta. Era chegada a hora da aclamada “fase da maturidade”, objeto de estudo da nossa crítica literária desde a morte de Machado. Antes de se enveredar por novos percursos em sua caminhada, Machado ainda colaboraria na *Revista Brasileira*, n’*A Estação* e na *Gazeta de Notícias*.

Afinal, os livros de poemas alcançaram êxito? E o poeta?

Lúcia Miguel Pereira comentando *Crisálidas*, observa que “a despeito da apresentação, o livro venceu. Acolheu-o, entre nós, um coro entusiasta, saudaram-no, em Portugal, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão”. Os aplausos recebidos na publicação dos “Versos a Corina”, lhe renderam fama até o fim da vida, mas Jean-Michel Massa entende que apesar da boa acolhida da obra, alguns críticos e literatos se mostraram insatisfeitos com os elogios “exacerbados” do prefaciador do livro, o Dr. Caetano Filgueiras.²⁵ Esse advogado formado pela Faculdade de Direito de Olinda, hoje pouco conhecido entre nós, nasceu em julho de 1830, na província da Bahia, e foi para a Corte na esperança de obter nomeação para uma cadeira de Direito Constitucional. Vendo a impossibilidade de lograr

²³ MASSA, Jean-Michel; *Opus cit.*, pg. 101.

²⁴ Esse trabalho teve seu início no *Jornal da Tarde* em 1870, mas foi logo interrompido.

²⁵ PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, (6ª edição revisada), Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988., pp.384-388.

êxito, Filgueiras abriu escritório de advocacia, ao mesmo tempo em que se dedicava ao jornalismo e às letras. No tempo em que conheceu Machado, o Dr. Caetano Filgueiras compartilhou de sua paixão pela literatura também com Casimiro de Abreu, José Joaquim Cândido de Macedo, o Macedinho, e Gonçalves Braga, todos evocados no prefácio que escreveu para o lançamento de *Crisálidas*. Neste prefácio, Filgueiras reconstitui o ambiente de quando ele e seus confrades-pupilos passavam horas inteiras em seu escritório, “*alheios às lutas do mundo, aconchegados nos lugares e nas afeições, levitas do mesmo culto, filhos dos mesmos pais – a pobreza e o trabalho – em derredor do nosso tempo a mesa do estudo ...*”, falando de Deus, de amor, de sonhos, de música e pintura. O burburinho dos anseios dos jovens poetas ecoava nas paredes daquele escritório, mas, o som que se ouviu dos versos na obra de cada um deles mudou de ritmo e compasso ao longo dos anos e no transcorrer de outras e novas amizades; e nesse compasso Machado descobria o tom para cada obra sua.

Comentários esparsos e elogios comedidos marcaram o lançamento de *Falenas* e *Americanas*. Dois anos após o lançamento de *Falenas* e três antes de *Americanas*, veio a lume o romance *Ressurreição*. Antes de *Ocidentais*, vieram ainda *Helena*; *Iaiá Garcia*; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Tu só, Tu, Puro Amor*; *Papéis Avulsos*; *Histórias sem data*; *Quincas Borba*; *Várias Histórias*; *Dom Casmurro*; *Páginas Recolhidas* e finalmente *Poesias Completas*, estampando em suas páginas os poemas inéditos de *Ocidentais*. Pode-se dizer que o poeta alcançou êxito, levando em 1902 o editor Garnier a reimprimir *Poesias Completas*, e novamente em 1924, após a morte de Machado.

A poesia não é na sua obra um retrato isolado de um Machado de Assis apagado pelo primor das outras composições; do conto ao romance. O retrato revela antes, a figura do poeta e do escritor que buscava informações, num processo de formação pessoal, acompanhado da rede de leitores que se constituía a cada publicação. A penúria de alguns anos do passado foi vencida a custo, e o sucesso alcançado através da literatura deu-lhe a merecida tranquilidade que viveu em grande parte de sua vida ao lado da esposa Carolina. Os chamados anos de aprendizado renderam-lhe os tão almejados poemas, além da prosa com a qual ganhou a admiração dos literatos de sua época e continua a angariar leitores e admiradores entre nós hoje.

Na “Advertência” que escreveu para a primeira edição da coletânea de 1901, Machado explica: “*podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andaram esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia. Ao cuidar disto agora achei que seria melhor ligar o novo livro aos três publicados, Crisálidas, Faleas, Americanas. Chamo ao último Ocidentais.*” Quem pediu a reunião desses versos, o autor não deixa claro, mas certamente o editor não publicaria o livro novamente sem um público leitor garantido. O fato é que Machado de Assis teve o reconhecimento de seu trabalho como poeta, romancista, contista, cronista, crítico literário e teatrólogo em diferentes momentos de sua carreira.

Os três primeiros livros de poemas tiveram uma única edição em vida, e o quarto livro com novos versos e outros antigos, revistos e selecionados pelo próprio Machado, teve duas edições em vida. Num século XIX caracterizado pelo próprio autor como uma época de moças e senhoras dadas a ler romances, a poesia era o ornamento das salas e salões de uma sociedade que imitava a francesa em quase todos os aspectos, desde o modo de vestir até na música, literatura, etc. A leitura ou declamação de poemas era apenas um dentre os vários momentos que marcavam as noites cariocas. E Machado, que não era dado às salas e salões, preferia a companhia dos amigos e o aconchego do lar. No século de ornamentos, danças, modistas e salões, foram publicados *Crisálidas*, *Faleas* e *Americanas*; já no início do século XX, foi a vez de *Poesias Completas*.

O primeiro livro, *Crisálidas* foi impresso na “Typ. de Quirino & Irmão, que ficava na rua da Assembléia, 54”²⁶. A primeira página trazia a dedicatória de Machado de Assis a seus pais Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, e as páginas subsequentes o prefácio do Dr. Caetano Filgueiras²⁷, os poemas, o posfácio – uma carta do escritor dirigida ao amigo e prefaciador do livro –, as notas dos poemas, uma “Errata” e o índice.

“Musa Consolatrix” abre o volume, seguido por “Stela”, “Lúcia”, “O dilúvio”, “Vísio”, “Fé”, “A Caridade”, “A Jovem Cativa”, “No Limiar”, “Quinze anos”, “Sinhá”, “Erro”, “Ludovina Moutinho (Elegia)”, “Aspiração”, “Embirração (de Faustino Xavier de

²⁶ A composição é em tipo Bodoni, 10/ 12, preto estreito, tendo a mancha completa 27 cíceros, 25 s/ cap. O livro mede 0,171 x 0,108 e tem 178 pp. A numeração no alto da página, ao centro. As informações sobre esses aspectos dos livros de poemas de Machado de Assis foram retiradas da edição do INL/ Civilização Brasileira, *Edições Críticas de Obras de Machado de Assis*, 1976.

Novais)”, “Cleópatra”, “Os arlequins”, “Epitáfio do México”, “Polônia”, “As Ondinas”, “Maria Duplessis”, “Horas Vivas”, “As Rosas”, “Os dois horizontes”, “Monte Alverne”, “As Ventoinhas”, “Alpujarra”, “Versos a Corina: I, II, III, IV, V, VI” e finalmente “Última folha”. Dos 29 poemas, 12 foram aproveitados em *Poesias Completas*.

Seis anos após o lançamento de *Crisálidas*, o editor B.L. Garnier, instalado na rua do Ouvidor 69, desde a publicação do primeiro volume de poemas, manda imprimir em Paris o segundo, com 216 páginas, na “Typ. de Ad. Lainé, rue des Saints-Pères, 19.”²⁸ Os poemas de *Falenas* não foram recomendados num prefácio; constou nesse volume além dos poemas, o índice, as notas e a “Errata”.²⁹

Na edição de *Falenas*, os poemas aparecem na seguinte ordem: *Vária*: “Prelúdio”, “Ruínas”, “Musa dos olhos verdes”, “La marquesa de Miramar”, “Sombras”, “Quando ela fala”, “Visão”, “Manhã de inverno”, “*Ite, missa est*”, “Flor da Mocidade”, “Noivado”, “Menina e Moça”, “A Elvira”, “Lágrimas de cera”, “No espaço”, “Os deuses da Grécia”, “Livros e flores”, “Pássaros”, “Cegonhas e rodovalhos”, “A um legista”, “O verme”, “Estâncias a Ema”, “*Un vieux pays*”, “A morte de Ofélia”, “Luz entre sombras”, “Lira Chinesa: I – Coração triste falando ao sol, II – A folha do salgueiro, III – O poeta a rir, IV – A uma mulher, V – O imperador, VI – O leque, VII – As flores e os pinheiros, VIII – Reflexos”; “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira”. Dos 28 poemas, 18 foram aproveitados para a publicação de *Poesias Completas*.

Americanas, o terceiro livro, com 212 páginas, foi impresso na “Typ. Cosmopolita, rua de Gonçalves Dias no. 19”.³⁰ Nessa ocasião, o editor havia mudado seu endereço na rua do Ouvidor. Passou para o 65, conforme indicação da contra-capá: “B.L. Garnier/

²⁷ “O poeta e o Livro. Conversação Preliminar” / Corte em 22 de julho de 1864.

²⁸ O aparecimento deste livro foi noticiado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, a 27 de janeiro de 1870, o que atesta a certeza quanto à data de lançamento do livro, uma vez que o mesmo não traz colofão, nem apresenta qualquer indicação da data de lançamento na página de rosto. A impressão é em tipo Bodoni, 10/12, claro estreito; a mancha completa de 28,5 cíceros, 27 s/cap. O volume mede 0,174x0,110, e tem 216 pp + 2 (nn). Numeração ao alto e ao centro da página, vindo os números entre dois traços laterais.

²⁹ De todos os livros de poemas de Machado de Assis, *Crisálidas* foi o único livro com prefácio. O autor, apesar das publicações anteriores a esse volume de poemas, ainda era um desconhecido do grande público se comparado aos outros de sua época, o que justifica sua apresentação através do amigo das letras e do coração, o Dr. Caetano Filgueiras.

³⁰ Composição em tipo Bodoni 10/12, estreito claro, mancha completa de 28,5 cíceros, 27 s/cp. Tem 210 pp começando com a numeração em 6, e mais 2 nn. As páginas pares são numeradas ao alto e à esquerda, e as ímpares, ao lado e à direita; ao centro e ao alto da página, nas ímpares o título do poema, e nas pares, o do livro. O volume mede 0,180 x 0,110.

Livreiro-editor do Instituto Histórico/ 65 Rua do Ouvidor”³¹. Dos três livros, esse é o que apresenta menor número de poemas (13 no total), e menos variação quanto aos temas. Na ocasião da primeira edição, temos a seguinte ordem: “Potira”, “Niâni”, “A cristã nova”, “José Bonifácio”, “A visão de Jaciúca”, “Cantiga do rosto branco”, “A Gonçalves Dias”, “Os semeadores”, “A flor do embiruçu”, “Lua nova”, “Sabina”, “A última jornada” e “Os orizes”. Apenas “A cantiga do rosto branco” não foi incluída em *Poesias Completas*. Neste volume de poemas, a edição da época aproveita para anunciar o escritor que se tornou acadêmico: “Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras”.³²

O primeiro volume de poemas do acadêmico Machado de Assis foi publicado em 1901 pelo livreiro-editor H. Garnier, que passou a conduzir os negócios desde a morte de seu irmão B.L. Garnier, em 1893³³; sendo reimpresso em 1902 e 1924 pelo mesmo editor.³⁴ O endereço da Livraria Garnier, na mesma rua do Ouvidor, passa desta vez do número 65 para o 71-73. *Poesias Completas* apareceu com 384 páginas, nas quais trazia a conhecida “Advertência” de abertura, seguida dos poemas, notas, índice e “Errata”. Da reunião dos poemas de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, somados aos inéditos de *Ocidentais*, temos o seguinte resultado: (*Crisálidas*) “Musa Consolatrix”, “Visio”, “Quinze anos”, “Stela”, “Epitáfio do México”, “Polônia”, “Erro”, “Elegia”, “Sinhá”, “Horas Vivas”, “Versos a

³¹ Os jornais da época noticiaram a mudança do prédio e inauguração de uma nova loja, dessa vez num outro número e prédio: de 69 para 65 e por último 71-73, conforme veremos a seguir.

³² Em carta datada de 30/10/1899, Machado de Assis propôs ao editor H. Garnier a reunião num só volume, dos três livros de versos até então publicados (*Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*), juntando-lhes, sob o título de *Ocidentais*, diversas poesias que haviam saído em periódicos, etc. O editor aceitou a proposta, em carta de 23/11/1899, e o contrato de venda da propriedade inteira e perpétua das *Poesias Completas* traz data de 7/8/1900. Na contra-capa, junto com título há a indicação do editor. A fundação da Academia data de 1896. O livro foi composto em tipo Bodoni, 8/ 10 claro; a mancha completa de 29,5 cíclos, 27 s/ cap. O volume mede 0, 185 x 0,110, e tem VI + 376 + 2 (nn). Numeração ao alto e à esquerda, nas páginas pares e ao alto e à direita nas ímpares; ao centro e ao alto de cada página consta o título do livro a que o poema pertenceu originariamente. Entre as páginas II e III há um retrato de Machado de Assis.

³³ Baptiste Louis Garnier era o caçula de uma família de livreiros de Paris, donos da editora Garnier Frères, fundada por Auguste e Hyppolite Garnier, em 1833, no Palais Royal. Os irmãos Baptiste e Hyppolite Garnier transferem-se para o Rio de Janeiro por razões não totalmente conhecidas, e passam a trabalhar com a edição e venda de livros na Livraria Garnier, instalada na Rua do Ouvidor. Em LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura*, pg. 97.

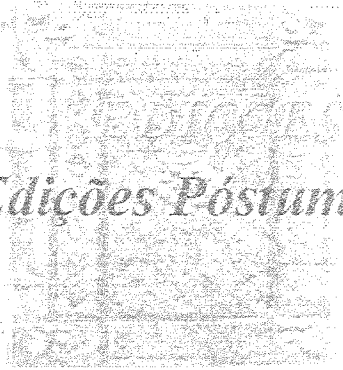
³⁴ A Comissão Machado de Assis comenta nas *Edições Críticas de Obras de Machado de Assis*, que “a edição de 1902 teve em seu lançamento publicidade negativa, devido a cochilo de revisão que deixou escapar na p. VI, na “Advertência” de Machado de Assis, uma troca de letras que resultou em palavra imprópria. A letra que provocou o escândalo foi raspada e, sobre ela, escrita a nanquim a letra certa, trabalho realizado pelo Sr. Eduardo Lemos (J. Galante de Sousa, *Bibliogr.*, p. 105). Trata-se do caso narrado por José Mindlin, citado na página 13.

Corina”, “Última folha”, (*Falenas*) “Flor da mocidade”, “Quando ela fala”, “Manhã de inverno”, “La marquesa de Miramar”, “Sombras”, “*Ite, missa est*”, “Ruínas”, “Musa dos olhos verdes”, “O noivado”, “A Elvira”, “Lágrimas de cera”, “Livros e flores”, “Pássaros”, “O verme”, “*Un vieux pays*”, “Luz entre sombras”, “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte”, “Pálida Elvira”, (*Americanas*) “Potira”, “Niâni”, “A Cristã nova”, “José Bonifácio”, “A visão de Jaciúca”, “A Gonçalves Dias”, “Os semeadores”, “A flor do embiruçu”, “Lua nova”, “Sabina”, “Última jornada”, “Os Orizes”, (*Ocidentais*) “O desfecho”, “Círculo vicioso”, “Uma criatura”, “A Artur de Oliveira – enfermo”, “Mundo interior”, “O corvo”, “Perguntas sem resposta”, “*To be or not to be*”, “Lindóia”, “*Suave mari magno*”, “A mosca azul”, “Antônio José”, “Espinoza”, “A Gonçalves Crespo”, “Alencar”, “Camões”, “1802-1885”, “José de Anchieta”, “Soneto de Natal”, “Os animais iscados da peste”, “Dante”, “A Felício dos Santos”, “Maria”, “A uma senhora que me pediu versos”, “Clódia”, “Velho fragmento” e por fim, “No alto”.³⁵

Além dos poemas, as primeiras edições estampam em suas páginas um recorte da história da imprensa, ainda nova no Brasil. Junto com B.L. Garnier e H. Garnier, os Laemmert fizeram história no país com publicações de grande importância para o século XIX. Na entrada do século XX, novas tipografias e editoras passaram a figurar no cenário tipográfico-editorial brasileiro, introduzindo diferentes formas e estilos de trabalho.

Analisaremos a seguir, o trabalho das principais editoras e a história “paralela” da imprensa brasileira, contada nas páginas de rosto e contra-capas de cada edição.

³⁵ Além de 1901 e 1902, a Garnier publicou *Poesias Completas* em 1924 novamente. Naquela ocasião, a casa Garnier na mesma rua do Ouvidor já havia sido renumerada de 79 para 109, em 1910. Era o início de uma nova era da Garnier, após a morte de Baptiste Louis Garnier. O antigo prédio foi reformado e a nova loja inaugurada com uma festa de gala no dia 19 de janeiro, e contou com as importantes presenças do cônsul francês, de toda a imprensa do Rio de Janeiro e dos literatos proeminentes da cidade. Os convidados foram presenteados com romances de Machado de Assis, autografados pelo autor. Ver site da Academia Brasileira de Letras (www.academia.org.br).



Edições Póstumas

A primeira edição póstuma foi publicada pela Garnier, em 1924, já sob a nova administração de Hypolite Garnier. Algumas poucas diferenças fazem desse volume uma edição, quando poderia ser uma reimpressão da primeira edição.³⁶

No vaivém das publicações da obra completa de Machado de Assis, os direitos autorais permaneceram com a livraria Brigueit-Garnier, sucessora da Garnier, que por volta de 1936 revendeu esses direitos à companhia americana W.M.Jackson, que em 1937 lança a primeira edição das *Obras Completas* de Machado de Assis. O volume foi dividido em duas partes: a primeira reúne todos os poemas de *Poesias Completas*, obedecendo a ordem de publicação dos livros: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais*. A segunda parte reúne os poemas suprimidos de 1901, publicados apenas nas primeiras edições dos respectivos volumes: *Crisálidas* (da 1ª edição), *Falenas* (da 1ª Edição) e *Americanas* (da 1ª edição).

Vinte e dois anos mais tarde, em 1959, a Editora José Aguilar Ltda também lançava sua *Obra Completa* de Machado de Assis, em 3 volumes. O terceiro deles apresentava os poemas de Machado e obedecia à mesma divisão feita pela W.M.Jackson, variando na nomeação das partes: *Poesias Completas* e *Poesias Coligidas*.

A partir do trabalho dessas duas editoras, as demais seguiram o mesmo padrão na divisão do volume de poemas: duas partes, uma com poemas de 1901, e outra com os poemas suprimidos. Em sua coleção, a Editora Globo dividiu em dois volumes, sem

³⁶ Um ponto final não impresso, ou uma vírgula, uma palavra ausente no verso ou a troca por outro sinal de pontuação, são elementos suficientes para identificar se se trata de uma reimpressão ou de uma reedição. Em 1924, os sinais de pontuação mal impressos e a ausência em alguns versos fizeram desse volume uma reedição de 1901. Embora, os caracteres pudessem ter perdido a formatação, gastos pelo tempo, essa hipótese não sustenta todos os problemas observados nas edições.

contudo fornecer o título das partes. O mesmo fizeram a Linográfica. Civilização Brasileira e Garnier que, em 2000, relançou as *Poesias Completas*.

São exceções a Editora Agir que, em 1977, lançou no mercado um pequena antologia dos poemas de Machado, selecionados e apresentados por Eugênio Gomes, com a finalidade de explicar através dos textos as influências inglesas em Machado de Assis, e a Editora Minden que, em 1998, publicou *Machado de Assis & confrades de versos*, com organização e apresentação de John Gledson. Trata-se de um volume totalmente dedicado aos poemas traduzidos por Machado de Assis. Em 2000, a Editora Crisálida publicou o primeiro volume de poemas do autor: *Crisálidas*.³⁷ Esses casos figuram à parte de todo o trabalho desenvolvido anteriormente, pois não se trata do lançamento de uma obra completa, mas de volume autônomo.

Veremos a seguir os aspectos comuns às editoras que lançaram a obra completa de Machado de Assis, e quais se destacam no tocante às diferenças observadas no cotejo.

³⁷ Consta na parte “Metodologia” do projeto de Mestrado que apresentei para avaliação, a seguinte explicação: “Não serão utilizados nesse trabalho, antologias poéticas. A proposta é trabalhar somente com as edições organizadas por Machado de Assis (1864, 1870, 1875, 1901, 1902) e as edições póstumas”. Portanto, a publicação da editora Agir não consta neste trabalho.

1.1 De Editoras e Edições

Editora W.M.Jackson:

Seis grandes editoras publicaram a obra completa de Machado de Assis. Com sede em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a W.M.Jackson foi a primeira a lançar no mercado as suas *Obras Completas* de Machado de Assis, em 1937, 1938, 1944, 1946, 1950, 1953, 1957 e 1959. Nenhum desses exemplares descreve o material utilizado na confecção do livro. Encontrei para consulta os exemplares de 1937, 1938, 1944, 1946, 1957 e 1959.

As edições de 1937, 1938, 1944 e 1946 estamparam em suas páginas os poemas de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*, e poemas esparsos, publicados por Machado de Assis em jornais e revistas, a saber: “A derradeira injúria”, “No álbum da rainha D. Amélia” e “O Almada”. 534 páginas contra 562 das publicações de 1957 e 1959, num acréscimo de outros poemas: “Refús”, “A Guiomar”, “No álbum de D. Branca P. da Cunha” e o famoso soneto “A Carolina”. A última estrofe da III parte dos “Versos a Corina” suprimida em 1901 e nos outros volumes dessa coleção, foi incluída nessas publicações, na parte que apresenta os poemas impressos nas 1ª edições.

De todas as editoras, a W.M. Jackson destaca-se por apresentar poucos conflitos entre suas várias edições e reimpressões. Em contrapartida, apresenta o menor número de informações a respeito de suas publicações.

Editora José Aguilar, G.B.Companhia José Aguilar Editora, Editora Nova Aguilar:

Um ano depois de instituída a Comissão Machado de Assis, pelo Ministério da Educação e Cultura, e no ano de lançamento da última edição da W. M. Jackson, surge no mercado a *Obra Completa* de Machado de Assis, da Editora José Aguilar, organizada pelo crítico Afrânio Coutinho em 1959.³⁸ O trabalho de impressão levou cinco meses para ser concluído, conforme podemos observar na explicação fornecida na última página da edição: “A presente edição do volume terceiro da Obra Completa de Machado de Assis constitui o número dezesseis da série Brasileira da Biblioteca Luso-brasileira, coleção que se publica no Rio de Janeiro pela Editora José Aguilar Ltda, sob a direção literária de Afrânio Coutinho, com a colaboração em Lisboa, para a série portuguesa, de João Gaspar de Simões e abrange as obras-primas dos grandes autores que integram o rico patrimônio das duas literaturas irmãs do Brasil e Portugal. O livro teve a sua composição iniciada aos quinze dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta e nove e acabou de imprimir-se em São Paulo, nas oficinas da Impress. Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda, aos dez dias do mês de outubro do mesmo ano. Foi composto em caracteres Linotype Times Roman de corpo oito com notas de sete, e títulos e cabeças em tipos móveis Garamond de corpos 12, 16, 20 e 24. O Papel, marcado a água com o ex-libris da Editora BLB, foi especialmente fabricado por Ryburndale Co., Ripponden, no Yorkshire, Inglaterra.”

A Editora José Aguilar Ltda, inaugura um novo modelo e método de trabalho. As edições da coleção *Obra Completa* de Machado de Assis, entre poemas e minúcias de impressão, apresenta ao leitor ensaios críticos de Manuel Bandeira, Afrânio Coutinho, Eugênio Gomes e José Galante de Souza, que prepararam para esse volume uma biografia, uma chave de leitura, um índice remissivo e um censo dos personagens dos romances, contos e do teatro de Machado de Assis, além de um comentário sobre a fixação dos textos apresentados pela coleção, sendo o terceiro destinado à apresentação dos poemas, crônicas, cartas e ensaios de crítica literária publicados em jornais e revistas. Afrânio Coutinho foi o organizador dos volumes da José Aguilar Ltda; GB, Companhia José Aguilar Editora e Editora Nova Aguilar, desde a primeira edição em 1959 até 2000, ano de sua morte.

No tocante à poesia, o volume está dividido em duas partes: *Poesias Completas* e *Poesias Coligidas*. A parte denominada *Poesias Completas* obedece ao padrão da primeira edição. Os poemas suprimidos de *Poesias Completas* constituem o que a editora denominou *Poesias Coligidas*. Em cada uma das partes indica-se o livro original de cada poema.³⁹ “O Almada”, um poema herói-cômico em oito cantos, e outros tantos poemas publicados em jornais e revistas desde o início da carreira literária de Machado, foram incluídos na edição, e apresentados na parte denominada *Dispersas*.⁴⁰

Ao final de cada um dos volumes de poemas, Machado de Assis acrescentou notas, as quais constam nas edições da José Aguilar na parte que cabe à poesia machadiana.

Em 1962 a Editora José Aguilar repete o feito de 1959, e lança no mercado após cinco meses de impressão, outra edição da *Obra Completa*. Dez anos depois, a GB. Companhia José Aguilar Editora reiniciou os trabalhos para mais outra edição. Nos primeiros 15 do mês de agosto de 1972 teve início a impressão, acabada aos 20 dias do mês de maio de 1973, nas mesmas oficinas da Impress. Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda, em São Paulo.

A cada publicação a editora acrescentava à página de rosto das edições uma nova data de lançamento da coleção, compondo a lista de publicações da obra completa de Machado. Em 1992, a Editora Nova Aguilar acrescentou à lista a quarta publicação. A primeira edição foi lançada em 1959, sendo as posteriores classificadas pela editora como reimpressões da primeira edição. No entanto, a comparação das publicações mostra que essas informações entram em choque com os dados obtidos neste trabalho. Há uma variação entre as publicações, caracterizando-as como edições e não reimpressões da primeira edição.

Impressa nas oficinas da Editora Vozes, com 1200 páginas, a edição de 1992 levou 25 dias para ser concluída, assim como a oficina tipográfica da Editora Santuário na impressão das edições de 1994 e 1997, com as mesmas 1200 páginas.

³⁸ Na última página das edições podemos observar uma mudança histórica do país: Em 1959 éramos os Estados Unidos do Brasil; em 1962 a República Federativa do Brasil.

³⁹ *Poesias Coligidas: Crisálidas* (da Primeira Edição), *Falenas* (da Primeira Edição), *Americanas* (da Primeira Edição).

⁴⁰ Dentre os poemas apresentados nessa parte da edição, figura “A Palmeira”, o motivo de inúmeras discussões entre os críticos que procuraram estabelecer qual o primeiro poema que Machado publicou nos jornais da época.

Todas as publicações da Nova Aguilar obedecem um padrão de apresentação do volume: encadernação em couro, capa verde com a assinatura de Machado de Assis em letras douradas, papel Bíblia, Fto. Norma: 800/ 1600 pp.; 12 x18,5 cm, Fto. Leve: 500/ 900 pp; 9,5 x 16 cm, e uma foto do autor na folha de rosto. Na edição de 1959 vemos estampada a foto do busto do escritor, do escultor Humberto Cozzo, que hoje se encontra no balcão da Livraria da Academia Brasileira de Letras. Na edição de 1973 é a vez do desenho de Rodolfo Bernardelli, presente desde então nas edições da Aguilar. As publicações da coleção continuam nos anos de 1971, 1979, 1985, 1986 e 1990, volumes esses não encontrados.⁴¹

Nos volumes cotejados, as semelhanças podem ser observadas NAS LETRAS MAIÚSCULAS que marcam o início de cada poema, obedecendo a uma convenção da época:

“MOÇA CRISTÃ das solidões antigas,”⁴²

“DOBRA o joelho: - é um túmulo.”⁴³

Quanto às aspas, a editora optou pela regra dos nossos dias, ou seja, aspas para abrir e fechar o parágrafo ou a estrofe, como podemos observar no poema “Camões”.

A versão de Machado é a seguinte:

“E disse: “Se já noutra antiga idade,
“Tróia bastou aos homens, ora quero
“Mostrar que é mais humana a humanidade.
“Pois não serás herói de um canto fero,
“Mas vencerás o tempo e a imensidade
“Na voz de outro moderno e brando Homero.”

⁴¹ Essas são as datas apresentadas pela Nova Aguilar na sua lista de publicações na página de rosto: PRIMEIRA EDIÇÃO: 1959, SEGUNDA IMPRESSÃO: 1962, TERCEIRA IMPRESSÃO: 1971, QUARTA IMPRESSÃO: 1979, QUINTA IMPRESSÃO: 1985, SEXTA IMPRESSÃO: 1986, SÉTIMA IMPRESSÃO: 1990, OITAVA IMPRESSÃO: 1992 E NONA IMPRESSÃO: 1994.

⁴² Verso 1 da 1ª estrofe do poema “Potira”, in *Americanas*.

⁴³ Verso 1 da 1ª estrofe do poema “Epitáfio do México”, in *Crisálidas*.

E a versão da Nova Aguilar é:

E disse: “Se já noutra, antiga idade,
Tróia bastou aos homens, ora quero
Mostrar que é mais humana a humanidade.

Pois não serás herói de um canto fero,
Mas vencerás o tempo e a imensidade
Na voz de outro moderno e brando Homero”.

A sequência: ponto final - aspas é invertida pela editora, que imprime em todas as edições, aspas-ponto final, método posteriormente adotado pela Editora Globo, bem como toda a estrutura dos volumes publicados pela Nova Aguilar, inclusive as letras maiúsculas no primeiro verso de cada poema.⁴⁴

Com um número semelhante de publicações da W.M. Jackson, a Nova Aguilar apresentou maior quantidade de informações, mas da velha companhia G.B Aguilar para Nova Aguilar, não vemos uma renovação nos erros apresentados nos poemas das edições da *Obra Completa* de Machado de Assis. Pode-se dizer que alguns foram padronizados, e outros tantos acrescidos a cada edição lançada.

Os problemas apresentados em 1959 não são os mesmos dos problemas de 1962, 1973 e daqueles das edições posteriores. Observamos alguns erros da primeira edição em 1962, e em 1973 somam-se novos erros.

Exemplo disso é a 2ª estrofe do poema “Lágrimas de cera”. O primeiro e segundo versos da edição de 1870, *Falenas*, tornam-se o terceiro e quarto versos na edição de 1973.⁴⁵

⁴⁴ A edição crítica da Comissão Machado de Assis, comenta detalhadamente esses aspectos nas páginas 92 a 116.

⁴⁵ O problema desse verso é analisado sob outro enfoque nas observações finais da dissertação.

“Ajoelhou-se defronte	“Curvou a pálida fronte
Para fazer a oração;	E pôs os olhos no chão.
Curvou a pálida fronte	Ajoelhou-se defronte
E pôs os olhos no chão.”	Para fazer a oração;

Muitos dos poemas são dispostos na página de uma forma confusa para o leitor. As 2000 páginas do 3º volume da coleção *Obras Completas* parecem poucas para tantos textos, embora nem todas estejam reservadas apenas para a poesia, pois temos ainda as crônicas, as cartas e os ensaios de crítica literária...

Podemos observar essa disposição no poema “Niâni”, do livro *Americanas*. Composto de V partes, com estrofes de quatro versos cada, na edição de 1997, a 2ª estrofe da II parte do poema está disposta da seguinte forma:

II	
[1ª estrofe]	[continuação da 2ª estrofe]
[2ª estrofe]	[3ª estrofe]

Essa sequência de versos e estrofes pode atrapalhar a leitura do poema, especialmente se a metade de uma estrofe estiver na página seguinte. Podemos imaginar a confusão do leitor: a estrofe continua na coluna ao lado ou na próxima página?

Entretanto, a editora mostrou-se apta não apenas para criar um método, que embora confuso, é também por vezes eficiente em evitar confusões de natureza diversa. Essa outra faceta da Nova Aguilar demonstra o cuidado necessário com os textos que apresenta em seu volume, indicando no início de cada seção, o método de trabalho utilizado, e assim, textos aparentemente inexistentes, podem ser encontrados em suas publicações. Esse é o caso da famosa estrofe da III parte do poema “Versos a Corina”, refugada por Machado de Assis em 1901. Nas edições da Nova Aguilar, ela é apresentada na sessão *Poesias Coligidas*, 169 páginas após a impressão do poema, acompanhada da seguinte indicação:

VERSOS A CORINA (Fragmento de III)

Mas, se o leitor que já passou pelos poemas de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais* não compreende o que está indicado, pode resolver o problema voltando à página de apresentação da seção *Poesias Coligidas*, na qual encontrará a explicação da editora:

“ * Esta seção, além da matéria excluída pelo autor dos volumes *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, inclui “O Almada” e diversas poesias de Machado de Assis recolhidas dos jornais ou revistas onde apareceram pela primeira vez, e que não foram aproveitadas por ele nos livros que publicou. A maioria provém do volume organizado por J. Galante de Sousa, *Poesia e Prosa*. Para efeito de documentação, conservam-se as indicações da primeira publicação. A ordem adotada é a cronológica.

Também se reproduziu aqui o soneto “A Carolina”, posterior à publicação das *Poesias Completas*, e que foi inserido pelo autor em *Relíquias de Casa Velha* (2º volume desta edição). ”

Entretanto, se a dúvida não for esclarecida, há ainda um último recurso: voltar à página de apresentação da seção *Poesias Completas* e ler a explicação que se segue:

“ * A única modificação introduzida na estrutura do volume das *Poesias Completas* refere-se ao poema “O Almada”. Ao organizar aquele volume, Machado de Assis inseriu, sob o título de “Velho Fragmento”, um trecho daquele poema publicado anteriormente na *Revista Brasileira* e em *A Estação* (vide J. Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis*, p. 514). Com o intuito de oferecer o poema na íntegra, foi omitido o “Velho Fragmento” de seu local nas *Ocidentais*, onde aparecia antes de “No Alto”, reproduzindo-se “O Almada” por inteiro em seção especial das “*Poesias Coligidas*”.

A editora manteve a divisão da primeira edição de *Poesias Completas*, conforme consta na explicação que abre a seção “Poesias”:

“ * Esta seção abrange a produção poética do autor. Divide-se em duas partes: “Poesias Completas”, reproduzindo o volume de mesmo título que publicou em 1901; e “Poesias Coligidas”, reunindo a matéria por ele excluída dos seus livros primitivos, quando organizou aquele volume, e a restante produção dispersa por jornais, revistas, álbuns, etc. A data de composição da poesia, quando existente no original do A., ou conhecida, vai no final da linha do título respectivo; a de publicação vai ao pé da poesia correspondente, com sigla que inclui o nome do jornal ou revista em que apareceu, e local, de acordo com a seguinte lista:
[segue abaixo a lista da editora]”

Das editoras que lançaram a obra completa de Machado de Assis, a Nova Aguilar possui umas das coleções mais caras e bem sucedidas no mercado editorial, sendo também uma das mais vendidas e conhecidas do público leitor.

Editora Linográfica Ltda:

Entre famosos e desconhecidos, a Editora Linográfica Ltda é o que se pode chamar de “desconhecida” do grande público leitor. Com sede em São Paulo lançou em 1968 as *Obras Ilustradas de Machado de Assis*, exemplares em capa dura, de cor azul com fotos de Machado de Assis e do Rio de Janeiro de sua época, as quais lembram, em parte, as publicações da W.M. Jackson no que se refere à falta de informações do material utilizado na confecção do livro. Entre outras coisas, os poemas estão estampados em algumas das 285 páginas desse volume que traz também o romance *Ressurreição* e os *Contos Fluminenses*. São páginas confusas, de uma edição confusa.

No índice, por exemplo, o poema “O Almada” está indicado como impresso na página 425, o que é impossível para um livro de 285 páginas. Ao que parece, a editora dividiu as *Obras ilustradas de Machado de Assis* em vários volumes e fez uma divisão também dos livros de poesia. Presume-se que os poemas de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas* tenham sido impressos separadamente dos poemas de *Ocidentais* e d’*O*

Almada, sendo que estes dois últimos estariam num outro volume, não encontrado para pesquisa.⁴⁶ Apesar disso, os textos publicados são muito próximos dos que constam nas primeiras edições de Machado de Assis. Se comparado com o trabalho de outras editoras, o da Linográfica se destaca como sendo mais confiável quanto à fidelidade dos textos.

O mérito da edição é esse: a fidelidade aos *textos-base*, maior que em qualquer outra edição consultada, até mesmo *Poesias Completas* das Obras Críticas da Editora Civilização Brasileira em conjunto com o INL. Entretanto, tal fidelidade não é suficiente para proclamar a publicação da Linográfica como a melhor das edições, devido aos problemas de organização das informações e a omissão dos textos de *Ocidentais*.

Editora Globo S.A.:

Menos confuso é o trabalho da Editora Globo S.A. nas suas *Obras Completas de Machado de Assis*. Com sede em São Paulo, a editora lançou a coleção pela primeira vez em 1997, num total de 32 volumes, todos de capa dura contendo diversas ilustrações de fundo dourado, impressos e acabados na Gráfica Editoriale de Milão, na Itália, em papel que lembra o reciclado. O trabalho realizado contou com a assessoria editorial de Maria Augusta Fonseca, e do conjunto, dois volumes estão destinados à poesia: *Crisálidas, Faleas & Americanas* e *O Almada & outros poemas*. Em 2000, a Editora Globo reimprimiu as 246 páginas do volume *Crisálidas, Faleas & Americanas*, cuja revisão textual ficou a cargo de Levon Yacubian, editoração eletrônica e fotolitos da A.M. Produções Gráficas Ltda. A capa de Ettore Bottini traz o óleo sobre tela “Lilases em um Vidro”, ilustração de E. Manet, 1880. Do mesmo modo as 170 páginas de *O Almada & outros poemas* foram reimpressas, com capa de Ettore Bottini e ilustração de Emil Bauch, um óleo sobre tela da “Entrada da Barra, Vista de Santa Teresa”, 1859. Nesse volume, constam os poemas de *Ocidentais*, e alguns esparsos, publicados em jornais e revistas da época.

⁴⁶ Não informa quantos volumes compõem a coleção.

A organização obedece aos mesmos critérios das outras editoras, ou seja, primeiro estão impressos os poemas de *Poesias Completas* e em seguida os poemas suprimidos dessa edição: (nome do livro) / (da 1ª edição).

Divisões de livros e poemas à parte, as LETRAS MAIÚSCULAS para iniciar os versos de cada poema lembram o trabalho da Nova Aguilar. A edição não apresenta ensaios ou chave de leitura, mas indica o que já se tornou “canônico” sobre a obra de Machado de Assis. Ainda apresenta o autor, através de uma pequena biografia, seguida da relação das colaborações de Machado em jornais, revistas e livros publicados em vida.

Quanto aos erros, se há alguma espécie de “tratado” que estabelece como cada editora padroniza os seus, trata-se de algo desconhecido do público; o que não impede de observarmos novamente que, cada editora apresenta os mesmos problemas nas suas diferentes edições. Os erros resistem ao tempo, aos organizadores e seus cuidados na elaboração e publicação das edições.

O poema mais extenso de *Crisálidas* rendeu a Machado de Assis o apelido de “príncipe dos alexandrinos”, devido à metrificação. Os “Versos a Corina” que renderam elogios no século XIX, debitaram prejuízos mais tarde. A estrofe da III parte do poema, refugada por Machado de Assis em 1901, pode ser lida ao final da décima página na edição da Editora Globo, através da seguinte indicação: “Versos a Corina, Fragmento de III”.

A compreensão do livro, da poesia de Machado e dos “Versos a Corina”, em especial, fica fragmentada. O leitor neste caso, não encontra os mesmos recursos dispostos na edição da Nova Aguilar, que inclui notas explicativas a respeito da divisão dos livros e da disposição dos poemas. Para o leitor da Editora Globo, esse trecho “Versos a Corina, Fragmento de III” pode estar desvinculado do poema “Versos a Corina”, uma vez que depende única e exclusivamente de sua própria e – por vezes – limitada compreensão da produção poética de Machado de Assis. Seriam novos versos ou uma nova Corina? Cabe à imaginação de cada leitor fornecer a resposta à pergunta tão pertinente.

Livraria Garnier:

Já na edição da Garnier não encontramos fragmento do poema. A *Coleção dos Autores Célebres* da literatura brasileira, lançada em 2000, apresentou *Poesias Completas* numa nova publicação, com revisão de Adriano da Gama Cury, capa de Cláudio Martins e vinheta de capa e ilustrações de Poty⁴⁷. Instalada à rua Benjamin Constant, 118 no Rio de Janeiro e rua São Geraldo, 53 em Belo Horizonte, a nova Livraria Garnier enviou as 371 páginas do livro para impressão na Lithera Maciel Editora Gráfica Ltda⁴⁸. A impressão dos poemas obedece à mesma divisão apresentada pelas outras editoras: poemas incluídos em *Poesias Completas* e poemas suprimidos. Ao fim do livro *Crisálidas*, e antes do início da parte reservada aos poemas da 1ª edição, suprimidos em 1901, há a seguinte anotação após o último verso do poema “Última folha”:

“FIM DE CRISÁLIDAS (1901/ 1902).”

Nas páginas de rosto que indicam o início de um dos três livros publicados antes de 1901, estão impressas as datas da primeira edição, a saber: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875). Para os outros livros não há esse tipo de anotação, pois os poemas suprimidos em 1901 foram impressos em 2000, sem nenhuma indicação. Das “Notas” de Machado de Assis sobre os poemas foram publicadas as que se referem apenas a “Flor da mocidade”, “La Marquesa de Miramar”, “Un vieux pays” e “Lira Chinesa”. A editora Globo “fragmenta” a compreensão do leitor de “Versos a Corina”, e a Garnier faz o mesmo com as notas dos poemas. Ante os métodos de divisão do volume, da disposição dos versos na página, que leitor será capaz de identificar um problema no verso 41 da II parte do poema “Os Orises”, que na primeira edição de *Americanas* está impresso da seguinte forma:

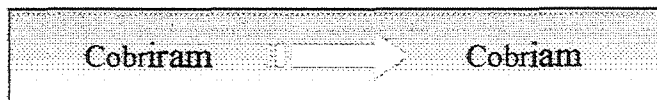
“Todo o ar cobriram; mas o extremo grito”

⁴⁷ Essa coleção publicou dezoito volumes da obra machadiana, a saber: *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó*, *Memorial de Aires*, *Contos Fluminenses*, *Histórias da Meia-Noite*, *Papéis Avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias Histórias*, *Páginas Recolhidas*, *Relíquias de Casa Velha*, *Casa Velha* e *Poesias Completas*.

⁴⁸ O volume consultado leva o número 3018/ 2B no catálogo geral.

E na nova edição de *Poesias Completas* da Garnier do século XX, é apresentado com uma “pequena” alteração:

“Todo o ar cobriam; mas o extremo grito”

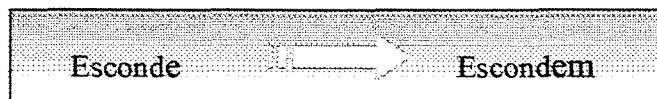


Alteração de mesmo tipo sofreu o verso 8 da IV parte do poema já citado. Na primeira edição de *Americanas* temos:

“Ao brutal sacrifício.... Oh! cala, esconde,

E na edição da Garnier de 2000:

“Ao brutal sacrifício... Oh! cala, escondem,



Não é necessário qualquer esforço para esconder problemas como esse, pois podem ser observados em outras edições. Mas, somente um leitor especializado identificaria os problemas observados. O leigo, maioria no mercado, fica à mercê da loteria das diferentes versões do texto. Reservados os exageros e dramaticidade à parte, o que se vê é uma espécie de “brutal sacrifício” da produção poética machadiana na tribo das editoras e seus trabalhos. Entre problemas de impressão, revisão, organização dos textos e publicação, a História da Literatura do Brasil recém-nascido, da cidade do Rio de Janeiro, dos livros, livrarias, e do tempo que corria por entre as linhas de cada nova edição, contava o que os versos não mostravam, mas que estampada nas capas e contra-capas, se desnudava aos olhos mais ávidos por uma tradição que se construía.

Deixemos temporariamente os problemas de lado, que eles já são muitos e irremediáveis, ao menos nas edições já publicadas. Afinal, olhar para uma edição da Livraria Garnier é também olhar para a tradição que essa casa construiu e solidificou no mercado editorial brasileiro, num Rio de Janeiro e num Brasil que contavam com poucas

livrarias-editoras. A fachada do prédio na Rua do Ouvidor não anunciava as rodinhas de literatos que se formavam ao final das tardes em acaloradas discussões sobre política, literatura ou assuntos de interesse comum. A cadeira cativa do mais ilustre escritor da casa, Machado de Assis, não estava na vitrine. Os contratos não descreviam os motivos das assinaturas de tantos literatos que a eles se renderam, mas, que documentam parte da história que escapou aos catálogos e anúncios da livraria e editora do “Bom Ladrão”, o velho B.L.Garnier. Que tradição é essa por tantos esquecida e desconhecida de nossa geração? Teria sido a Garnier a livraria mais importante de seu tempo ou teria apenas ocupado um lugar de destaque em um momento perdido ou apagado da história brasileira?

De fato, foi famosa a Garnier do século XIX, que já não existe mais. No entanto, o recurso utilizado para o leitor do século XXI reconhecer a tradição do nome do passado, está impresso logo nas primeiras páginas da mais recente edição das *Poesias Completas* da casa que hoje carrega o nome da Garnier dos tempos de Machado. Através da data de fundação, 1844, acompanhada de uma lista do conselho consultivo editorial composto pelo presidente e conselheiros da livraria⁴⁹, a Garnier dos nossos tempos, imprime a memória do tempo passado e do leitor do presente nas linhas que explicam a pesquisa filológica realizada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, salientando que “das Poesias Completas de Machado de Assis publicaram-se duas edições em vida do Autor, ambas impressas em Paris por H. Garnier, Livreiro Editor, a primeira datada de 1901 e a segunda de 1902, mera reimpressão, com a mesma composição e os mesmos erros tipográficos, sem que fossem corrigidos sequer os constantes da errata, bastante extensa, anexa à 1ª edição./ Além disso, o aproveitamento da composição deu margem a que, na 2ª edição, surgissem novos erros, provocados pelo desgaste e até pelo desaparecimento de letras – sobretudo em final de linha./ Em vista do exposto preferiu-se a 1ª edição como texto-base./ Foi consultada com proveito, a despeito das gralhas de revisão, a edição crítica da Comissão Machado de Assis, publicada em 1976 pela Civilização Brasileira em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Por ela foram, ainda conferidos os poemas que não constam da edição de 1901, mas figuram nas primeiras edições de Crisálidas, Falenas e Americanas, igualmente consultadas

⁴⁹ Conselho consultivo editorial: 1996-1999; Presidente: Pedro Paulo Moreira; Conselheiros: Adriano da Gama Cury, Antonio Brito da Cunha, Antonio Candido de Mello e Souza, Antonio Paim, Ascendino Leite, (†) Francisco Iglesias, Eugênio Amado, Gilda de Mello e Souza, Hênio Tavares, Homero Senna, Letícia Mallard, Melânia Silva de Aguiar, Miguel Reale, Ruth Silviano Brandão, Wilton Cardoso. Embora a editora mostre na primeira página que foi fundada em 1844, na capa (parte de trás do livro) consta que foi fundada em 1843.

em caso de dúvida./ Foi excluída de Faleas a peça “Uma Ode de Anacreonte”, uma vez que figura no volume Teatro.”⁵⁰

Soma-se à tradição da editora e à credibilidade do trabalho da Fundação Casa de Rui Barbosa o nome de José Veríssimo, contemporâneo de Machado de Assis e crítico literário respeitado, que teve impresso nessa nova edição Garnier um texto seu: “não sei, nem se me preocupam estas classificações, se o Sr. Machado de Assis é um grande poeta – e qual dentre os nossos se pode chamar sem restrições um grande poeta? – não indago mesmo se ele tem a nossa poesia uma situação preeminente; penso que deve ocupar de direito nela um lugar distinto. Pela pureza e correção de forma, pela singularidade do pensamento, pela delicadeza refinada dos sentimentos e da expressão, ele mereceria entre os nossos poetas um dos primeiros lugares. Nenhum o excede na concepção e realização de tema de uma emoção ligeira, brincalhona, irônica, revestida de uma forma leve, alada, finamente elegante, como essa de Uma ode de Anacreonte”, e acrescenta ao final do texto que a poesia de Machado não contenta plenamente a nossa necessidade de emoção, mas a poesia que “dele recebemos é freqüentemente encantadora e deliciosa, mas não depurada pela forma, tão recatada de sentimento, de comum tão intelectual que raro irá ao fundo da nossa vida sentimental e afetiva. Regalo para outros poetas, para intelectuais, gozo para espíritos literários e para refinados, não satisfará talvez aos que o não forem. É para mim o seu defeito capital; o poeta lhe achará porventura a sua principal virtude... E ambos talvez tenhamos razão...”

A despeito dos comentários dos contemporâneos de Machado, os críticos da geração seguinte classificaram sua poesia como romântica no primeiro livro e de tendência parnasiana nos demais, e esse legado tem sido transmitido de geração para geração até que se estude mais detidamente a produção poética do autor. Das classificações, aproveitamos pouco para uma produção poética cuja relação com toda a obra do autor pode ser observada desde os primeiros poemas. Bom ou mau poeta? Tradicional ou apenas “famosa”?

Na história literária e do Brasil, Machado de Assis e Garnier com sua livraria e editora ocupam lugar de destaque também na história das edições brasileiras.

Mas, voltemos para as edições e seus recorrentes problemas. Vamos aos índices...

⁵⁰ Explicação dada pela equipe de pesquisa filológica da Fundação Casa de Rui Barbosa, no texto “Sobre esta edição”, pg. 11.

1.2 Como são organizados os índices?

O que o índice pode revelar sobre uma edição?

Na primeira página ou na última, ele anuncia os textos que compõem o livro. O índice é uma espécie de “bússola” do leitor para localizar o texto desejado.

A partir da comparação das “bússolas” podemos anotar as variantes entre as edições. Começando pela Editora Garnier, passando pela W.M.Jackson, Nova Aguilar, Civilização Brasileira, Linográfica e Globo, nos índices temos o “resumo histórico” sobre o que aconteceu aos poemas de Machado e que modificações a estrutura geral de *Poesias Completas* sofreu, parâmetro para a organização dos volumes até hoje publicados.

Temos, portanto, um *texto-base* para os poemas e para os índices.

Na primeira edição de *Crisálidas* o índice consta nas páginas 177 e 178. Em *Falenas* nas primeiras páginas, 5 e 6. Em *Americanas* não há índice. Os poemas de *Ocidentais* estão arrolados no índice de *Poesias Completas*, ao final do volume.

Nada mudou desde a época de Machado; o formato continua o mesmo. Primeiro, o título do poema e, ao final da linha, o número da página; no meio um espaço em branco a separá-los.

As variantes são facilmente visualizadas na quantidade de poemas que cada edição apresenta e na veracidade das informações anunciadas, muitas vezes não confirmadas pelos textos.

Para adentrarmos no desconhecido mundo dos índices, devemos escolher a nossa “bússola”, a qual deve ser formada por várias peças, a saber: os índices das primeiras edições de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, somados ao índice de *Poesias Completas*.

Em *Crisálidas* temos:

Prefácio	7	As ondinas	95
Musa consolatrix	21	Maria Duplessis	97
Stella	23	Horas vivas	101
Lucia	27	As rosas	103
Dilúvio	31	Os dous horizontes	107
Visio	35	Monte Alverne	111
Fé	39	As ventoinhas	115
A Caridade	41	Alpujarra	119
A joven captiva	43	VERSOS A CORINA	
No limiar	47	I	125
Quinze annos	51	II	129
Sinhá	55	III	135
Erro	57	IV	139
Ludovina Moutinho	59	V	146
Aspiração	65	VI	149
Embirração (ao autor)	71	Ultima folha	155
Cleópatra	75	Post-facio	159
Os arlequins	81	Notas	165
Epitaphio do Mexico	87	Errata	173
Polônia	89		

Os poemas em destaque foram reaproveitados por Machado de Assis na composição de *Poesias Completas*. Dos vinte e nove poemas anunciados no índice, “Dilúvio” recebe um artigo no título, e passa a “O Dilúvio”. O título do poema “Ludovina Moutinho”, com o subtítulo “Elegia”, foi modificado em *Poesias Completas*, edição cujo índice anunciou o poema “Elegia”; antes incorporado ao título.

Em *Poesias Completas*, o índice referente a cada livro foi impresso da seguinte forma:

Crisálidas	Livros e flores	A Arthur de Oliveira, enfermo
Musa consolatrix	Pássaros	Mundo interior
Visio	O verme	O corvo
Quinze anos	Un vieux pays	Perguntas sem resposta
Stela	Luz entre sombras	To be or not to be
Epitáfio do México	Lira chinesa	Lindóia
Polônia	Uma ode de Anacreonte	Suavi mari magno
Erro	Pálida Elvira	A mosca azul
Elegia	Americanas	Antônio José
Sinhá	Potira	Spinoza
Horas vivas	Niâni	Gonçalves Crespo
Versos a Corina	A Cristã Nova	Alencar
Última folha	José Bonifácio	Camões
Falenas	A visão de Jaciúca	1802-1885
Flor da mocidade	A Gonçalves Dias	José de Anchieta
Quando ela fala	Os Semeadores	Soneto de Natal
Manhã de Inverno	A flor do Embiruçu	Os animais iscados da peste
La Marquesa de Miramar	Lua nova	Dante
Sombras	Sabina	A Felício dos Santos
Ite, missa est	Última Jornada	Maria
Ruínas	Os Orises	A uma senhora que me pediu versos
Musa dos olhos verdes	Ocidentais	Clódia
O Noivado ⁵¹	O desfecho	Velho Fragmento
A Elvira	Círculo Vicioso	No alto
Lágrimas de cera	Uma criatura	Notas

Todas as edições póstumas preservaram a estrutura geral de *Poesias Completas*, o que não significa, entretanto, que essas edições sejam uma cópia fiel de *Poesias Completas*. Em 1937, a W.M. Jackson publica “Ludovina Moutinho” de *Crisálidas*, com o texto de “Elegia” de *Poesias Completas*. A estrutura corresponde à de *Poesias Completas* e o título

⁵¹ O poema é anunciado no índice desta forma, no entanto, na página em que está impresso, aparece sob o título “Noivado”; nome pelo qual é reconhecido pela crítica e leitores de um modo geral.

ao de *Crisálidas*. Nessa miscelânea, no índice da edição não consta que há uma divisão entre os poemas publicados em 1901 e os que fazem parte apenas da primeira edição de cada livro. A divisão nas páginas da edição é feita da seguinte forma: *Crisálidas* (1864), *Crisálidas* (da 1ª edição), *Falenas* (1870), *Falenas* (da 1ª edição), *Americanas* (1875), *Americanas* (da 1ª edição) e *Ocidentais*. Portanto, o índice deixa de apresentar ao leitor os dados da edição. Em 1938, por exemplo, embora a edição obedeça à mesma estrutura organizacional e à disposição dos textos no corpo do livro que 1937, há um espaço em branco de uma linha que separa os poemas de 1901, e em seguida, o início da impressão dos poemas publicados somente na 1ª edição de cada livro. A edição de 1944, por sua vez, difere daquela de 1938 quanto a este aspecto, pois não há nenhum espaço que separe no índice, os poemas que foram publicados em 1901 e os da 1ª edição de cada livro. Quanto aos demais aspectos, não há diferença alguma. O mesmo pode ser observado em 1946.

Onze anos mais tarde, em 1957, a W.M.Jackson lança outra edição, e “Ludovina Moutinho” transformou-se novamente em “Elegia”. A última publicação da editora, lançada em 1959, obedece à mesma organização de sua precedente.

Os índices de 1957 e 1959 apresentam algumas variantes em relação às demais edições. Os poemas são praticamente os mesmos. Porém, a divisão entre os que foram publicados em 1901 e os da 1ª edição, consta na organização desse índice de forma diversa das edições anteriores. Por exemplo, o livro *Crisálidas*, está da seguinte forma no índice:

Crisálidas	9
Crisálidas (Da 1ª edição)	55

Na parte denominada *Vária*, que em nada se relaciona à parte de mesmo nome de *Falenas*, há a inclusão de outros poemas que não constam nas edições anteriores: “Refús”, “A Guiomar” e “No álbum de D. Branca P. da Cunha”, posto que 1937, 1938, 1944 e 1946 incluíram somente “A derradeira injúria” e “No álbum da rainha D. Amélia”; de modo que a seqüência é a seguinte:

VÁRIA	525
A derradeira injúria	527
Refús	537
A Guiomar	538
No álbum de D. Branca P. da Cunha	539
No álbum da rainha D. Amélia	540

Esses são poemas que andavam esparsos e foram aproveitados nessa publicação da W.M.Jackson, numa seleção de textos cuja explicação nunca chegou às mãos de seus leitores. Em todas as edições, as **Notas** dos poemas constam após “O Almada”.⁵²

Os títulos dos poemas que em 1937, 1938, 1944 e 1946 apareciam em itálico,⁵³ nessas duas últimas edições aparecem entre aspas. Foi também a partir delas, que o soneto “À Carolina” passou a figurar nas páginas das edições subseqüentes, fechando o volume *Ocidentais*. O título do poema “A Arthur de Oliveira, enfermo”, sofre uma alteração: a palavra enfermo, antes separada por uma vírgula, aparece entre parêntesis:

A Artur de Oliveira (enfêrmo)

Além disso, constam nessas edições, os poemas omitidos da 1ª de *Crisálidas* nos volumes de 1937, 1938, 1944 e 1946: “Lúcia”, “Fé”, “A Caridade”, “Aspiração”, “Cleópatra”, “A jovem cativa” e “As ondinas”. Também dão o ar da graça a estrofe do poema “Versos a Corina”, parte III, suprimida em 1901, e “Flor e Fruto”, o poema-resposta de Ernesto Cibrão ao de Machado de Assis, “Menina e Moça”.

Em meio a diferenças como essas, se fôssemos qualificar as edições das poesias de Machado de Assis quanto à uniformidade de trabalho nas diversas publicações do mesmo texto ao longo dos anos, a Nova Aguilar seria eleita a mais fidedigna e confiável no que diz respeito ao índice de suas edições. A divisão dos livros e poemas é a mesma da coleção da W.M. Jackson, diferindo desta apenas na designação das partes: *Poesias Completas* e *Poesias Coligidas*; essa última apenas com os poemas da 1ª edição de cada livro, que foram suprimidos em 1901. Já as **Notas** constam logo após os poemas. Desde a primeira

⁵² O poema “O Almada” foi publicado separadamente.

⁵³ *Ite missa est, Un vieux pays, To be or not to be e Suave mari magno.*

publicação, em 1959, até a última em 1997, os índices são os mesmos. No caso da Aguilar, a variação se faz presente apenas no total de páginas impressas para cada edição, uma vez que em algumas dessas edições os poemas ocupam maior ou menor espaço na página, influenciando então no número final das páginas.

Seguindo esse modelo iniciado pela Jackson, de divisão em duas partes, uma para os poemas publicados em 1901, e a outra para os supridos daquela edição, a Editora Globo perpetuou em 1997, a tradição iniciada pela W.M. Jackson e herdada pela José Aguilar Editora.

Outros pormenores podem ser também observados em relação a *Falenas*, livro do qual Machado de Assis aproveitou mais peças para a composição de *Poesias Completas*. O índice da primeira edição foi apresentado na ocasião de seu lançamento da seguinte forma:

VÁRIA / Prelúdio	11	Cegonhas e rodovalhos	79
Ruínas	15	A um legista	85
Musa dos olhos verdes	19	O verme	89
La Marquesa de Miramar	21	Estâncias a Ema	91
Sombras	27	Um vieux pays	101
Quando ela fala	29	A morte de Ofélia	103
Visão	31	Luz entre sombras	107
Manhã de Inverno	35	LIRA CHINESA	
Ita missa est	39	I. Coração triste falando ao sol	111
Flor da Mocidade	43	II. A folha do salgueiro	113
Noivado	45	III. O poeta a rir	115
Menina e moça	49	IV. A uma mulher	117
A Elvira	53	V. O imperador	119
Lágrimas de cera	57	VI. O leque	121
No espaço	59	VII. As flores e os pinheiros	123
Os deuses da Grécia	65	VIII. Reflexos	125
Livros e Flores	73	UMA ODE DE ANACREONTE	127
Pássaros	75	PÁLIDA ELVIRA	167

Apresentado no índice como “*Ita, missa est*”, o poema foi impresso sob o título de “*Ite, missa est*”. O poema “Noivado”, foi impresso na página sob o título “O Noivado”, com o acréscimo do artigo definido o.

Da primeira edição às póstumas, os comentários acerca do índice de *Falenas* nas edições cotejadas resumem-se à W.M.Jackson, que em suas primeiras edições – de 1937 a 1946 -, preferiu usar o itálico para alguns poemas, desistindo desse recurso nas duas últimas edições, 1957 e 1959.

A primeira edição de *Americana* não contém índice, trabalho do qual se ocuparam as edições póstumas na busca de uma melhor organização. O único poema excluído em *Poesias Completas* foi “Cantiga do Rosto Branco”.

No que diz respeito às outras edições destaca-se a da Linográfica, que em 1968 anunciou no índice o que não apresentou no corpo do livro: “O Almada”, por exemplo, está indicado como impresso a partir da página 425, sendo isso impossível para um livro de 285 páginas. Aparentemente, a editora fez uso da mesma divisão que as outras na apresentação dos poemas, mas diferente do ditado popular, essa aparência não engana um olhar mais atento que busque identificar a causa da supressão de outros poemas, além daqueles já refugados por Machado de Assis em 1901. Em *Ocidentais* faltam os poemas “O corvo”, “Os animais iscados da peste”, “Maria”, “A uma senhora que me pediu versos”, “Clódia” e “No alto”. Excluiu uns e incluiu o soneto “À Carolina”, após o poema “O desfecho”.⁵⁴

O que pensaria o editor Garnier, “o Bom ladrão”, de toda essa “economia” de textos? A última publicação de *Poesias Completas* da editora Garnier, hoje em outras mãos, não economiza nas explicações e tentativas de demonstrar a credibilidade que merece sua edição. Para tanto, o índice começa com um item que resumidamente explica o modo como foi organizada a edição:

Sobre esta edição11

A divisão segue o mesmo modelo das demais edições consultadas: primeiro os poemas que constam em *Poesias Completas* e, em seguida, publicados nas primeiras

⁵⁴ Minha hipótese é que os poemas de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas* tenham sido impressos separadamente dos poemas de *Ocidentais* e d'O Almada, sendo que estes dois últimos estariam num outro volume.

edições. Não há espaço entre o título dos livros com o título dos poemas, mas uma sequência de títulos dividida em duas colunas, num total de duas páginas. Em alguns constam as datas de publicação: *Crisálidas* (1864), “A jovem Cativa” (1861), “Aspiração” (1862), “Os Arlequins”(1864) e *Americanas* (1875).

O título *Falenas* não datado, e o mesmo acontece com *Crisálidas* e *Americanas*.

Não consta também o poema “Uma Ode de Anacreonte”, apesar da explicação dada no início do volume em “Sobre esta edição”.⁵⁵ Encontramos economia maior nas informações relevantes aos poemas, textos esses de maior interesse e que compõem o livro em questão. Desse modo, a credibilidade é inevitavelmente afetada, apesar das explicações da comissão que organizou o volume.

Mesmo com os poucos problemas que apresenta, merecedora de credibilidade e confiança é a edição da Comissão Machado de Assis, desde as páginas de apresentação, no anúncio do índice, até a última, encerrada por comentários a respeito da fortuna crítica machadiana.⁵⁶

O índice dessa edição, publicada pela primeira vez em 1976, mostra o trabalho realizado pela “Comissão Machado de Assis”, ao apresentar os seguintes itens:

Notícia editorial
Prefácio
Cronologia bibliográfica
Bibliografia
Edições
Estudos referentes às poesias
Introdução crítico-filológica

Antes de apresentar os poemas, a edição traz explicações quanto às siglas de identificação das edições e periódicos indicados nas notas de rodapé:

Abreviaturas usadas neste volume
Advertência

⁵⁵ Essa explicação está transcrita na parte “Descrição das edições”.

⁵⁶ Os erros e problemas deste trabalho são realmente poucos e, para que possam ser observados, constam nas notas de rodapé do segundo volume deste trabalho, no qual estão impressos os poemas acompanhados das notas com os erros e variações sofridas pelos textos.

Ao final de cada um dos livros de poesia, constam as notas feitas por Machado de Assis.

O devido respeito a esse trabalho não é dado pelo volume de coisas que anuncia no índice e apresenta no corpo do livro, é antes, um reconhecimento da coerência entre o que é anunciado com o que é apresentado em todo o volume; coerência de informações, organização dos dados e na apresentação de problemas encontrados no preparo da edição.

Em 1977, a Comissão Machado de Assis reeditou esse volume, edições que comentamos a seguir.



Comissão Machado de Assis

Quando Antônio Houaiss lançou *Elementos de Bibliologia*, a Comissão Machado de Assis, da qual o filólogo fazia parte, ainda trabalhava no volume *Poesias Completas* das Edições Críticas de Obras de Machado de Assis.⁵⁷

Instituída pela portaria nº.483, de 19 de setembro de 1958, do Ministério da Educação e Cultura, a Comissão tinha por finalidade elaborar o texto definitivo da obra completa de Machado de Assis. Ao término do trabalho, foram estabelecidos os textos dos seguintes volumes:

1. CONTOS FLUMINENSES
2. HELENA
3. IAIÁ GARCIA
4. HISTÓRIAS DA MEIA NOITE
5. HISTÓRIAS SEM DATA
6. A MÃO E A LUVA
7. POESIAS COMPLETAS
8. RESSURREIÇÃO
9. VÁRIAS HISTÓRIAS
10. MEMORIAL DE AIRES
11. RELÍQUIAS DE CASA VELHA
12. DOM CASMURRO
13. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS
14. QUINCAS BORBA
- QUINCAS BORBA (Apêndice)
15. ESAU E JACÓ

⁵⁷ Em 1976, quando a Comissão lançou o volume das *Poesias Completas* faltavam ainda *Papéis avulsos* e *Páginas recolhidas*, conforme explicação dada na página 6: “A Comissão Machado de Assis não encerrou as suas atividades, faltando ainda a preparação dos textos de dois volumes publicados em vida do escritor – *Papéis avulsos* (1882) e *Páginas recolhidas* (1899) –, além da série de obras póstumas, recolhidas principalmente por Mário de Alencar e Raimundo Magalhães Júnior.”

A Comissão Machado de Assis esteve sob a presidência de Elmano Cardin (1958) e de Austregésilo de Athayde (a partir de 1959), na qualidade de presidente da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, tendo como membros natos José Renato dos Santos Pereira (1958- 1961), Augusto Meyer (1961 -1970), Maria Alice Barroso (1970-1974) e Herberto Sales (a partir de 1974), os cinco últimos na qualidade de diretores - gerais do Instituto Nacional do Livro. Participaram da Comissão como membros efetivos, em suas diferentes fases: Antônio Houaiss, Antônio José Chediak, Astrojildo Pereira, Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Celso Ferreira da Cunha, Ciro Versiani dos Anjos, Eugênio Gomes, Francisco de Assis Barbosa, Hércio Martins, José Barreto Filho, José Brito Broca, José Galante de Sousa, José Simeão Leal, José Montello, Lúcia Miguel Pereira, Manuel Cavalcanti Proença, Marco Aurélio de Moura Matos, Mário Gonçalves de Matos, Raimundo Magalhães Júnior, Peregrino Júnior.

Foram prefaciadores convidados: Eliane Zagury, Hélio Pólvora, Ivan Cavalcanti Proença, José Guilherme Merquior, Miécio Tati Pereira da Silva. A coordenação editorial final ficou a cargo de Miécio Tati Pereira Silva, com a supervisão de Austregésilo de Athaide, Antônio Houaiss e Francisco de Assis Barbosa.⁵⁸

Através de um convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura e sob o patrocínio do Programa de Ação Cultural do Departamento de Assuntos Culturais, a Editora Civilização Brasileira publicou os quinze volumes planejados, todos acompanhados de um comentário da editora acerca do trabalho realizado. O texto procura destacar a importância da obra de Machado de Assis para a literatura brasileira e o rigor com que a comissão estabeleceu os textos: “De Machado de Assis – escritor maior das letras brasileiras – esta Editora lança quinze volumes contendo os seus contos, romances e poesias, tendo sido enfim estabelecido *texto definitivo* por uma comissão especialmente instituída pelo Ministério da Educação e Cultura. Encabeçada pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, inclui também entre seus membros natos o Diretor do Instituto Nacional do Livro e é integrada por expressivas e destacadas personalidades do nosso mundo cultural, todas reconhecidamente estudiosas do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em todos os volumes há uma cronologia bibliográfica de Machado de Assis;

⁵⁸ Toda essa explicação consta nas páginas subsequentes à página de rosto (pgs. 5 e 6) no volume das *Poesias Completas*.

um prefácio que analisa e situa cada obra no quadro das letras machadianas e interpreta seu conteúdo estético; e, ainda, minuciosa introdução crítico-filológica que documenta, ricamente, as discrepâncias havidas nos textos de suas diferentes edições. Notas de rodapé, por fim, complementam esse aparato crítico. Assim, esta série vem valorizada pelo trabalho de toda uma equipe intelectual de filólogos e ensaístas empenhada em exegeses substanciais e rigoroso procedimento em relação à fidelidade do texto. Com o que se busca dar maior relevo à obra desse escritor que legou à literatura brasileira algumas de suas mais belas, altas, fascinantes e imarcessíveis [sic] páginas.”⁵⁹

O volume de número 7 da coleção *Edições Críticas de Obras de Machado de Assis* é o que nos interessa neste trabalho, *Poesias Completas*. A primeira edição, lançada em 1976, foi reeditada no ano seguinte, em 1977, com 520 páginas, 21 cm, composto e impresso nos Estab. Gráficos Borsoi S.A. Indústria e Comércio, à Rua Francisco Manuel, 55 – ZC-15, Benfica, Rio de Janeiro, RJ. A montagem de capa ficou a cargo de Dounê – sobre uma foto de Marc Ferrez –, e a diagramação de Civbras.⁶⁰

De acordo com explicações da própria Comissão, “a primeira parte deste volume – o prefácio – foi cometida à Subcomissão constituída dos Senhores Antônio Houaiss e Francisco de Assis Barbosa, sendo relator do projeto original, a convite da mesma Subcomissão, o Senhor Ivan Cavalcanti Proença; a segunda parte – o registro biobibliográfico – foi cometida à Subcomissão constituída dos Senhores Lúcia Miguel Pereira e J.[osé] Galante de Sousa⁶¹, sendo relator do projeto original o Senhor J. Galante de Sousa; a terceira parte – a bibliografia da obra e sobre ela – foi cometida ao Senhor J. Galante de Sousa; a quarta e última parte – a introdução filológica e o texto crítico – foi cometida à Subcomissão constituída dos Senhores Antônio Houaiss, J. Galante de Sousa, Augusto Meyer e Ivan Cavalcanti Proença, sendo o relator do projeto original o Senhor Manuel Cavalcanti Proença.” Todo o trabalho desenvolvido por esses estudiosos foi reconhecido pela Comissão que aprovou “após discussão minuciosa, os trabalhos das

⁵⁹ As informações sobre o convênio entre governo e editora constam na folha de rosto e o comentário da editora nas “orelhas” de cada um dos quinze exemplares dessa coleção.

⁶⁰ O exemplar consultado nesta pesquisa é o de número 911. A Editora Civilização Brasileira não anuncia uma nova edição, mas uma reimpressão. Entretanto, de acordo com o que já estudamos até este momento sobre edições, reimpressões e reedições, e somadas a isso, umas diferenças anotadas entre 1976 e 1977, concluímos que 1977 é uma reedição e não reimpressão de 1976.

⁶¹ *Poesias Completas*, Edições Críticas de Machado de Assis, INL/CB.

Subcomissões, que encamparam, por sua vez, os dos relatores” e demonstrou-se “solidária e co-responsável do volume todo inteiro.”⁶²

Embora esta edição demonstre em suas páginas o cuidado minucioso e detalhado do trabalho da “Comissão Machado de Assis”, ela também apresenta alguns problemas, que aponte nas notas de rodapé.⁶³ Apesar disso, seu mérito permanece inabalável, visto que de todas é a mais cuidadosa na apresentação dos poemas de Machado de Assis.

A coleção crítica do INL é composta de vários volumes, nos quais encontramos explicações dos métodos de fixação textual, de atualização ortográfica, além de uma descrição detalhada das primeiras edições de cada obra e das publicações dos textos quando feitos em jornais e revistas, antes da publicação em livro.⁶⁴

No volume destinado às poesias, temos um panorama completo das datas de composição dos poemas – quando nos casos em que tal informação é fornecida por Machado de Assis ou extraída dos jornais e revistas da época –, e da metrificação. Os poemas estão acompanhados por notas de rodapé, indicando e comentando resumidamente as variações entre os textos das primeiras edições, de *Poesias Completas* e também das publicações nos jornais e revistas. No Prefácio temos uma explicação sobre a coletânea e uma rápida análise sobre a produção poética machadiana, assinalando os pontos importantes de uma produção que nesse texto é vista como uma “mágica fusão lírico-parnasiana” e como uma “antecipação das recorrências da 2ª fase machadiana”. A Cronologia Bibliográfica mostra ao leitor os fatos marcantes da vida e da carreira de Machado de Assis, seguida da Bibliografia, que destaca os livros utilizados para o estabelecimento dos textos da edição elaborada pela Comissão Machado de Assis. Na Introdução Crítico-Filológica, temos informações minuciosas a respeito dos poemas que compõem *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*. Foram também buscados pela Comissão Machado de Assis, os dados que pudessem elucidar questões quanto à data de publicação dos poemas, diferenças entre as primeiras edições e datas de publicação em jornais e revistas com algumas alterações nos textos apresentados mais tarde nas edições

⁶² Idem, pg. 11.

⁶³ As siglas são 1976 e 1977 e estão nas notas de rodapé na parte “Edições Anotadas.”

⁶⁴ Na contra-capa da edição de *Poesias Completas* a editora faz a seguinte observação: “Esta série, em que se fixa o texto definitivo das letras machadianas, vem enriquecida de material biobibliográfico, estudos introdutórios de destacados ensaístas literários, importantes introduções crítico-filológicas e, finalmente, de notas de rodapé que lhe complementam o aparato crítico.”

póstumas. A riqueza desse material está principalmente nas informações referentes aos jornais e revistas, uma vez que muitos hoje estão perdidos ou indisponíveis para pesquisa.⁶⁵

Ainda na *Introdução Crítico-Filológica*, a Comissão explica os processos que utilizou no preparo do texto definitivo de sua edição, esmiuçando tanto os aspectos concernentes ao trabalho de cotejo das edições, quanto os aspectos e dificuldades da língua portuguesa do século XX – em detrimento da mesma língua, no século anterior – época de lançamento das primeiras edições, utilizando a ortografia do *ph, ll, bb, dd, ff, cc* e emprego de acentos gráficos, pontuação e estrangeirismos não mais aceitos pela atual gramática. As lições dadas pela Comissão nesta parte do trabalho são parâmetro para os trabalhos posteriores e de enfoque semelhante, sem contudo, excluir a possibilidade do aparecimento de novos problemas que “um texto, e um contexto, e uma obra encerram”.⁶⁶

Trabalho rigoroso e de fôlego, o resultado alcançado pela Comissão Machado de Assis merece a leitura e apreciação do público a que se destina.

⁶⁵ No acervo da Biblioteca Nacional, seção de Periódicos e Referências, muitos jornais e revistas estão indisponíveis para pesquisa, outros se encontram em processo de microfilmagem.

⁶⁶ Na página 116, no ponto 4.4.4. a Comissão Machado de Assis esclarece: “O aparato crítico não deve ser objeto de compreensão equivocada por parte dos leitores menos avisados quanto à técnica do estabelecimento crítico de texto de um autor moderno, quase contemporâneo. Visa-se, com esse texto, a fornecer a versão mais próxima do que teria desejado e realizado o Autor – com suas contradições de pessoa que, vivendo num ambiente lingüístico, o assimilou em contactos culturais os mais vários, de classes, de profissões, de instruções, de idades, de sexos, de meios, ademais de tentar, até certo ponto, intemporalizar-se, com encampar características lingüísticas de épocas literárias progressas, sem falar na provável eventualidade de que terá tido contato com indivíduos falantes de outras áreas dialetais da língua, e de outras línguas. Essa versão textual, se obtida – como o espera a Comissão –, é fonte sobre a qual, legitimamente, se podem exercer todas as pesquisas e estudos – lingüísticos, estilísticos, estéticos, éticos, históricos, sociais, e o que mais for. Não se trata, numa edição como esta, de resolver todos os problemas que um texto, e um contexto, e uma obra encerram – coisa, aliás, que não se esgota nunca, pelas potencialidades de atualização (isto é, de eficácia para a ação presente) que se encerram em obras tais. Trata-se, isto sim, de ministrar a base mínima fundamental – mais sólida – que toda comunicação lingüística exige para sobre ela poder tomar-se alguma conclusão válida: a fidedignidade e fidelidade ao seu criador, nas condições essencialmente contraditórias de sua contingência humana.”

Variantes e Erros

No cotejo das edições, a anotação das diferenças encontradas torna-se possível somente à luz dos termos “variação” e “erro”, através dos quais elaborei hipóteses que visam a explicar os problemas levantados nas edições consultadas neste trabalho.

Os falantes de toda e qualquer língua “oficializam” dia a dia as variantes de um mesmo vocábulo, de uma região a outra do país. Para Antônio Houaiss uma variação “pode ser admitida, não errada, ou verossimilmente menos errada em contrapartida com uma outra forma de variante não documentada e inadmissível após o cotejo com as demais encontradas”.

Através da leitura dos poemas de Machado podemos acompanhar parte da trajetória de nossa língua portuguesa, que de tempos em tempos sofreu mudanças, tais como atualização ortográfica e vocabular, através de leis sancionadas pelo governo federal.⁶⁷

Machado de Assis, que supostamente aprendeu a língua francesa com um padeiro, empregado de Mme. Galot; que foi alfabetizado por sua mãe e depois recebeu também o auxílio da madrasta, e em sua juventude - por volta dos quinze anos -, introduzido por Paula Brito, passou a freqüentar “rodinhas de literatura”, revela em toda sua obra uma variação menos comprometida com os aspectos lingüísticos descritos por Houaiss e mais próxima de sua própria cultura e costumes, adquiridos ao longo dos anos.⁶⁸

No entanto, interessa-nos agora um outro tipo de variação, que no caso específico da lírica machadiana, figura como um termo cujo significado é ampliado pelas “variantes” entre o texto impresso e o que deveria ser impresso, ou então variantes observadas entre uma edição e outra. Em alguns casos o verbo, a pontuação, acentuação e ortografia foram

⁶⁷ A reforma ortográfica é assunto amplamente discutido desde o fim do século XIX e já causou inúmeras polêmicas entre os governos do Brasil e de Portugal. Em *A Dança das Cadeiras* (2001), João Paulo de Souza Rodrigues faz um breve resumo do capítulo 5 da questão da reforma ortográfica (pg. 181).

mal impressos ou simplesmente não foram impressos. Há nos poemas de Machado um emaranhado de variantes – algumas admissíveis e outras não. Adeqüei, portanto, o termo de Antônio Houaiss, às necessidades levantadas pelos problemas que encontramos e, passamos a entendê-lo como o aspecto relevante que aponte variantes entre as edições e os dados por elas apresentados.⁶⁹

E, afinal, as variações exercem alguma influência no corpo dos textos, a ponto de mudá-los ou até mesmo “reescrevê-los”?

Vejamos...

⁶⁸ A história de que Machado de Assis aprendeu francês com o padeiro de Mme. Galot é aceita por Lúcia Miguel Pereira e Jean-Michel Massa.

⁶⁹ A “variação lingüística” de que fala Antônio Houaiss está presente nas primeiras edições e em alguns poemas nas subseqüentes. Esse assunto será tratado numa outra parte deste trabalho, que acompanha a trajetória da ortografia da língua portuguesa através dos poemas de Machado, uma vez que as variações tal como são entendidas pelo filólogo, estão intimamente relacionadas com a ortografia e os problemas que podem ser causados com sua alteração.

2.1 Variantes

As variantes ocorrem de uma edição para outra, e de editora para editora.

Os volumes das primeiras edições de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Poesias Completas*, variam no conteúdo dos textos que apresentam ao leitor. Alguns apresentam a “Errata”, outros aparentemente, tiveram a página da “Errata” excluída no momento da encadernação, e casos raros da página supostamente arrancada pelo leitor. Há volumes em que percebemos a fraca impressão dos caracteres e, conseqüentemente um texto diferente do original; e há volumes em que a pouca tinta aleijou o texto do autor, perpetuando o erro nas edições subseqüentes. A primeira edição de *Poesias Completas* apresenta problemas corrigidos pela segunda edição, ou tem novo texto nessa segunda impressão, variado na pontuação principalmente.

O v.2 da 3ª estrofe do poema “Visio” foi impresso da seguinte forma em 1901 e 1902:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
Tudo aos meus olhos fugira;	Tudo aos meus olhos fugira

As edições subseqüentes seguiram 1902:

1924, 1937, 1944, 1946	Tudo aos meus olhos fugira
------------------------	----------------------------

E 1957... acrescenta... uma vírgula:

1957	Tudo aos meus olhos fugira,
------	-----------------------------

Poderia Machado ter modificado, revisado o texto em 1902, estabelecendo então, a última versão dos poemas? Se 1901 foi a primeira edição de *Poesias Completas* e 1902 a

última edição em vida do autor, então, 1902 tem em suas páginas a impressão dos poemas, tal como desejava Machado.

Será?

Vejamos em 1902, o verso 27 do poema “Ruínas” :

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
Como um diamante, prende. Longas horas	Como um diamante, prende. Longas horas

O ponto final está praticamente apagado.

O verso 6 da III parte do poema “Potira” distancia a edição da última vontade do autor:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
Desde a infância os meneia ousado e afoito;	Desde a infância os meneia ousado e afoito•

O ponto e vírgula de final de verso não aparecem impressos, e no lugar há um pequeno ponto, semelhante a um borrão de impressão.

A parte XVI tem em seu 6º verso outro problema apresentado por 1902:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
No taquaral á noite sussurrando,	No aquaral á noite sussurrando,

Variantes de pontuação, aparentemente inofensivas, podem, em alguns casos, induzir a novos erros. Felizmente, a tinta que parece ter faltado na impressão de um volume de 1924 não prejudicou as edições posteriores. A vírgula final v.4 da 1ª estrofe de “Polônia” foi mal impressa:

1901 (1ª edição)	1924 (3ª edição)
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,	Como que chega ao termo; e o sol dos livres,

Se faltou tinta ou a arrumação dos caracteres foi falha, o verso 1 da 1ª estrofe da parte II de “Versos a Corina” perdeu o verbo e ganhou o artigo em 1902:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
A minha alma, talvez não é tão pura,	A minha alma, talvez não e tão pura,

No volume consultado, há um acento feito a lápis no e.

O mesmo verbo também não aparece no verso 6 da 6ª estrofe da parte VI de “Versos a Corina” em 1902; cujo exemplo de impressão foi seguido fielmente por 1924:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição) / 1924 (3ª edição)
E que eu pus neste amor, neste último transporte.	que eu pus neste amor, neste último transporte.

Entres artigos e verbos de um verso, temos em 1902 uma conjunção para o verso 3 da 6ª estrofe do poema “Musa dos Olhos Verdes”, ou melhor, a ausência dela:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição)
E a floresta interrompe alegremente	A floresta interrompe alegremente

No discipulado de 1902, 1937 mostrou no verso 96 de “La Marquesa de Miramar”, a lição aprendida:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição) / 1937
Enche de intenso horror o horror da morte.	Enche de intenso horror o horror da morte

O verso 86 do mesmo poema foi impresso das seguintes formas:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição) / 1937, 1944, 1957, 1959, 1962, 1973, 1976, 1977, 1994:
Como rochedo em meio do oceano,	Como rochedo em meio do oceano

O verso 5 da 1ª estrofe de “Gonçalves Dias” foi impresso das seguintes maneiras:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição) / 1937, 1938, 1944, 1946, 1957, 1959, W, 1962, 1973, 1994, 1997:
Curtiu naquelas regiões; e o Ganges,	Curtiu naquelas regiões; e o Ganges

E o último verso de “Lua Nova”:

1901 (1ª edição)	1902 (2ª edição) / 1937
Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.	Brota, enfolha, verdeja, abre em flor,

Último verso do poema com vírgula e sinais de pontuação mal impressas, e letras não impressas por desgaste do caracter ou desarrumação da página, são apenas alguns dos inúmeros problemas da segunda edição de *Poesias Completas*. Apesar de ter sido 1902 uma edição impressa em vida, não sabemos e não temos documentos que comprovem essa revisão. Ao contrário, 1902 parece ser o documento que atesta maior confiabilidade e exatidão aos textos da edição de 1901. Com aparência de variação textual e feição de problema, as variantes entre 1901 e 1902 vão além e ultrapassam a fronteira de variante e erro.

Das primeiras edições para as posteriores, as variações estão relacionadas mais com o método de apresentação dos textos, que com problemas gerados pelas primeiras edições.

As letras maiúsculas que iniciam os versos nas edições da Nova Aguilar e Editora Globo, o uso das aspas e a preferência pela sequência “aspas – ponto final” a “ponto final – aspas”, são algumas das variantes observadas nas edições dessas casas publicadoras em comparação às outras, que apresentam seus trabalhos num formato mais próximo do apresentado na ocasião de lançamento das primeiras edições.

A semelhança entre *variações* e *erros*, sendo o último de maior gravidade e prejuízo para o texto, seria capaz de provocar alguma confusão no leitor se, entre um e outro não triunfasse um, ou dois ou até mais...

Entre variações e erros triunfaram os últimos, contados às dezenas; pois o que poderia ser variação, invariavelmente é erro aos olhos de leitores avisados e desavisados.

As variações perderam espaço ante o grande e contínuo avanço dos erros, que persistiram e resistiram ao tempo e às “Erratas” e não se intimidaram frente à Comissão Machado de Assis na publicação das obras críticas do autor. Mesmo nas edições mais recentes, podemos observar alguns deslizes nessa trajetória de sucessos e escorregões nos dedos de datilógrafos e digitadores dos tempos modernos de uma imprensa que ainda avista terras para andar e conquistar.

2.2 Erros⁷⁰

Em 1901⁷¹, 1902 e 1924, a preposição em do verso 4 da 7ª estrofe da VI parte do poema “Versos a Corina” foi impressa como en:

“Correr de mar **en** mar;”

Provavelmente houve a troca do caracter no momento da montagem da página.

Os olhos do leitor reconhecem o erro das edições de 1959, 1962 e 1976, no verso 12 da 3ª estrofe do poema “As Rosas”, do livro *Crisálidas*, o óbvio, ou seja, o erro:

“Rosas, que sois **entãĩ** ? – Restos perdidos,”

Provavelmente o datilógrafo deixou que o dedo escapasse para a letra vizinha e no lugar de o pressionou o i.

Todavia, os olhos do leitor certamente não ficam perdidos com a troca de letra.

Será *então* que ficarão com a falta de uma outra? Em 1973, a GB. Companhia José Aguilar Editora imprimiu o verso 1 da 10ª estrofe do poema “No Limiar” da seguinte forma:

“Uma **résea** de luz suave e pura”

Iluminados por outra luz os olhos do leitor não se perderam; já o verso perdeu a “*réstea* de luz suave e pura” do poema.

⁷⁰ *Opus cit*, pg.210. Antônio Houaiss classifica os erros como “óbvios” ou “latentes”. Os óbvios, como a própria denominação aponta são evidentes para qualquer leitor, sendo que os latentes reservam perigos inimagináveis ao leitor e prejuízos nunca calculados pelo autor; pois não são facilmente identificados, exigindo um trabalho de cotejo das edições.

⁷¹ Volumes pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras.

Em sua primeira publicação, no *Diário do Rio de Janeiro*, o verso 1 da 9ª estrofe de “No Limiar” apresenta inversão de letras e “aproximação exagerada” entre algumas palavras:

“E por **uqe** o céu que **maisse** lhe enegrece,”

Fiéis ao texto, as edições de 1959 e 1973 repetem o que fez o *Diário do Rio de Janeiro*, e a edição de 1962 inova:

“E por que o céue que mais se lhe enegrece,”

A edição de 1973 entra em cena novamente com o mesmo poema ao tentar desviar a atenção do leitor no verso 3 da 13ª estrofe:

“Outra tomou pou um desvio: Eram.”

Onde será *entã*i que se encontra a *résea* de luz *uqe pou* alguns instantes deixou de iluminar o datilógrafo da edição de 1937, no verso 1 da 6ª estrofe do poema “Monte Alverne” ?

“A doença o prendia ao leito infausto”

Entre doentes e sãos, a vida de erros tão óbvios está chegando ao fim com a vinda de outros. Antes, vejamos o que aconteceu ao verso 5 da 9ª estrofe do poema “A jovem cativa”, de *Crisálidas*:

1ª edição: “De um termo à **vida** há de tremer, como ela,”

1973, 1992: “De um termo à **vinda** há de tremer, como ela,”

A lista é grande, e esses são casos exemplares do sistema de impressão da época de cada uma das edições enfocadas. Mas, a vida de erros tão óbvios é curta nesta seção. A vinda dos outros, mais perigosos por sua vez, é inevitável.

2.3 Ainda os Erros ...

Se aqueles erros de tão óbvios, obviamente, não apresentaram grandes riscos à compreensão dos poemas, outros por sua vez são mais perigosos. Na falta de uma letra ou de um sinal de pontuação, eles aparecem para “resolver” o problema. Falta letra? Então temos a letra. Falta o sinal de pontuação, eis o sinal desejado. Mas na dúvida, por quê não acrescentar letra e sinal de pontuação?

Está armada a confusão! Que venham os erros do verso 2 da 1ª estrofe do poema “Luz entre sombras”, de *Falenas*. Na primeira edição, a última letra da palavra passamento, deixou de ser impressa, provavelmente por apagamento do caracter ou sua ausência no momento da impressão supostamente devido ao esquecimento do tipógrafo ou falta da forma do caracter:

1ª edição: Muda como o passament

As edições de 1901 e 1902 resolveram o problema, e criaram outro:

“Mudo como o passamento”

A edição de 1937 altera para:

“Muda como o passamento”

E a edição de 1957 para:

“Muda como o passamento;”

Que as edições de 1959, 1962 e 1973 alteraram para:

“Muda como o passamento,”

Eis o retrato da confusão, estampado nas páginas dessas edições:

1ª edição	Muda como o passament	—
1901 e 1902	“Mudo como o passamento”	o
1937	“Muda como o passamento”	a
1957	“Muda como o passamento;”	;
1959, 1962, 1973	“Muda como o passamento,”	,

Um erro e alguns prejuízos que despertam no leitor diferentes compreensões do mesmo texto, alterando também o sentido e ritmo do poema.

Abrir os olhos do leitor para a percepção de erros desse tipo é tarefa ingrata. Na edição de 1864, *abrir* é um verbo “ingrato”. No verso 1 da 10ª estrofe do poema “Horas Vivas”, sua flexão nada tem em comum com o imperativo das edições de 1959, 1962 e 1973:

1ª edição: “Noite; **abrem**-se as flôres...”

1959, 1962, 1973: “NOITE; **abram**-se as flores...”



Será que um olhar mais detido no texto da primeira edição, teria evitado esse erro? Um olhar ou o olhar do datilógrafo, do editor, do impressor, deixaram escapar o artigo, e no verso 4 da 9ª estrofe da IV parte dos “Versos a Corina”, esse olhar ludibriou o sentido original do verso; justamente os olhos, tão importantes na obra de Machado:

1ª edição: “E se quebras **um** olhar, és tudo isso e és amor.”

Um → O

1944, 1946: “E se quebras **o** olhar, és tudo isso e és amor.”

O olhar ludibrioso de Capitu que fez Bentinho venerá-la antes de se tornar o *Dom Casmurro* estava ainda por vir. No ano de composição do verso 3 da 7ª estrofe da IV parte dos “Versos a Corina” o que veio foi a idade de ferro na primeira edição e a idade do ferro da edição da Comissão Machado de Assis:

1864: “Veio a idade **de** ferro, e o nume venerado”

De → Do

1976, 1977: “Veio a idade **do** ferro, e o nume venerado”

Embora ambos comportem a idéia de uma “idade” qualificada pelo ferro, a diferença reside na função da palavra ferro, que no primeiro caso, é um complemento nominal - complementa o nome (sujeito) da frase -, e no segundo caso, funciona como um adjetivo.

No verso 3 da 3ª estrofe do poema “Aspiração” o verbo da primeira edição foi trocado em algumas das edições posteriores:

1864: “**Tarja** de luto a folha em que lhe deixa escritas”

1962, 1973, 1992: “**Traja** de luto a folha em que deixas escritas”

Tarja → Traja

Se em 1864 a folha do poeta estava tarjada de luto, ou seja, ornada pelo luto; em 1962, 1973 e 1992 a folha estava trajada de luto, ou seja, a folha estava “vestida” de luto;

ou melhor, a folha estava em luto, ou qualquer outro sentido que o leitor queira dar ao verso. Aparentemente, o sentido dos verbos *ornar* e *vestir* é o mesmo, pois o que parece ser nesses erros, não passa de aparência. A leitura e compreensão do poema estão ameaçadas a partir do momento em que o leitor precisa adivinhar o que afinal, escreveu o poeta.

Ler ou ouvir? Eis a questão, cuja resposta pode vir do autor ou da edição de 1977, na cena VII da “Ode a Anacreonte”. Na primeira edição, Lísias preferiu ler:

1ª edição: “Versos! são bons de **ler**; mais nada; eu penso assim.”

Alguns anos mais tarde, o personagem da peça de Machado parece ter mudado de idéia, e Lísias ouve:

1977: “Versos! são bons de **ouvir**, mais nada; eu penso assim!”



O que pensaria o leitor, se lesse ou ouvisse os versos de Machado de Assis, impressos nessa edição?

E há quanto tempo ele está sendo iludido com esses textos?

O verso 6 da 3ª estrofe do poema “Noivado” dá início a essa resposta:

1ª edição: “**Desce** do teu sombrio e mudo asilo;”

1977: “**Desde** do teu sombrio e mudo asilo;”



O verso 3 da 7ª estrofe de “Estâncias a Ema” complementa:

1ª edição: “**E** o tanque refletir as folhas novas,”

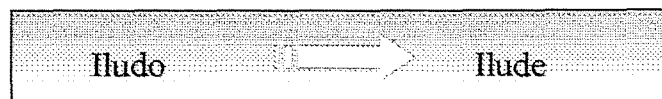
1977: “**Quando** o tanque refletir as folhas novas,”



E Lísias conclui a resposta, na cena III de “Uma Ode de Anacreonte”:

1ª edição: “Tenho, mas não me **iludo**”

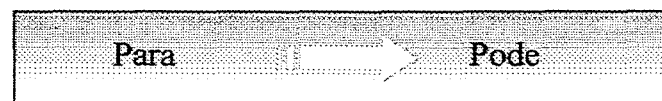
1937: “Tenho, mas não me **ilude**”



Iludido ou não, o leitor dispõe de uma coleção de erros dentro das coleções das obras completas de Machado de Assis. Os poemas parecem ter sido reescritos, e o sentido renovado. De renovação parecem entender “Os Deuses da Grécia” no verso 1 da 29ª estrofe:

1ª edição: “**Para** se renovar, abre hoje a campa,”

1937, 1957, 1962, 1973, 1977: “**Pode** se renovar, abre hoje a campa,”



Para trocas de palavras como essas, a habilidade em elaborar hipóteses para explicar cada uma, desaparece ante às inúmeras gralhas de revisão do tipógrafo ou do editor. O apagamento ou ausência do caracter no momento da impressão é característica inerente à

imprensa, que engatinhava no Brasil do século dezenove. A passos largos caminhou a parte da região sudeste do país – Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente, a partir das primeiras décadas do século XX. A imprensa em ascensão e crescimento, acompanhou e registrou a caminhada de perto. Justificar a falta de uma letra, de um sinal de pontuação ou a troca de letras dentro da palavra é tarefa menos arduosa, do que justificar a troca de uma palavra.

A imprensa brasileira no início contava mais com a habilidade do tipógrafo-revisor, do que com a tecnologia. Já numa outra fase, o impressor ou datilógrafo da primeira metade do século passado, passaram a dispor de uma tecnologia mais desenvolvida e, em último caso, das “Erratas” que acompanham as primeiras edições.

O verso 4 da 11ª estrofe do poema “Alpujarra”. Em 1864 esse verso foi impresso da seguinte forma:

“Toma-lhe **das** mãos e pende-lhe **dos** labios.”

E corrigido na Errata para:

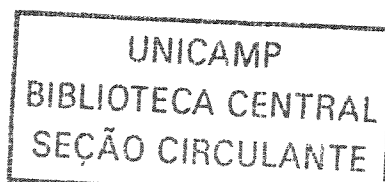
“Toma-lhe **as** mãos e pende-lhe **os** labios.”

das	dos
as	os

A edição de 1957, W. M. Jackson, parece desconhecer completamente o que é apresentado na Errata da primeira edição, visto que imprimiu o verso sem as devidas correções.

Em 1937, 1944, 1946, todas da W. M. Jackson, o verso é impresso da seguinte forma:

“Toma-lhe **as** mãos e pende-lhe **dos** labios.”



das	dos
as	os
as	dos

Cabe notar que as primeiras edições publicadas pela W. M. Jackson mostram maior cuidado da parte de seus organizadores, sendo que o mesmo não se verifica numa edição mais recente, como é o caso de 1957.

Outras edições, apesar de considerarem a Errata, não mostram o devido cuidado na organização de suas publicações.

Seguindo o exemplo da W. M. Jackson, a editora Nova Aguilar copiou o feito de sua concorrente em 1959, 1962 e 1973, ao publicar o verso com “**as** mãos” mas insistindo ainda em “pender **dos** lábios”.

A recorrência de erros e contingência deles nas edições vem a cada nova publicação “reescrevendo” a lírica machadiana.

No processo todo de escrita, ou mesmo reescrita, cada edição é um retrato do tempo e meios utilizados para sua publicação.

Cuidemos então, da imprensa.

Avant ...



... Depuis

IMPRESSA *Ars scribendi artificialiter*

Uma letra, uma palavra, uma frase, um texto e um tipógrafo; entre eles, um manuscrito. Na história da Imprensa temos a história particular e decisiva da figura do tipógrafo, que para reproduzir o texto escrito de algum erudito ou estudioso de sua época utilizava, com o cuidado de um artesão, a máquina de imprimir. A fidelidade dos primeiros impressos aos manuscritos dificultava a distinção entre um e outro, o que tornava a tarefa tão árdua quanto a de imprimir os textos; alguns verdadeiras obras de arte, que causavam admiração e espanto. A admiração se deve ao cuidado dos tipógrafos na arrumação dos caracteres de impressão, disposição do texto nas páginas e no trabalho artesanal de organizar os caracteres em palavras e frases. Esses artistas não estavam apenas preocupados em imprimir o texto integralmente, mas também com a beleza e perfeição da impressão. Fazia parte do ofício. E o espanto, embora hoje possa nos parecer ridículo, devia-se à nova forma de se fazer conhecido um texto. As mãos dos copistas foram substituídas pelos caracteres móveis, selecionados e organizados pelas mãos do tipógrafo. Era o homem pela máquina, a arte de escrever com as mãos pela arte de se escrever artificialmente. O reconhecimento dessa nova arte não foi imediato. Cada barreira da desejada propagação contribuiu para seu crescimento e aperfeiçoamento, e depois ganhar o mundo.

Da invenção à propagação

Não há na história da Imprensa nenhum relato que mostre quantos dias foram gastos na sua invenção. A idéia esteve “no ar” e sempre ocupou as mentes dos séculos que conheceram a escrita, mas que até o início do século XV ainda não dispunham de um instrumento que fosse capaz de propagar com maior rapidez e quantidade, as produções de cada época. Em meados de 1450 essa idéia ocupou largo espaço na mente de um alemão que ficou conhecido como Gutenberg, e dedicou sua vida e recursos para inventar a primeira máquina de imprimir com caracteres móveis. A invenção foi uma revolução para a época e o início de outra no mundo da escrita. Foram necessários muitos dias, anos e séculos para que essa invenção fosse aperfeiçoada e se tornasse imprescindível nos dias atuais. Começando com Gutenberg, a idéia que antes estava “no ar” e nas mentes de seus contemporâneos passou à realidade. A invenção provocou o surgimento e instalação de oficinas tipográficas, a princípio, apenas em Mogúncia, e depois, em toda a Europa e América do Norte.

As impressões, no início, pouco diferiam dos manuscritos, sendo às vezes confundidos os textos impressos com aqueles. Tanto as pranchas de impressão quanto os caracteres móveis, imitavam as letras utilizadas pelos copistas. Os tipógrafos deixavam em branco as partes das capitulares, para que essas fossem desenhadas a mão. A estrutura dos textos impressos também imitava a dos manuscritos. A paginação, a divisão em duas colunas, o título corrente e os subtítulos nas margens eram iguais, e algumas impressões eram vendidas como manuscritos, quando esses começaram a “desaparecer”, sem que o comprador desconfiasse do engodo. Embora hoje possamos entender a palavra *manuscrito* como a arte que visa o texto à mão, qualquer que seja o instrumento auxiliar - a mão do copista ou a máquina de impressão -, ela ainda carrega seu significado primitivo. A famosa *Bíblia* de 42 linhas de Gutenberg é ao mesmo tempo objeto de admiração, não somente por sua semelhança com os textos manuscritos da época, como também pela perfeição da arte

tipográfica. Era o início da “arte de escrever artificialmente” que levou alguns anos para adquirir feição própria.

A ingênua idéia de que uma revolução quebra todas as barreiras e rompe com tudo o que se construiu até então, não se sustenta no caso da imprensa. Mesmo com a invenção de Gutenberg e o crescente florescimento das oficinas tipográficas na Europa e depois na América do Norte, a arte de copiar os textos manualmente resistiu até meados do século XIX. A difusão do conhecimento sempre foi uma ameaça para os poderosos e dominadores de todas as épocas, do mesmo a imprensa desde seu surgimento. Alguns textos proibidos por governantes ou pela Igreja, ainda eram copiados à mão. Para algumas pessoas a imprensa era algo maldito. Com ela a familiaridade entre autor e escritor cessaria, e o livro perderia o status de objeto de arte para ser objeto comercial. Essa idéia foi alimentada pelos primeiros tipógrafos, em parte por interesses comerciais, em parte por se tratar de algo realmente novo até para eles mesmos.

Da Itália e França chegou à Inglaterra para ganhar o mundo latino, a partir de 1470. O crescimento foi contínuo e o aumento na produção dos livros transformou a figura do tipógrafo. Suas atividades se assemelhavam mais com a de um artesão, que com a crescente demanda na produção dos livros, foram gradativamente se aproximando das de um operário. As primeiras impressões são os documentos da existência do tipógrafo-artesão, que em sua maioria tratava-se também de um tipógrafo semi-analfabeto. Tal fato não impedia que as obras que saíam de suas oficinas se confundissem com os manuscritos na semelhança dos caracteres, na simetria das linhas, perfeição da distribuição do texto na página e, principalmente, pelo trabalho cuidadoso e paciente do tipógrafo em alinhar cada tipo, cada frase e linha, a fim de alcançar a perfeição e a beleza na impressão.

O volume da produção aumentou, o maquinismo substituiu os instrumentos que em outros tempos foram revolucionários. A imprensa conquistou um mercado de produção e de consumo. É o que chamamos de “organização mercantil”. O tipógrafo, antes um artesão, estreitou relações com meios mais mecânicos, tornando-se gradativamente num especialista em imprimir através de uma máquina. Os sinais da transformação de sua figura marcam os períodos pelos quais passou a imprensa, na busca constante por meios cada vez mais eficazes de reproduzir o texto escrito, em larga escala. Com o progresso técnico aliado ao surgimento e crescimento de um mercado, modifica a “posição mental” do homem perante

a palavra escrita. O ideal de beleza do livro é tomado por outras figuras, tais como o editor e o diagramador. Já o tempo, outrora aliado do aperfeiçoamento da invenção de Gutenberg, para o mercado tornou-se um fator de produção.⁷² É no decorrer dos anos que vemos a introdução da máquina de papel de Louis Robert, em 1798; da prensa mecânica de Frederico König, em 1812, da prensa rotativa de Marinori, por volta de 1850 e da linotipo de Mergenthaler, em 1885.

A arte de imprimir, pouco antes de transformar-se em indústria, chega ao Brasil.

3.1 A Imprensa no Brasil

Sabe-se pouco a respeito da introdução da imprensa no Brasil. A partir de 1642, os holandeses fizeram inúmeras tentativas, todas fracassadas, junto aos governos de Portugal e Inglaterra, para instalarem uma oficina tipográfica em Pernambuco. Alguns acreditam que em 1706 havia uma oficina tipográfica no Recife, mas não há nenhum documento que prove essa informação. Costuma-se atribuir ao português António Isidoro da Fonseca, o papel de pioneiro e introdutor da imprensa no Brasil. Isso se deve à efetiva certeza histórica atestada por algumas publicações suas, tais como:

- RELAÇÃO DA ENTRADA QUE FEZ O EXCELENTÍSSIMO E REVENDISSIMO SENHOR D. FR. ANTONIO DO DESTERRO MALHEIRO, BISPO DO RIO DE JANEIRO, EM O PRIMEIRO DIA DÊSTE PRESENTE ANO DE 1747, HAVENDO SIDO SEIS ANOS BISPO DO REINO DE ANGOLA, DONDE POR NOMEAÇÃO DE SUA MAJESTADE E BULA PONTIFÍCIA, FOI PROMOVIDO PARA ESTA DICOCese. COMPOSTA PELO DOUTOR LUIS ANTONIO ROSADO DA CUNHA. Rio de Janeiro. Na Segunda Oficina de António Isidoro da Fonseca – Ano de 1747, in-4º, de 20 pp. num. E 1 fls. *in-fine*, de licenças.⁷³

⁷² Segundo Wilson Martins, “o ideal de Beleza, introduzido pela Renascença (ou por ela recuperado das suas fontes helênicas), e que se manteve em todas as Artes, inclusive na Arte Tipográfica, durante dois séculos, cede lugar ao ideal de Eficiência, isto é, ao da produção em que o Tempo comparece como a matéria-prima invisível. O que se chama a “organização científica” ou “racional” do trabalho não passa dessa tomada de consciência do minuto, expressão sem sentido para os nossos antepassados, que costumavam contar por séculos [...]” MARTINS, Wilson. *A Palavra escrita*. São Paulo, Editora Anhembi Ltda, 1957, p.262.

⁷³ A primeira oficina foi instalada em Lisboa.

- HOC EST CONCLUSIONES METAPHYSICÆ DE ENTE REALI, PRÆSIDE R.G. M. FRANCISCO DE FARIA. Flumine Januari. Est secunda Typographia Antonii Isidorii da Fonseca. Anno Domini MDCCXL VII. Cum facultate superiore.
- EM APLAUSO DO EXCELENTISSIMO E REVERDISSIMO SENHOR D. FREI ANTONIO DO DESTERRO MALHEIRO, DIGNISSIMO BISPO DESTA CIDADE. ROMANCE HEROICO. S. 1. n. d., in-fol. de 5 ff. inn. impr. sòmente de um lado.
- EPIGRAMAS (onze em latim e um soneto em português sobre o assunto do precedente). S. 1. n. d., in-fol. de 12 ff. inn.⁷⁴

Isidoro da Fonseca trabalhou por algum tempo no Rio de Janeiro, mas viu-se obrigado a voltar para Portugal. Tentou inúmeras vezes a autorização do rei português para instalar sua oficina no Brasil novamente e todas lhe foram negadas. As alegações baseavam-se no fato de que não era conveniente imprimir qualquer espécie de material, devido aos altos custos deste trabalho quando efetuado fora do Reino de Portugal. Além disso, nenhum livro poderia ser impresso ou circular sem as “licenças necessárias”, a saber, as da Inquisição e do Conselho Ultramarino.

Assim como Isidoro da Fonseca, outros também tentaram instalar uma oficina tipográfica em território brasileiro, mas a concessão só chegou anos mais tarde com a família real, na ocasião de sua fuga para a colônia, em 1808. O primeiro passo foi a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro, em 28 de janeiro do mesmo ano. Quase quatro meses depois, a 13 de maio, D. João VI assinava o decreto para a criação e implantação da Impressão Régia, atualmente a nossa Imprensa Nacional.

Junto com a família real vieram também nobres, funcionários de diversas categorias, comerciantes e burgueses ricos, proporcionando à colônia uma nova condição política, econômica e social. As necessidades de consumo desses novos habitantes precisavam ser atendidas. O comércio se expandiu e ganhou novos produtos e estilos. Homens e mulheres da alta sociedade carioca entraram em contato com a moda e costumes franceses. A língua,

⁷⁴ Opus cit; MARTINS, Wilson, p. 342.

por conseguinte, ganhou um modismo com palavras emprestadas da cultura do mesmo povo que obrigou a família real portuguesa a deixar a Metrópole.

Para o bom andamento da administração e burocracia portuguesa, o Príncipe Regente trouxe para o Rio de Janeiro ouro, diamantes do monopólio, jóias, prataria, a biblioteca Real da Ajuda⁷⁵, os manuscritos da Coroa e os do Infantado. A Impressão Régia foi criada com o objetivo de auxiliar a coroa na administração de seus territórios e bens. De acordo com o decreto, sua função era a de imprimir “exclusivamente toda a Legislação e Papéis Diplomáticos que emanassem de qualquer Repartição do Real Serviço, e todas e quaisquer outras obras, as quais pertenceriam interinamente ao governo e administração da mesma Secretaria”. O material utilizado para a instalação da oficina tipográfica era de origem inglesa e veio nos porões da nau *Medusa*. Era uma tipografia completa encomendada por D. Rodrigues de Sousa Coutinho, futuro conde de Linhares, para servir a sua Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e Guerra, e até o embarque da família real portuguesa para o Brasil, ainda não havia sido usada.

Já em terras brasileiras, e devidamente instalada, a Impressão Régia cumpriu o papel para o qual foi destinada, além de ter contribuído para o progresso e início da formação de um pensamento nacional sobre os mais variados temas. Grande parte das publicações, que fugiram aos temas dos documentos legislativos e diplomáticos, resumem-se em opúsculos, sermões, epicédios e epinícios. No entanto, constam no rol das publicações da Impressão Régia, algumas outras obras de inestimável valor para a vida editorial brasileira:

1808 – *Observações sobre o Comércio Franco do Brasil*, de Silva Lisboa.

1809 – *Elementos de Álgebra*, de Euler; *Elementos de Geometria e Tratado de Trigonometria*, de Legendre, estes traduzidos por Araújo Guimarães.

1810 - Dois opúsculos de Arruda Câmara sobre jardins e linho; *Preâmbulo do Ensaio Filosófico e Político sobre o Ceará*, de Silva Feijó; *Roteiro e Mapa do*

⁷⁵ Idem. Essa era a segunda biblioteca que formava a Casa Real. A primeira foi destruída no terremoto de Lisboa em 1755. D. José organizou outra, chamada La Ajuda, pois para organizá-la contou com doações. O acervo da Biblioteca Real que veio para o Brasil, continha mais de cem incunábulo, dentre os quais destacam-se dois exemplares: um impresso em papel, outro em pergaminho, da Bíblia de Mogúncia de 1462, feita por Fust e Schoeffer, através do trabalho iniciado por Gutenberg.

Maranhão ao Rio de Janeiro, de Silva Berford; *Tratado de Aritmética*, de Lacroix, tradução de Silva Torres; *Tratado Elementar de Física*, do padre Haüy.

1811 – *Compêndio da obra da Riqueza das Nações*, de Adam Smith, vertida por Bento da Silva Lisboa.

1812 – *Elementos de Geometria Descritiva*, extraídos da obra de Monge por José Vitorino dos Santos e Souza; *Tratado Elementar de Mecânica*, de Francoeur, vertido por José Saturnino da Costa Pereira.

1813 – *Tratado da Ótica*, de La Caille, tradução de André Pinto; *Tratado Elementar da Arte Militar*, de Gay de Vernon, vertido por Pacheco Leitão.

1814 – *Compêndios de Matéria Médica*, do Dr. Bontempo; *Discurso Fundamental sobre a População*, de Herrenschwand, tradução de Luis Prates de Almeida; *Elementos de Astronomia*, compilados por Araújo Guimarães.

1815 – *Elementos de Geodésia*, compilados pelo mesmo; *Primeiras Linhas sobre o Processo Oftalmológico*, de Pereira de Carvalho.

1816 – *Filosofia Química*, de Fourcroy, tradução de Henrique da Paiva.

1817 – *Corografia Brasilica*, do Padre Aires do Casal.⁷⁶

Antes da instalação da Impressão Régia, o primeiro folheto publicado no Brasil foi *Relação de Entrada do bispo Fr. António do Desterro*, mas o primeiro livro na América, em português, apareceu no México, em 1710: *Luzeiro Evangélico*, do frei João Batista Morelli de Castelnuovo. Com a criação da Impressão Régia, a única oficina tipográfica existente no Rio de Janeiro até a Independência, foram 1154 publicações até 1822.

Em 1808, o *Correio Braziliense* estampou em suas páginas saudações à imprensa brasileira:

O mundo talvez se admirará que eu vá enunciar, como uma grande novidade, que se pretende estabelecer uma imprensa no Brasil; mas tal é o fato. Começou o século 19 e ainda os pobres brasilienses não gozavam dos benefícios que a imprensa trouxe aos homens; nem agora ainda lhes seria permitido esse bem, se o Governo, que lh'o proibia, acoçado na Europa, se não viesse obrigado a procurar um asilo nas praias da Nova Lusitânia... Saiba pois, o mundo e a Posteridade que no ano de 1808 da era Cristã, mandou o governo Portugues no Brasil, buscar a Inglaterra uma impressão com seus apêndiculos necessarios e a

⁷⁶ MARTINS, Wilson, Opus cit.

remessa que daqui se lhe fez importou em cem libras esterlinas!!!... Tarde, desgraçadamente tarde, mas, em fim apareceram tipos no Brasil...⁷⁷

O alvará de 1º de abril de 1808, permitia o funcionamento de manufaturas no Brasil, e a primeira tipografia particular foi fundada na cidade de Salvador. Desde então, diversos comerciantes demonstraram interesse em abrir uma oficina tipográfica. Foi o que fez Manuel Antônio da Silva Serva em dezembro de 1810, ao enviar ao recém-empossado Capitão Geral, conde dos Arcos, um pedido para que interviesse a seu favor junto ao governo do Rio de Janeiro, para a instalação de sua oficina tipográfica:

animado por uma parte dos maiores sentimentos patrióticos pela glória do Soberano e fama da Nação... desejoso por outra de cooperar... para o aumento e progresso dos conhecimentos literários e instrução pública nos vastos Estados do Brasil... e persuadido... que para o aumento e derramação das luzes e conhecimentos humanos o meio mais indispensável e eficaz é o de estabelecimentos tipográficos que convidando os sábios os animam ao mesmo tempo com o lucro da impressão de seus trabalhos podem colher e tornam assim geraes aqueles escritos que pezados no fiel da mais apurada censura e circunspecção, nutrem o espirito e saciam a curiosidade dos homens inspirando-lhes ao mesmo tempo o gosto e inclinação às Artes e às Ciências, caminho seguro de fazer florescentes os Impérios...⁷⁸

Silva Serva também planejava publicar uma gazeta, como era chamado o nosso jornal de hoje. No entanto, os donos da *Gazeta do Rio de Janeiro* tinham o privilégio da publicação de periódicos, obrigando o comerciante a viajar até o Rio de Janeiro a fim de negociar seu projeto. Obteve a autorização requerida e assinada pelo Príncipe Regente, a 5 de fevereiro de 1811, além da isenção de recrutamento para seus empregados. As condições para o funcionamento de sua oficina tipográfica em nada diferiam das que vigoravam em Portugal. Silva Serva não podia publicar livros para os quais existissem privilégios concedidos ao primeiro editor, pois para qualquer publicação era necessário antes o exame de um censor. O jornal que ganhou o nome de *Idade d'Ouro do Brasil* circulava com as seguintes condições:

⁷⁷ *Correio Braziliense*, t. 1 (1808) p. 393.

⁷⁸ MORAES, Ruben Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos: Editora S.A., 1979, p. 131.

“Deverá a Idade D’Ouro publicar todos os escritos ministeriais e econômicos, cujo conhecimento convier publicar, discorrendo sobre o interesse público, que deflue das disposições e medidas que neles se contem.

“Deverá anunciar as novidades mais exatas de todo o mundo e que mais interessantes forem a historia do tempo.

“Deverá contar as noticias politicas sempre de maneira mais singela, anunciando simplismente os fatos sem interpor quaisquer reflexões que tendam direta ou inderatamente a dar qualquer inflexão a opinião pública.

“Sempre que a escassez de noticias deixe na folha um espaço disponível, occupar-se-a este publicando alguma descoberta util, particularmente por ora, as Artes, discorrendo sobre a necessidade de instruir e conservar bons e polidos costumes nas Nações e explicando não só como o caráter nacional ganha em consideração i mundo pela adesão ao seu governo e religião, mas metendo a bulha, ou mostrando com graça e pico, quanto tem perdido naquela consideração todas as nações que se deixam despegar do governo e da religião de seus pais.

“Deverá, finalmente, a Idade D’Ouro fazer menção dos despachos civis e militares particularmente dessa Capitania e escrever os avisos que forem remetidos a seu redator convenientes a maior facilidade e viveza do comercio. Bahia, 5 de maio de 1811.” Essas diretrizes foram redigidas pelo conde dos Arcos.⁷⁹

Havia rigor no processo de requerimento para a impressão de qualquer manuscrito, o qual era antes apresentado a uma junta diretora para avaliação e despacho para impressão, após as correções das pessoas que compunham tal junta, sempre composta por profissionais interessados no assunto do manuscrito apresentado. Apesar da censura, o governo não impediu a propagação das notícias sobre os mais variados fatos ocorridos no resto do mundo e idéias revolucionárias para a época alimentavam as mentes daqueles que tinham acesso a essas leituras.

Tantas regras dificultavam as impressões que não atendessem estritamente aos interesses nelas expostos. Como bom comerciante Silva Serva atendia ao gosto do público leitor da época, publicando obras sobre o assunto do momento e títulos que tivessem garantia de compra. Se sua empresa deu lucro ou não, a história não nos dá maiores informações. Sabe-se apenas que por volta de 1811, o comerciante pediu auxílio ao governo, com base no alvará de 28 de abril de 1808, o qual prometia auxílio às novas indústrias instaladas no país. Recebeu o empréstimo, de quatro contos de réis, em 1815, pagáveis à razão de quatrocentos mil réis por ano, com cinco anos de carência. A empresa cresceu e publicou títulos importantes, também para cursos de nível superior, como o recém

⁷⁹ Silva Serva parece não ter cumprido as normas de publicação. Ver HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história), São Paulo: T.A. Queiroz, Editor & Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

inaugurado curso de Medicina da Bahia, com duração de 5 anos.⁸⁰ A atmosfera para uma mudança do pensamento brasileiro era propícia mesmo com publicações científicas, voltadas para os campos da medicina, economia, política e direito, quando muito para os campos da história. A literatura ainda não ocupava largo espaço, mas já dava os ares da graça com a *Marília de Dirceu*, em 1810, o *Uruguai*, de Basílio da Gama, em 1811, as *Obras poéticas*, de Garção em 1812 e as *Obras* de Virgílio, em 1818. Novas idéias eram introduzidas no país, o que fomentava a independência de pensamento e também política; e essa última veio a ocorrer alguns anos mais tarde, em 1822.

Passados quarenta e quatro anos, temos o nosso Machado de Assis publicando suas *Crisálidas*. As máquinas de impressão muito provavelmente ainda dependiam da arrumação dos caracteres pelos tipógrafos, uso que se estendeu até a primeira metade do século XX, quando a linotipo de Mergenthaler revolucionou a produção de livros, revistas e jornais em todo o mundo, chegando ao Brasil alguns anos mais tarde.

No início era uma máquina que reunia matrizes metálicas com as quais formava uma linha de tipos, fundida na mesma máquina, empregando metal derretido. As matrizes dos caracteres eram estampadas em tiras verticais, cada uma contendo um alfabeto completo, algarismos, sinais e pontuação, para que a linha pudesse ser composta, com a descida e paralisação das tiras na altura devida, por meio de batentes previamente regulados através de um teclado. A justificação da linha só era possível através da linha de espaços, que por sua vez funcionava através de um ponteiro que indicava quando a linha estava completa; e por último, procedia-se então, à sua fundição. Em 1885 chega ao mercado o aperfeiçoamento dessa primeira máquina, eliminando as deficiências da máquina de matrizes em tiras, substituídas pelas matrizes individuais, cujas emendas podiam ser feitas à medida que as matrizes eram reunidas, sendo a linha justificada pelo espaço-cunha.⁸¹ Alguns anos mais tarde a eletricidade ocuparia o lugar da iluminação a gás, e o rendimento do trabalho de uma tipografia melhoraria em muito. A 24 de agosto de 1895, o editor do periódico carioca *Don Quixote* se desculpava com seus leitores pela irregularidade na publicação:

⁸⁰ Silva Serva faleceu a 3 de agosto de 1819 no Rio de Janeiro, quando fazia uma de suas viagens de negócios. A tipografia passou então às mãos da viúva e posteriormente às de seus herdeiros, que deram continuidade a seu trabalho até metade do século XX.

⁸¹ MORAES, Rubens Borba. Opus cit., p. 280.

A razão dessas irregularidades, que sinto tanto quanto os meus assinantes, é que o jornal imprime-se n'uma lithographia, alias a mais bem montada desta capital, mas cujas machinas só podem trabalhar a luz do dia. Uma empresa que começa esta sujeita a toda especie de contrariedades; essa é uma, e estou convencido de que, à vista do exposto, os assignantes do Don Quixote revelarão a falta da sua visita em alguns domingos⁸²

Os desbravadores desse território - a imprensa no Brasil, foram os europeus, cuja atenção voltou-se para essa colônia que reverenciava a cultura francesa no século XIX. Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert perceberam isso e chegaram ao Rio de Janeiro para lá estabelecer uma das primeiras editoras importantes da história do livro no Brasil. Em 1833 foi fundada a Livraria Universal, que em 1838, com a compra de três impressoras, passou a Typographia Universal.⁸³ Os principais trabalhos publicados foram o *Almanack administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*, mais conhecido como *Almanack Laemmert*. Seu sucesso foi tanto que em 1875 saiu com nada menos do que 1700 páginas. A Typographia Universal publicou ainda outros títulos como *Dicionário de medicina doméstica, Sucintos conselhos às jovens mães para o tratamento racional de seus filhos*⁸⁴, *Coleção completa de máximas, pensamentos e reflexões*⁸⁵, e *Seleções de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil*. Outros títulos voltados a assuntos mais técnicos e acadêmicos, além das traduções, foram impressos e alcançaram o mesmo êxito; dentre esses destacam-se *Navegação interior do Brasil e Estudos de literatura contemporânea*, *As viagens de Gulliver*, *Contos seletos das mil e uma noites*, *Aventuras pasmosas do celeberrimo barão de Münchhausen* e as *Amorosas paixões do jovem Werther*, de Goethe.

Nessa mesma época, a livraria Garnier concorria com a Universal, dividindo com ela o mercado de livros, concentrando-se na publicação de literatura. O francês Baptiste Louis Garnier é apontado como o primeiro editor, no Brasil, a perceber a diferença

⁸² *Don Quixote*, n. 30/31, 24 de agosto de 1895. Citação retirado de ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis, passagens entre o livro e o jornal*. Chapecó, Editora Grifos, 1999.

⁸³ Em 1859, na rua dos Inválidos, trabalhavam 120 pessoas, que imprimiam mil folhas por dia. Na oficina de encadernação havia outros 50 homens produzindo 5 mil livros encadernados por mês, além das 14 mil brochuras. Ver mais detalhes Paixão, Fernando. *Momentos do Livros no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1995.

⁸⁴ Ambos os títulos são de Theodore Langgaard, médico dinamarquês radicado no Brasil, que fez muito sucesso com obras como essas, de grande apelo popular e voltadas à prática e resolução dos problemas do cotidiano.

existente entre o trabalho de impressão e edição, e mandava imprimir os seus volumes em Paris e Londres.⁸⁶

Com a entrada do século XX, a Garnier e Laemmert perderam espaço para concorrentes como a José Olympio⁸⁷ e a Livraria Francisco Alves, a primeira a acreditar e investir na publicação de livros didáticos.

⁸⁵ Essas obras são do marquês de Maricá.

⁸⁶ De acordo com o *Dicionário Houaiss* edição está voltada ao trabalho intermediador da impressão e chegada do produto ao mercado, ou seja, é a ação que conduz à publicação e difusão comercial, enquanto impressão está inteiramente voltada à ação de imprimir, ao processo de reprodução que assegura a transferência de sinais, texto ou imagens sobre um suporte de papel e afins, pp. 1097 e 1585.

⁸⁷ Em 1934, a área editorial da Garnier foi fechada, devido à depressão e ao sucesso do concorrente José Olympio, que nesse mesmo ano instalou-se na rua do Ouvidor, e logo conquistou a preferência do público e dos escritores.

3.2 O carioca e o francês: uma história para além das fronteiras da formação e cultura.

Dentre os europeus que apostaram num novo mercado com o advento da imprensa no Brasil, destacou-se um carioca de origem modesta e de grande capacidade para administrar os negócios ao mesmo tempo em que encorajava os literatos de sua época. Francisco de Paula Brito foi essa espécie de *mecenas* à moda brasileira. Ele foi o primeiro editor a depositar na literatura brasileira, tão jovem quanto os escritores que faziam sua história, o crédito necessário para impulsionar as publicações dos escritos da sua pátria, num empreendimento de risco - dele e do autor. Esse mulato que aprendera o ofício de tipógrafo na *Imprensa Nacional*, estabeleceu-se por conta própria a muito custo em 1831, na Praça da Constituição, onde imprimiu uma de suas mais famosas publicações: a revista *Marmota Fluminense*, a mesma que publicou os primeiros versos de outro mulato de origem modesta como a sua; Machado de Assis.

A recompensa pelos esforços de Paula Brito podia ser vista no número de funcionários⁸⁸, nas publicações que lançava e na admiração a ele devotada pelos literatos e até mesmo por D. Pedro II, a quem recorreu num momento crítico nas finanças, e com frequência consagrava em seus poemas, uma vez que retribuía em muito a admiração do imperador.

Esse entusiasmado editor possibilitou aos poetas e romancistas de sua época, que almejassem uma publicação de seus trabalhos e algum rendimento por isso. É certo que tais rendimentos eram insuficientes para proporcionar àqueles uma vida mediana, mas Paula Brito até nisso foi instrumento precioso para fomentar medidas de outros setores. O mercado era ainda muito limitado, mas, uma vez conquistada alguma fama, um escritor poderia sonhar com a possibilidade de obter uma sinecura do governo, e assim, ter o rendimento necessário e o tempo para escrever.

Apesar disso, muitos viam em Paula Brito um lunático, sonhador, idealista; imagem recorrente mesmo em nossos dias. Entretanto, sem a costumeira audácia em lançar novos poetas, romancistas, contistas e tantos outros desconhecidos das salas, salões, rodas e *clubs* de literatura, tais como Hélió Viana, Eunice Ribeiro, Machado de Assis, Francisco

⁸⁸ Nove franceses, cinco portugueses e quarenta e seis brasileiros.

Otaviano e Salvador de Mendonça, esses e outros tantos que ingressavam no mundo das letras, teriam alguma dificuldade para encontrar abrigo melhor que o seu. Seus ideais alimentaram as mentes daqueles que mais tarde alimentariam as poucas mentes alfabetizadas do Rio de Janeiro da época.⁸⁹ O mercado encontrado por Garnier quando de sua chegada, treze anos após a conquista de Paula Brito na Rua da Constituição, teve naquele lunático sonhador a maior e melhor contribuição para que pudesse existir de fato um mercado e um público leitor, ainda que pequeno.

Desfilaram com o passar dos anos alguns infortúnios nos negócios daquela rua da Constituição, na tipografia de Paula Brito. O mesmo braço que acolhia os escritores trabalhava sem descanso para continuar a proteger e lançar novos nomes. A fortuna ele só conheceu na admiração de seus contemporâneos, no reconhecimento daqueles a quem dera acolhida em algum momento e no solo que começava a ser produtivo e mais tarde iria abrigar o francês Baptiste Louis Garnier, em 1844.

Da semente plantada pelo francês os primeiros frutos colhidos não podiam ser dos maiores, pois o solo era de um Rio de Janeiro com estrutura ainda precária e um público leitor restrito. Não havia rede de esgotos, a água usada por toda a população provinha do centenário aqueduto de Santa Tereza, e as ruas eram iluminadas a óleo de baleia.

Se Paula Brito foi o protetor e construtor de uma sociedade literária, chamemos Garnier de alicerce, ao menos no concerne a algumas inovações. À luz de métodos comerciais que geraram críticas dos escritores e de seus concorrentes, Garnier criou, inovou e exerceu grande influência no mercado livreiro da época; desde o formato do livro até o tabelamento dos preços fixos por capa, lentamente ele foi tomando conta do espaço, do mercado, dos escritores e dos leitores. Publicou sistematicamente autores nacionais, e pagava a eles regularmente por seus direitos autorais. Alguns biógrafos de Machado de Assis mostram que Garnier era considerado em sua época como um editor miserável nesses pagamentos. Entretanto, com Paula Brito e posteriormente com Garnier, a maior miséria estava justamente na abundância de trabalho a ser feito e na carência de um patriota

⁸⁹ Hélio de Seixas Guimarães, em *Os leitores de Machado de Assis* (tese de doutoramento / Unicamp), destaca que “ao longo de todo o século 19 os alfabetizados não ultrapassaram os 30% da população brasileira e não se verificaram alterações no perfil e dimensão do leitorado semelhantes às que acompanhavam a emergência do romance na França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1872, apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever, segundo os dados do recenseamento”. Pg.37.

idealista como o primeiro e de um calculista como o segundo. Se agia pura e simplesmente por frio cálculo comercial mais que por idealismo patriótico, o fato é que Garnier fez mais que qualquer um de seus críticos para alicerçar solidamente a publicação de obras da literatura brasileira, pagando direitos autorais não apenas aos tradutores como também aos autores brasileiros, além de publicar suas obras. Cada qual a seu tempo, Paula Brito e Garnier, correram os riscos de adentrar e investir no precário mundo das letras na vastidão das terras desse país. E com os riscos, vieram os erros de cada um, tão comuns a qualquer época.

Nessa vastidão, o Rio de Janeiro foi sem dúvida, a sensação dos editores e livreiros até o final do século XIX; mas, antes da virada do século, a vida cultural de uma outra capital do país - com uma população de cerca de 15 mil pessoas em comparação às 250 mil do Rio de Janeiro - , viria a conhecer a atividade desses profissionais e difusores da cultura local, nacional e internacional. São Paulo tinha em seus territórios a Faculdade de Direito, criada em 1828, três gráficas que imprimiam livros somente por encomenda dos autores e três livrarias, sendo a mais popular delas a do português José Fernandes de Sousa, especializada em livros jurídicos. É a partir de 1860 que esse panorama começa a mudar, quando a Livraria Garnier abre uma filial em São Paulo, dirigida pelo francês Anatole Louis Garraux, que em 1865 associou-se a Guelfe de Lailhac e Raphael Suarès, para juntos abrirem a Livraria Acadêmica, que todos chamavam de Casa Garraux.

No mesmo ramo destacou-se outra Livraria Acadêmica, a do português Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, ex-estudante de direito e ex-funcionário de uma livraria estabelecida no Porto, que abandonou a direção de um jornal da colônia portuguesa no Rio de Janeiro para transferir-se para São Paulo e trabalhar com livros jurídicos, a sua grande paixão. Hoje a Livraria Saraiva domina o espaço do mercado destinado a livros jurídicos graças à visão de seu criador, que granjeou em sua época a amizade de estudantes e professores da Faculdade de Direito, exercendo sobre eles grande influência.

Nesse panorama “livreiro-editorial” das terras brasileiras do século XIX e XX, podemos citar outras tantas casas publicadoras e pontos de venda de livros que contribuíram para a expansão e crescimento da imprensa no Brasil. Temos em 1876 a abertura da Grande Livraria Paulista, futura Livraria Teixeira, dos irmãos Antonio Maria e

José Joaquim⁹⁰, a editora Laemmert, que publicou a primeira edição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; e a Editora Revista do Brasil; depois Monteiro Lobato et Cia. e Editora Nacional; até chegar à editora Brasiliense, que Monteiro Lobato ajudou a fundar.

Nas transformações pelas quais passou a imprensa brasileira desde que chegou em terras brasileiras até o início de sua modernização, cada editor e livraria exerceram papel fundamental seja na publicação ou venda de livros, numa incessante busca por um mercado promissor e em crescimento, o qual mais tarde promoveria a vinda de novas máquinas ao país, trazendo com elas a “promessa” de dias melhores através de uma tecnologia mais avançada na expectativa da superação dos erros e eliminação dos problemas até então enfrentados. O trabalho de tantos estrangeiros oriundos de diversos pontos, principalmente da Europa, foi um grande estímulo para a vida cultural brasileira e a propagação da produção intelectual e artística na época. Mas, foi um brasileiro, Monteiro Lobato, que deu continuidade a esse trabalho, pois temos nele uma espécie de “divisor de águas” nesse processo de crescimento e superação de problemas. A necessária ousadia fez com que Lobato revolucionasse o recém-nascido mercado editorial brasileiro, e sua contribuição foi decisiva neste processo.

Mas, o que podemos dizer da tecnologia? Até que ponto as inovações implantadas no “parque editorial” brasileiro contribuíram para melhores impressões e publicações dos textos? Entre homem e máquina, que lugar ocupa a almejada perfeição num mercado tão competitivo e caro? Será que tecnologia e perfeição andam juntas?

⁹⁰ Além de suas edições, a Livraria Teixeira ficou conhecida também por ter iniciado as noites de autógrafo. Em *Momentos do Livro* (Ed. Ática), vemos que “em 1941, meio por acaso, foram colocados sobre uma mesa exemplares de um novo livro de Guilherme de Almeida. Alguns clientes da casa, ao perceber o poeta ali presente, pediram-lhe para autografar o livro. A partir de então, os novos lançamentos passaram a ter suas tardes de autógrafo, a princípio freqüentadas pelos familiares dos autores e pelo público anônimo, depois também por personalidades da política e da sociedade. Pg.34.

*“Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada ‘livro’? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro; batata, querosene ou bacalbau. É uma mercadoria que não precisa examinar nem saber se é boa nem vir a esta escolher. O conteúdo não interessa a V.S., e sim ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios, etc. E, como V.S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos”*⁹¹

⁹¹ Carta que Monteiro Lobato enviava a comerciantes em geral para que esses aceitassem vender livros em seus estabelecimentos. Dessa forma, Lobato aumentou os pontos de vendas de livro no Brasil, que em 1918 chegaram a 2000. Na lista de comerciantes só não entraram os açougueiros porque Lobato não queria seus livros “manchados de sangue”. In *Momentos do Livro no Brasil*, São Paulo, Editora Ática, 1996.

Tecnologia e perfeição: inseparáveis?

Desde o advento da imprensa, com Gutenberg, e sua passagem pela Europa e Estados Unidos, até “aportar” em terras brasileiras, foram vários os passos dados para que o Brasil pudesse produzir em suas terras os próprios jornais, revistas e livros. Nesse caminho, como em todos, alguns trechos foram tortuosos e desafiadores, para que outros pudessem ser marcados como trechos de superação dos problemas outrora encontrados.

A velocidade com que a imprensa criou e conquistou um mercado brasileiro para produção e venda de seus produtos não foi a mesma utilizada na criação de “mecanismos de defesa” da qualidade dos mesmos. Os erros recorrentes nas edições são exemplos disso.

Nosso enfoque neste momento está voltado aos passos dados e que contribuíram para o avanço da imprensa no Brasil, e seu crescimento nos poucos anos que antecederam o momento que hoje vivemos. Vamos olhar do mesmo modo, os passos que contribuíram para a perpetuação dos problemas encontrados pelos primeiros editores, livreiros, autores e leitores. São passos de superação, dados, por assim dizer, “simultaneamente” aos cambaleantes.

3.3 Os passos dos editores e os caminhos das edições: momentos de superação.

Garnier, Laemmert, José Olympio, Francisco Alves, Saraiva e outros nomes foram importantes da imprensa brasileira nos primeiros passos desta. Os esforços de cada um criaram um espaço para a atividade editorial, assessorando autores e leitores na difusão e conhecimento da cultura de um povo que em meados do século dezenove ainda sofria forte influência francesa em todos os âmbitos e esferas de sua vida.⁹²

Influências sempre existiram, em maior ou menor grau, e fazem parte do processo de construção de uma cultura, e observamos isso, documentado, principalmente com a implementação de um sistema editorial voltado à produção, impressão e venda de jornais, revistas, livros, etc.

A capital francesa no Brasil era o Rio de Janeiro, o centro das atenções da colônia, e depois República, até São Paulo conquistar seu espaço e tornar-se o pólo industrial do país nas primeiras décadas do século XX, despontando no horizonte comercial brasileiro com o resplendor dos bondes, fábricas, energia elétrica e uma economia alicerçada em fatores os mais diversos. Dentre eles, identificamos a Faculdade de Direito. A necessidade de livros para os alunos e professores desse curso atraiu a atenção de comerciantes já instalados no Rio de Janeiro, e de outros que até então não conheciam nem a corte. Algumas livrarias e editoras do Rio abriram filiais, já outras se transferiram definitivamente para a capital paulista e deram os primeiros passos para a construção de uma tradição no mercado editorial da cidade.

Ex-funcionário da Garnier no Rio, Anatole Louis Garraux, chegou a São Paulo e instalou-se no largo da Sé em 1860 para dirigir uma filial da Garnier, era a “Casa Garraux”, nome pelo qual ficou conhecida entre estudantes e frequentadores, que além de livros, papéis de carta, penas, lápis e objetos de escritório, introduziu na cidade o uso do envelope. A Casa Garraux destacou-se em sua época por suas publicações e por novidades como

⁹² Os períodos pelos quais a imprensa passou pode ser dividido pelo menos em seis. Em *Momentos do livro*, Fernando Paixão propõe a seguinte divisão: **1º Período:** 1900 – 1914, **2º Período:** 1914 – 1930, **3º Período:** 1930 – 1945, **4º Período:** 1945 – 1964, **5º Período:** 1964 – 1985, **6º Período:** 1985 – 1995.

caixas registradoras, máquinas de calcular e de escrever.⁹³ Entre as obras do catálogo da Garraux se destacam as religiosas, místicas, didáticas, as de culinária, de medicina, literatura e principalmente as de livros de direito. Em 1883 o viajante Christopher Andrews considerou essa a melhor livraria e papelaria do Brasil; mesmo ano em que Anatole vendeu o negócio para seu genro, Willy Fischer, e voltou para a França. A importância dessa livraria pode ser observada ainda no seu quadro de funcionários, dos quais destacam-se Jacinto Silva, que abriu a editora O Livro e publicou obras dos modernistas; e o futuro editor José Olympio, que começou a trabalhar com livros em 1918, e em 1931, comprou a biblioteca de um ilustre cliente da casa, Alfredo Pujol, dando início a seu negócio.

O ano de 1883 marcou também a fundação da Grande Livraria Paulista,⁹⁴ que viria ser mais tarde a conhecida Livraria Teixeira. Tinha entre seus funcionários o então jovem português José Vieira Pontes, em 1896 com quinze anos, o “Pontes da livraria”, futuro sócio e depois único dono do negócio após a morte de José Joaquim, em 1929.⁹⁵ Das publicações da Livraria Teixeira merecem destaque *A Carne*, romance naturalista de Júlio Ribeiro (1888), considerado pornográfico e muito criticado pela igreja, chegando a ser apreendido. Além desse, publicou *As Primaveras* de Casimiro de Abreu (1889), livro citado no Prefácio de Caetano Filgueiras às *Crisálidas* de Machado de Assis; *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo (1890); *Demônios*, de Aluísio Azevedo (1893); *Luciola*, de José de Alencar (1917) e *Amor de Perdição*, do português Camilo Castelo Branco (1926). Pontes dedicou-se à livraria até sua morte, em 1952, quando esta passou para as mãos de dois de seus funcionários, uma tradição herdada dos primeiros donos. Ela é hoje a livraria mais antiga de São Paulo.⁹⁶

Garraux e Livraria Teixeira em São Paulo, e no Rio de Janeiro, Francisco Alves. Sobrinho de Nicolau Alves, português dono da Livraria Clássica em sociedade com Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães; Francisco foi convidado pelo tio a vir para o Rio de Janeiro e ajudá-lo no negócio de livros escolares e didáticos que não parava de crescer. O rapaz de 34 anos, de temperamento forte, logo comprou a parte de Antônio Joaquim

⁹³ O nome social da firma de Anatole Louis Garraux, proprietário da Casa Garraux, nome pelo qual era conhecida sua livraria, era na verdade Livraria Acadêmica, fruto da sociedade do francês com Guelfe de Lailhac e Raphael Suarès.

⁹⁴ Os proprietários eram os irmãos Antonio Maria e José Joaquim.

⁹⁵ Por essa época Antonio Maria já havia voltado a Portugal onde montara a Livraria Clássica Editora.

⁹⁶ A Livraria Teixeira editou livros até a década de 1960, quando encerrou suas atividades nessa área.

Magalhães e depois do tio Nicolau. Logo após a compra, Francisco investiu na ampliação da livraria e acrescentou-lhe a venda de material para escola primária, o que proporcionou também o investimento na área de edição de livros didáticos, sua principal área de negócios e maior fonte de renda nos anos subseqüentes. Nisso está um dos aspectos do pioneirismo desse incansável e arrojado livreiro-editor, que eliminou seus concorrentes de duas formas: oferecendo ao público leitor livros mais baratos e comprando as livrarias, editoras e direitos autorais dessas. Apesar do forte temperamento, Francisco Alves tinha fama de generoso e pagava bem seus funcionários, contribuindo desse modo para manter o alto nível desses profissionais. Em 45 anos de atividade, ele acumulou um valioso patrimônio doado na ocasião de sua morte, conforme sua vontade revelada em testamento, à Academia Brasileira de Letras, que impedida por seus estatutos de gerir qualquer empresa, vendeu a livraria a um grupo de antigos funcionários de Francisco, liderados por Paulo Ernesto Azevedo. Foi criada então a Paulo Azevedo et Cia. Em 1972, a editora voltou a chamar-se Livraria Francisco Alves Editora, e sua atuação no mercado está hoje voltada principalmente para a ficção.⁹⁷

Em São Paulo a atividade editorial continuava crescendo sobre os alicerces construídos pelos primeiros livreiros e editores que se instalaram na cidade. O trabalho ganhou vigor nas mãos de Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, em 1914, com sua Livraria Acadêmica, a qual ganhou *status* de editora com o lançamento de *Casamento Civil*, de Aniceto Corrêa, o primeiro de uma série de títulos que por mais de 30 anos foram dedicados exclusivamente à área jurídica. A livraria só ganhou novos rumos com a morte de seu fundador, quando passou às mãos de seus filhos, em 1944. O ano de 1945 marcou a montagem da gráfica sob a tutela deles, que também ampliaram o negócio aumentando o número de livrarias e diversificando a linha editorial. Em 1949, a livraria publicou a primeira edição de *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos, com 40 mil exemplares [*sic*].⁹⁸

⁹⁷ É a mais antiga editora do Rio de Janeiro com atividade ininterrupta.

⁹⁸ Embora o número de exemplares pareça fictício, esse dado foi retirado do livro *Momentos do Livro no Brasil*, São Paulo, Editora Ática, 1996; que fez o seguinte comentário: “Baratos, com capas coloridas e atraentes, os volumes chamavam a atenção do público. Vendidos em sistema de assinaturas, inédito na época, os livros tinham tiragens altíssimas – em 1949, a primeira edição de *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos, saiu com 40 mil exemplares.” Mesmo com essa diversificação em suas atividades a Saraiva é hoje líder no mercado de livros jurídicos, mantendo a taxa de 75% de vendas nesse mercado.

A cidade experimentava a expansão do comércio; gráficas e editoras surgiam e novas máquinas chegavam ao país. Mas a imprensa brasileira, e em especial a de São Paulo, experimentou outra inovação em meados da primeira década do século XX. Entrava em cena Monteiro Lobato, um dos editores mais ousados e dedicados que o Brasil já teve.

Com a Primeira Guerra Mundial, as indústrias nacionais se fortaleceram, levando São Paulo, desde o início do conflito até dois anos após seu término, a um favorável crescimento e progresso industrial, que alcançou a estatística de 25% de crescimento ao ano. O setor industrial acompanhou o crescimento e teve nessa época a percepção dos problemas que sua indústria enfrentava na produção de livros: o parque gráfico não comportava os meios necessários para uma boa impressão, uma vez que as gráficas dedicavam a maior parte de seu tempo e produção aos jornais, revistas e almanaques. Foi justamente esse o momento propício para a atuação de Monteiro Lobato, que montou a primeira empresa com equipamentos adequados à produção de livros. Buscou no exterior as melhores máquinas disponíveis, e contratou técnicos altamente capacitados para utilizá-las. Começou a editar usando o nome da “Revista do Brasil”, posteriormente abandonado para dar lugar à Monteiro Lobato et Cia, em sociedade com o amigo Otalles Marcondes Ferreira, quem anos mais tarde o ajudou a criar a Companhia Editora Nacional.

Lobato editou principalmente os amigos e se arriscou por nomes desconhecidos do grande público. Entre eles estavam Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Paulo Setúbal, Oliveira Vianna, José Toledo de Maria Malta e Lima Barreto. Editava e opinava na cor das capas, nos títulos das obras e nos tipos utilizados em suas máquinas tipográficas. Uma das dificuldades enfrentadas também por outros editores da época, fez Lobato buscar o aumento dos pontos de distribuição e venda de livros, afinal, era necessário um mercado consumidor para os livros que eram editados. Por volta de 1918, o número de pontos de distribuição e venda não passava de trinta mas, no mesmo ano, aumentou para cerca de mil e trezentos. As estratégias de Lobato eram simples, porém eficientes. Uma das mais conhecidas consistia num contato indireto entre ele e comerciantes de mais diversos ramos. Através de uma carta Lobato oferecia o produto, a saber, o livro, como um artigo a mais para venda no estabelecimento do comerciante contactado. Apesar de seus esforços, com o agravamento da crise do pós-guerra somado às dívidas que contraiu e a impossibilidade de utilizar plenamente as modernas máquinas que adquirira, devido à seca que afetou as

hidrelétricas e o fornecimento de energia para a cidade, Monteiro Lobato pediu falência. Juntou-se alguns anos mais tarde, em 1944, a Caio Prado Jr., Leandro Dupré e Artur Neves, para fundarem a Editora Brasiliense.

Ainda na década de 40, chegava numa outra editora, à São Paulo Editora, a primeira linotipo da cidade. Dez anos se passaram e seu parque gráfico se expandiu com a chegada das rotativas e máquinas de acabamento. Foi implantado o sistema off-set, e logo em seguida o uso de cores em livros, além de novidades como a brochura colada. Por esses tempos e nos vindouros, entram em cena algumas livrarias e editoras ainda presentes e atuantes no mercado editorial dos nossos dias, como a Melhoramentos, Livraria Cultura, Editora Itatiaia, Editora Ática, Nova Fronteira, Editora Perspectiva, Terra e Paz, Record, Abril, L&PM, a G.B. Companhia José Aguilar Editora, Cultrix, Rocco e Companhia das Letras.⁹⁹

Os benefícios trazidos pelo trabalho desenvolvido por cada uma dessas casas publicadoras estão arrolados nos livros que contam a história do livro no Brasil¹⁰⁰, merecendo destaque neste cenário, o início da produção de papel industrializado no país com a implantação da primeira fábrica em 1890, na cidade de Caieiras, em São Paulo. A fábrica pertencia à Companhia Melhoramentos de São Paulo, que ganhou uma forte concorrente, quando em 1909 a Klabin Irmãos & Cia lançou-se nesse mercado.

Mas as máquinas velozes e a tecnologia em crescente avanço não garantiram passos sempre seguros o suficiente para superar problemas antigos, como os erros e problemas de revisão das edições publicadas, por exemplo. Junto com os passos nos momentos de superação dos obstáculos para a implantação da imprensa no país, foram dados passos cambaleantes nesse caminho sinuoso da atividade editorial no Brasil.

⁹⁹ Melhoramentos(desde 1915, ganhando notoriedade principalmente em 1948 com *Patinho Feio*). Sobre as demais editoras, consultar *Momentos do Livro no Brasil*, São Paulo: Ática, 1996, pgs. 74-166.

¹⁰⁰ *O Livro no Brasil* (sua história), São Paulo: T.A. Queiroz, Editor & Editora da Universidade de São Paulo, 1985. de Laurence HALLEWELL é o mais completo livro sobre o assunto e modelo para os posteriores.

3.4 Os passos dos editores e os caminhos das edições: momentos cambaleantes.

Com a invenção dos tipos móveis, a imprensa criou um ambiente favorável para o aumento da produção e reprodução dos textos, que até então estavam sob os cuidados dos copistas. As mãos que antes seguravam as penas para copiar os textos já não eram mais as mesmas que os reproduziam através da prensa. Os caracteres móveis também substituíram as pranchas de impressão, aumentando a utilização de um mesmo material para diferentes trabalhos, e reduzindo o custo final do livro. O prenúncio de novas tecnologias, feito ainda no século XV por Gutenberg, foi ao longo dos séculos subseqüentes concretizado. Hoje o mercado editorial dispõe de máquinas capazes de reproduzir milhares de páginas em poucas horas. Mas a preocupação com a forma e beleza ainda subsiste.

As letras ornamentadas, as miniaturas e iluminuras e os aparatos luxuosos das encadernações, eram antes e também no início da imprensa, a beleza sublime do livro. Já o padrão de beleza, assim como o copista, se transformou. Temos hoje uma grande variedade de tipos de papel, formatos e encadernações, capas, cores e letras. A máquina de imprimir é apenas um dos utensílios que a “máquina do mercado editorial” utiliza para atrair seus consumidores, vendendo idéias de aventuras, descobertas, conquistas e surpresas. O autor vê seu texto ser transformado por essa máquina, que tem o poder de arruiná-lo ou promovê-lo.

Na odisséia do livro são muitos os caminhos, as descobertas e conquistas, belezas e “monstruosidades”. O leitor que decide percorrer seus caminhos descobre algumas das histórias do mundo da escrita e conquista parte dele, se encanta com suas belezas, mas nem sempre está preparado para enfrentar as “monstruosidades”, não do mundo recém-descoberto e conquistado, e sim de um mundo por ele desconhecido. Sua aventura hoje é possível com o advento da imprensa que exerce papel fundamental na propagação do texto escrito. O autor, por sua vez, corre o risco de não ser seu único mentor, mas um companheiro numa caminhada que reserva algumas surpresas para ambos.

Se o primeiro passo for cambaleante, então o nosso “Ulisses” andarà numa corda bamba e seu companheiro – o autor, mesmo que de longe, nada poderá fazer para livrá-lo de cair.

As conquistas foram inúmeras e continuam, mas, esperava-se que com a criação e o crescimento da produção industrial do livro, os problemas – os mais graves - dos erros de cópia fossem eliminados, devido à modernização das máquinas. A expectativa criada a partir do avanço da tecnologia, no sentido de melhorar e aperfeiçoar as técnicas de impressão, diminuir a ocorrência de problemas e um posterior desaparecimento dos mesmos, viu-se frustrada não somente no passado século XIX, quando a imprensa não dispunha de meios que possibilitassem a correção desses erros, como também no século seguinte, quando ainda podemos observar a perpetuação de problemas que prejudicam obras inteiras. Provavelmente, os erros e problemas editoriais ajudaram a escrever a história da imprensa antes que esta chegasse ao Brasil. As máquinas, alguns tipógrafos e muitos dos editores vieram de longe para aqui se instalarem em busca de um novo mercado.

A hipótese de que os erros serão sempre os mesmos em todos os exemplares de uma mesma edição, não funcionou para o primeiro livro de poesias de Machado de Assis, lançado em setembro de 1864. Para outros autores ocorreu o mesmo. A reclamação de Euclides da Cunha a seu amigo Francisco Escobar, na ocasião do lançamento da primeira edição d'*Os Sertões* é uma espécie de documento de situações semelhantes às sofridas por Machado e suas edições: “Tenho passado mal. Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus *Sertões*; fui lê-lo com mais cuidado – e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olho fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror! Quem sabe isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro?”¹⁰¹

A pena da antigüidade registrava os erros dos copistas, e a arrumação dos caracteres, os erros dos tipógrafos das nossas oficinas do século XIX, que trocavam os lugares dos caracteres ou deixavam de colocar algum deles, ajudando-nos a explicar a falta ou troca de lugar de algumas letras nas páginas das edições que hoje ainda podemos consultar. A mesma explicação não serve para o século XX. Com a criação de um mercado consumidor de livros, e o estímulo ao consumismo, o trabalho dos especialistas dos nossos

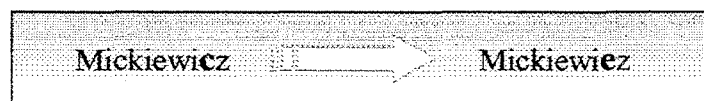
¹⁰¹ Euclides da Cunha escreveu a Francisco Escobar em setembro de 1902, dois meses antes do lançamento da primeira edição de seu livro, que foi financiada pelo próprio autor, uma vez que sua editora, a Laemmert não acreditou na obra, tendo em vista o grande número de páginas da mesma e se recusou a publicá-la, alegando que não haveria leitores para tantas páginas. A primeira edição esgotou-se em poucas semanas e a Laemmert voltou atrás em sua decisão. O livro vendeu 6 mil exemplares no prazo de um ano e meio, um verdadeiro recorde.

dias revela o descuido e por vezes, a falta de conhecimento do que se copia. Trocar de lugar as teclas imóveis da máquina de imprimir é algo inimaginável.

As edições do século dezenove e início do vinte ainda dependiam de máquinas que dispunham de mecanismos diferentes das atuais, no tocante à organização dos caracteres para a composição dos textos. O tipógrafo precisava ter um pouco da atenção e cuidado dos copistas da antiguidade na organização desses caracteres, organizados manualmente, um a um. Em dados momentos, alguns tipos já estavam gastos e algumas letras apareciam na página do livro quase que apagadas. A pontuação de fim de verso ou frase sofria pouco mais que isso, pois era totalmente apagada em casos dessa natureza.

São hipóteses que nos ajudam a explicar problemas como o da epígrafe do poema “Polônia”, do livro *Crisálidas*, de Machado de Assis. O nome do poeta polonês Mickiewicz perdeu o c antes da última letra (z) e ganhou a letra e no lugar da omitida. A epígrafe do poema é um trecho do *Livro da Nação Polaca*, e seu nome aparece da seguinte forma:

“Mickiewiez”



A troca das letras não se deve à falta de conhecimento do autor do livro ou até mesmo do tipógrafo, pois o mesmo nome é citado outras vezes em diferentes lugares de *Crisálidas*. Provavelmente um descuido na organização dos caracteres e a falta de revisão das provas, explicam tal ocorrência, que se repete nas edições de 1902 e 1924.

Embora alguns erros encontrados não alterem o sentido dos versos, justamente por serem facilmente reconhecidos como erro e não como um possível erro, outros, porém, fazem o leitor andar na corda bamba e por fim, ter que escolher com qual das pistas vai ficar para continuar sua jornada. Em casos como o do poeta Mickiewicz, por exemplo, esse leitor não poderá notar o erro – a menos que já conheça o poeta ou tenha visto o nome em alguma outra publicação. Se esse mesmo nome aparece repetidas vezes no livro todo, o leitor terá que deduzir qual é a versão correta; isso se não formular a hipótese de que se trata de um irmão do primeiro poeta citado, pois sendo assim, teríamos então, dois poetas poloneses de uma mesma família, e o conhecimento do nosso leitor “aumentaria”. Já o operário copista continuaria desconhecendo e cometendo erros, e seu conhecimento jamais

aumentaria. Seu trabalho passa a trilhar os caminhos da mediocridade, e os produtos dela continuarão no mercado. Hoje não há os incômodos das penas e tintas que secam rapidamente, também não há necessidade de passar horas raspando erros com o cuidado e paciência de um monge, nem ao menos de ornamentar as páginas dos livros. Os instrumentos de trabalho, modernos e velozes, pouco podem oferecer aos operários do século XXI, seja de noções básicas de ortografia ou o conhecimento de diferentes culturas, mas podem corrigir o erro antes que ele venha a público junto com a obra. A credibilidade de uma editora ou organizador, conquistada através de anos de trabalho, é questionada a partir do momento em que a editora permite a perpetuação de problemas primários, como o que se segue.

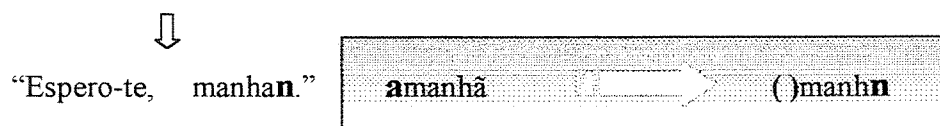
À dedicatória do poema “Visão” faltou o resto do sobrenome de Alvarenga Peixoto:

EDIÇÃO	IMPRESSÃO	ERRO
1870 (1ª edição)	A LUIZ DE ALVARENGA PEIXOTO	Ø
1944	A LUIZ ALVARENGA PEIXO	Falta o resto do sobrenome

Para as edições do fim do século XIX e primeira metade do XX, temos as explicações dadas anteriormente, no entanto, a segunda metade do século XX trouxe com ela novas tecnologias para as oficinas tipográficas. As máquinas passaram a dispor de mecanismos de “defesa” contra erros de publicação. Além disso, a revisão de provas é ainda essencial na tentativa de evitá-los. Antes o autor enviava seu texto diretamente para as mãos do tipógrafo, que por sua vez dependia de uma prancha de impressão, esculpida por outro profissional, que perdeu seu emprego com a invenção de Gutenberg, quando o próprio tipógrafo passou a organizar os caracteres móveis para a impressão do texto. Na chegada do século XX, com a criação de um mercado consumidor e suas novas tecnologias, a oficina tipográfica ganhou uma companheira de trabalho: a editora. Algumas com sua própria oficina de impressão, outras que funcionam como intermediária entre o autor e a impressão de seu trabalho, realizada pelas oficinas. É possível que ainda na primeira metade do século XX, algumas oficinas trabalhassem com o mesmo tipo de organização dos caracteres móveis, dada a ocorrência dos erros de impressão; mas, passada a primeira metade do século, algumas mudanças ocorreram principalmente nas grandes oficinas que

mudaram a metodologia de trabalho e suas máquinas também. Como explicar então a continuidade da ocorrência dos mesmos tipos de erro de outrora? Teria se criado uma tradição de erros? Será descuido do autor? Da editora? Do revisor? Ou do impressor; e como explicar a responsabilidade deste último?

Se considerarmos que ainda na primeira metade do século XX, o computador e recursos de softwares não eram uma realidade para as editoras e oficinas tipográficas, os problemas de datilografia ou revisão, seja do autor ou de outro revisor que não ele, dificilmente eram identificados antes da impressão. Machado de Assis morreu na primeira década, em 1908, o que nos leva a crer que o responsável pelos problemas que vamos apresentar, seja outro: o datilógrafo, o revisor de provas ou o impressor. Como analisar o caso do verso 4 da 10ª estrofe do poema “Stela”, do livro *Crisálidas*? A palavra amanhã está impressa da seguinte forma nas edições de 1944 e 1946 (W. M. Jackson):



A omissão da letra a no início da palavra não se deve a problemas de impressão, visto que antes da vírgula não há nenhum espaço em branco ou qualquer “borrão” indicando que algo poderia ter sido impresso e não foi. A única hipótese que posso levantar nesse caso é a de problemas de datilografia (não de digitação devido à data de publicação).

As datas de composição e/ ou primeira publicação de outros poemas também mudam, de acordo com a edição. Na primeira edição de *Crisálidas*, por exemplo, consta que o poema “A Jovem Cativa” foi composto e publicado por Machado de Assis em 1861. No entanto, consta na edição de 1957, da W. M. Jackson, que o poema foi composto em 1864. O mesmo pode ser verificado na edição de 1959, da mesma coleção (W. M. Jackson); já 1998, da Editora Minden, nos informa que o poema foi publicado na revista *A Saudade* (Rio de Janeiro), n.11, 21 set. 1862 e em *Crisálidas* (1864).

EDIÇÃO	DATA DA PUBLICAÇÃO	ERRO
1864 (1ª edição)	1861	Ø
1957 / 1959	1864	3 anos de diferença
1998	1862	1 ano de diferença

A hipótese nesse caso seria a de que a W. M. Jackson considerou apenas a publicação em livro, que ocorreu três anos depois da primeira publicação do poema. Tais edições desconsideram a publicação do poema na revista *A Semana*, a qual se deu antes que o volume *Crisálidas* viesse a lume em 1864. Quanto à edição de 1998, possivelmente houve algum engano da parte de um dos responsáveis pela edição. A data apresentada pela editora Minden - 1862 -, só pode ser aceita no caso de uma segunda publicação do mesmo poema, na mesma revista, um ano depois da primeira publicação e dois anos antes da publicação no volume *Crisálidas* ou, no caso do poema ter sido composto em 1861 e impresso no ano seguinte. No entanto, a edição de 1998 deveria informar seu leitor das duas publicações ou da data de composição e publicação, esclarecendo dúvidas como essa.

Mas para ele a caminhada na corda bamba torna-se mais emocionante com a ausência de partes do texto que carrega consigo. Os trechos vazios são herança da edição de 1901, *Poesias Completas*, na qual Machado de Assis publicou seus poemas com algumas alterações; essa edição serviu como modelo para as edições póstumas, que estão divididas em duas partes: a primeira com os poemas publicados em 1901 e a segunda com os poemas suprimidos de *Poesias Completas*. Para os poemas da primeira parte, caberia uma explicação ao leitor quanto à forma como o poema foi publicado na primeira edição, tal como fez a W.M. Jackson nas edições de 1957 e 1959, ao omitir a 8ª estrofe da III Parte do poema “Versos a Corina”, trazendo a seguinte nota de rodapé:

“Ver no fim de *Crisálidas*, cuja nota é: “Os versos que se seguem, na primeira edição das “*Crisálidas*”, faziam parte da poesia “Versos a Corina”, e vinham precedidos de três asteriscos indicativos de pausa, após a série de quadros que termina:”

Transcreve-se novamente a 7º estrofe da II Parte e em seguida aos asteriscos - *

(- no final dessa estrofe, há a transcrição da 8º estrofe e um novo comentário):

“Entre êstes versos encontra-se o célebre “Esta glória que fica, eleva, honra e consola,” que os acadêmicos escolheram para ser exarado no frontispício da Academia de Letras, por baixo da estátua do autor de “Quincas Borba”.

Outras composições de menor fama também tiveram algumas partes “mutiladas”.

Falas foram suprimidas e os personagens da “Ode a Anacreonte”, do livro *Falenas*, receberam novos textos, com a omissão de algumas falas. Na cena I, faltou a fala de Cleon:

EDIÇÃO	FALA DO PERSONAGEM	ERRO
1870 (1ª edição)	Lesbos, a flor do Egeu.	Ø
1901 (1ª edição)	Lesbos, a flor do Egeu.	Ø
1973		Não consta.

Na cena II, a fala de Lísias:

EDIÇÃO	FALA DO PERSONAGEM	ERRO
1870 (1ª edição)	Quis ter à minha mesa	Ø
1901 (1ª edição)	Quis ter à minha mesa	Ø
1973, 1992, 1994	Eu sou mestre em matéria de amor.	Não imprimiu a fala e adiantou outra.

Na cena VI a sequência de falas da primeira edição e de 1901 sofreu variação:

EDIÇÃO	FALA DO PERSONAGEM	ERRO
1870 (1ª edição)	CLEON: Lísias! MIRTO: Ouviste? LÍSIAS: Ouvi.	Ø
1901 (1ª edição)	CLEON: Lísias! MIRTO: Ouviste? LÍSIAS: Ouvi.	Ø
1977	CLEON: Ouviste? LÍSIAS: Ouvi.	Faltou a fala de Mirto, que passou para Cleon.

Novamente houve uma inversão nas falas e a omissão de uma fala da personagem Mirto.

No poema “Lágrimas de cera” a 2ª estrofe na primeira edição e em 1901 está da seguinte forma:

EDIÇÃO	ESTROFE	ERRO
1870 (1ª edição)	Ajoelhou-se defronte Para fazer a oração; Curvou a pálida fronte E pôs os olhos no chão.	Ø
1901 (1ª edição)	Ajoelhou-se defronte Para fazer a oração; Curvou a pálida fronte E pôs os olhos no chão.	Ø
1973	Curvou a pálida fronte E pôs os olhos no chão. Ajoelhou-se defronte Para fazer a oração.	Inverteu a posição dos versos na estrofe.

Outras edições não inverteram, mas modificaram um dos versos dessa estrofe:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1870 (1ª edição)	Para fazer a oração;	Ø
1901 (1ª edição)	Para fazer a oração;	Ø
1937	Para fazer a oração:	Dois pontos no lugar do ponto e vírgula.
1957	Para fazer a oração,	Vírgula no lugar de ponto e vírgula.

Invertidos os versos, trocados os sinais de pontuação, por que não trocar as palavras também? Um ponto final, um verso no lugar errado, e de repente, outro texto. Afinal, em que prateleira ficou esquecido o texto do autor? Quais mãos fixaram e perderam seu texto, nesses caminhos traçados pelas edições?

Se a má impressão de uma palavra, a inversão de um verso na estrofe, e a omissão de uma palavra ou de uma estrofe inteira são problemas que interferem na leitura, e por vezes, até na compreensão do texto, a troca de uma palavra por uma outra, constitui-se num problema da mesma gravidade que os demais, pois altera o sentido do verso. Em alguns casos o sentido não sofre alteração, por ser o erro evidente aos olhos do leitor. Mas isso não é regra, e sim uma exceção. A troca de palavras no corpo do texto apresentado, o cuidado ou a falta desse com o objeto em questão, e a revisão, tendo em vista a fidelidade ao texto original, pressupõem uma compreensão ilusória da parte do leitor.

Para exemplificar a ocorrência de tal problema, é preciso fazer o trabalho de um paleontólogo que procura descobrir um osso raro, parte integrante de um esqueleto ainda mais raro. O leitor para ter acesso a informações como essas, precisaria em primeiro lugar ser curioso e posteriormente exercer a função de um detetive, a fim de descobrir o que não está impresso nas páginas do seu volume de poesias.

No intuito de “corrigir” o verso e zelar pela concordância gramatical, algumas edições acrescentam letras, mudam tempos verbais e em alguns casos, alteram o sentido do poema.

Em 1944, o v.7 da 4ª estrofe do poema “Noivado” de:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1870 (1ª edição)	Olha como de bálsamos recende	Ø
1901 (1ª edição)	Olha como de bálsamos recende	Ø
1944	Olha como de bálsamo recende	Trocou o plural pelo singular na palavra bálsamos.

Em “Uma Ode de Anacreonte” na Cena I, fala de Mirto:

EDIÇÃO	FALA DO PERSONAGEM	ERRO
1870 (1ª edição)	Eu devo ir só, tu fica, ama-me um pouco e esquece.	Ø
1901 (1ª edição)	Eu devo ir só, tu fica, ama-me um pouco e esquece.	Ø
1973, 1992	Eu devo ir só; tu ficas, ama-me um pouco e esquece.	O verbo fica, sofre uma modificação que segue as regras gramaticais vigentes.

Na fala de Lísias:

EDIÇÃO	FALA DO PERSONAGEM	ERRO
1870 (1ª edição)	Esqueces empresas vãs, não tentes o impossível	Ø
1901 (1ª edição)	Esqueces empresas vãs, não tentes o impossível	Ø
1937	Esquece emprezas vãs, não tentes o impossível.	O verbo esquece de segunda pessoa do singular para terceira pessoa do singular.

No poema “Pálida Elvira” o v. 8 da XXXI estrofe, sofreu essa e outra variação:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1870 (1ª edição)	Era senhora? ficará escrava!	Ø
1901 (1ª edição)	Era senhora? ficará escrava!	Ø
1937	Eras senhora? ficarás escrava!	Os verbos ser e ficar de terceira pessoa do singular para segunda pessoa do singular.
1973, 1992, 1994	Eras senhora? Ficarás escrava!	O mesmo que 1937, com o acréscimo da letra maiúscula no verbo ficar.

Se na primeira edição do poema “Ite missa est”, o poeta tinha uma única hóstia no v.1 da 4ª estrofe, em 1957, 1959, 1962 e 1973 ele tinha algumas hóstias que em suas “mãos [estavam] alçadas”:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1870 (1ª edição)	Votaste ao céu, nas tuas mãos alçada,	Ø
1901 (1ª edição)	Votaste ao céu, nas tuas mãos alçada,	Ø
1957, 1959, 1962, 1973	Votaste ao céu, nas tuas mãos alçadas,	De singular para plural na palavra alçada.

As editoras não precisam de orações para alcançar seus objetivos. As novas tecnologias de suas oficinas de impressão também não são as únicas armas de que dispõem para conquistar o mercado consumidor, com edições luxuosas ou inovadoras na estética e forma de apresentação.

A tecnologia e a perfeição não necessariamente andam juntas, quando, por exemplo, o revisor deixa passar problemas como os que analisamos. Mas se ele cumpriu seu papel com excelência, como explicá-los, uma vez que os impressores não mais precisam organizar caracter por caracter para compor cada página do livro? O cuidado e atenção dos copistas da antiguidade não garantiram em todos os seus trabalhos a fidelidade aos textos copiados, no entanto, os “copistas” ou revisores dos nossos dias, apesar do cuidado ou falta

dele, não precisam raspar a tela do computador, precisam antes, de maior cuidado e atenção com o *texto-base*. Talvez a falta de consulta às primeiras edições tenha produzido a perpetuação dos erros passados, que não permitem ao leitor de hoje uma jornada segura. Ao menos no que observamos até aqui concernente aos textos da poesia de Machado de Assis, tecnologia e perfeição ainda não andam juntas, apesar da intenção de seus editores de sempre lançarem no mercado publicações que estejam a altura de sua obra.

Penduradas na corda bamba dos problemas de suas edições, as editoras imprimem concomitantemente com as obras de seus autores, uma espécie de “Manual de erros”.

Identificados os problemas da nossa imprensa, devemos considerar então, as condições de um país que ainda busca seu amadurecimento nas mais diversas áreas; o que pode ser nossa luz no fim do túnel suficientemente capaz de iluminar os erros para que esses sejam finalmente corrigidos, antes que os alexandrinos de Machado virem decassílabos ou qualquer outro, e de príncipe nosso poeta torne-se plebeu.

“... certos gêneros poéticos implicam a métrica. Escrever um soneto em verso livre seria criar um aleijão ainda mais defeituoso que certos sonetos de metros desiguais, dum Machado de Assis por exemplo.”

Mário de Andrade.¹⁰²

“O alexandrino, tão guerreado, já a final pegou, e está generalisadíssimo; e porquê? não tanto pela sua muita musica, como pela sua extensão”.

Antonio Feliciano de Castilho.¹⁰³

¹⁰² ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*, “Segunda Parte” in *Obras Completas de Mário de Andrade, Obra Imatura*. São Paulo, Livraria Martins Editora, ?; pg. 232.

¹⁰³ CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Tratado de Metrificação Portuguesa*, Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, Livraria Moderna / Tipographia, 1908.

Machado poeta: de príncipe a plebeu?

Em sua *Escrava que não é Isaura*, Mário de Andrade não indica qual edição dos poemas de Machado leu, afirma apenas que o poeta não sabia versar em alexandrinos, eram “mal-feitos” e o poeta não dominava a técnica. Quase toda a crítica machadiana compartilha da mesma opinião que Mário: Machado de Assis nunca foi o que se pode chamar de poeta.

Temos na biografia do autor de *Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas*, uma longa trajetória trilhada com a lira em punho e a musa em mente. Desde a juventude, Machado manifestou sua literatura através de versos, ora cantando a irmã que faleceu ainda menina, ou a saudade que sentia da mãe ausente e morta, ora cantando os amores impossíveis inspirados pelas cantoras e atrizes de sua época. Os versos que lhe renderam o apelido de “príncipe dos alexandrinos” se devem justamente a uma dessas paixões, mas não se sabe ao certo qual; sabe-se apenas que amou, e amou loucamente como viria a confessar anos mais tarde à sua noiva e futura esposa, Carolina Novais.

A estréia literária de Machado se deu através da poesia, como era comum a todos os que almejavam a carreira das letras. O rapazola que pode ter sido caixeiro de Paula Brito, revisor de provas da Typographia Nacional, ajudante na sacristia ou coroinha, era um incansável leitor e aprendiz de tudo o que lhe caía nas mãos e “cheirava” à cultura nacional ou estrangeira. Conta-se que seu aprendizado no francês foi através de um padeiro de Mme. Galot¹⁰⁴, e que sua admiração por um dos seus primeiros mentores, Francisco Gonçalves Braga, quase que o cegou para a boa literatura, se não fosse sua perspicácia e inteligência que levaram o aprendiz a superar o mestre. Na história da literatura brasileira e da vida de Machado, relatada por um sem par de admiradores, críticos e leitores anônimos, contam-se inúmeras histórias. Conta-se o que foi visto na época e o que dela pode-se interpretar.

Durante pelo menos 40 anos, vemos na vida literária de Machado de Assis sua dedicação à poesia em paralelo com a prosa, caminho que engendrou pouco depois.

¹⁰⁴ Uma senhora francesa, que após a morte do marido deu continuidade aos negócios que lhe davam a renda mensal necessária para o sustento diário. O padeiro era também francês e de acordo com Lúcia Miguel Pereira, parece ter sido o primeiro mentor de Machado no aprendizado da língua.

Interpretar a medida e resultados dessa dedicação requer uma leitura que vai além de seus poemas e que abarque toda a sua obra.

Os poemas “A Palmeira”, “Saudade”, “Ela”, celebraram o início de uma carreira literária e de um contato com um mundo novo para o jovem Machado. Foi acolhido por Gonçalves Braga, Paula Brito, Caetano Filgueiras e o grupo dos “Cinco”, além da Petalógica, tantas vezes evocada em suas crônicas. Com eles começou a ler muitos dos autores que mais tarde lhe renderiam epígrafes para seus poemas ou citações nas crônicas e romances. De Camões foi a Garret, Virgílio, Bocage, Bernardim Ribeiro, etc. Entre leituras e tutores, Machado estava numa das idades “íngratas” da poesia: a da imitação. Seus versos não tinham a espontaneidade dos grandes poetas, e essa característica é até hoje o estigma da lírica machadiana em toda sua extensão.

Com *Crisálidas*, Machado revelou o que das leituras e dos mestres pode aprender e aproveitar, num cenário da poesia brasileira na época, desprovido de figurantes e protagonistas. Castro Alves não havia aparecido ainda, e Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Junqueira Freire já haviam morrido, Gonçalves Dias nada mais produzia que publicasse.

O nome da coletânea nos engana, como muitos textos de Machado podem nos enganar. Se abraçarmos *Crisálidas* como símbolo do início da literatura, da poesia de Machado, estamos desprezando os mais de sessenta poemas que compôs antes de 1860, e os mais de vinte dos anos 60 a 63. Na coletânea de 1864, ele aproveitou somente um dos sessenta poemas compostos anteriormente¹⁰⁵, e seis dos compostos nos últimos anos.¹⁰⁶ *Crisálidas* foi o fruto da mutação constante sofrida por Machado, desde o início de sua carreira literária na juventude, em 1855, nove anos antes. Jean-Michel Massa salienta que o livro não era um ponto de partida, mas de chegada.¹⁰⁷

¹⁰⁵ O poema aproveitado em *Crisálidas* foi “Monte Alverne”, que foi modificado.

¹⁰⁶ São esses: “Sobre a morte de Ludovina Moutinho” (1861), “Aspiração” (1862), “A estrela do Poeta”, “Stela” em *Crisálidas*, de 1862, “Sinhá” (1862), “O acordar da Polônia” (1863), que se transforma em “Polônia” em *Crisálidas*, de 1863, e “As Ventoinhas” (1863).

¹⁰⁷ Massa, pg. 380. “Trata-se, portanto, de uma obra em grande parte nova e que reúne uma produção poética recente, algumas vezes reformulada. Se para a crítica e para o público *Crisálidas* parece ser a primeira manifestação poética de um jovem talento, em compensação, para o poeta, não acontecia o mesmo. *Crisálidas* é um ponto de chegada, uma opção e não um ponto de partida.”

Ao contrário de *Falenas*, em *Crisálidas* é praticamente impossível, reconhecer ou estabelecer uma unidade temática, uma classificação cronológica, estética ou métrica.¹⁰⁸ Há um emaranhado de temas e reflexões políticas, do amor, religiosidade, de versos rimados e brancos. Apesar disso, Machado foi cuidadoso na seleção dos poemas publicados, uma vez que dispunha de quase cem peças já escritas e delas aproveitou pouco mais de dez.

No dia 24 de janeiro de 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis declarava a respeito do termo crisálidas, o seguinte:

Balzac, notando um dia que os marinheiros quando andam em terra bordejam sempre, encontrou nisso a razão de se irem empregando alguns homens do mar na arte diplomática.

“Donde conclui que o marinheiro é a crisálida do diplomata.”¹⁰⁹

Machado de Assis, poeta? Em *Crisálidas* não o foi, exceto nos “Versos a Corina”, irrupção dos seus sentimentos mais profundos e clamor de sua alma pela concretização de um amor impossível. A coletânea foi o resultado de anos de reflexão e aprendizado sobre a cultura e suas formas estéticas, e os “Versos a Corina”, uns dos poucos versos publicados em jornal ou revista, reaproveitados para o lançamento de *Crisálidas*.

Onde Machado pretendia chegar? Acaso, almejava títulos ou a poesia em sua essência? O que alcançou de fato?

Para Castilho e seus compatriotas, na ocasião da publicação dos “Versos a Corina”, Machado já era herdeiro do trono dos poetas. Estava quase no topo da montanha.

Mas, teriam a ironia ou Corina o poder de destituir o príncipe ou afastá-lo de vez dos caminhos da poesia? Onde viria tal poder?

Do poder da musa só o sabe o poeta enamorado, da ironia o autor e seus leitores. Seria o já conhecido poder dos erros o grande responsável?

Ornamentando a estátua de Machado de Assis na entrada da Academia Brasileira de Letras, ironicamente um verso do poeta não retrata essa sua condição. A glória que ficou, elevou e honrou o prosador, pouco deixou para consolar o poeta¹¹⁰. Ironicamente, trata-se

¹⁰⁸ Jean-Michel Massa propõe uma solução: há dois momentos na composição de *Crisálidas*. No primeiro, Machado teria reunido poemas bastante recentes de inspiração pessoal e lírica e algumas traduções. No segundo, era a vez dos poemas de temática política ou patriótica. Pg. 390.

¹⁰⁹ Retirei essa informação de Massa, pg. 391.

¹¹⁰ O verso é: “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola;”

de um verso que faz parte de uma estrofe suprimida por Machado na ocasião do lançamento de *Poesias Completas*, que compõe a III parte do poema “Versos a Corina”. Se os versos para Corina fizeram Castilho ver em Machado um “príncipe dos alexandrinos”, os mesmos fizeram Mário de Andrade ver o plebeu que almejava, mas sem poder dar conta, um lugar na realeza dos versos.

Exceto as mudanças feitas pelo próprio autor, o poema sofreu ao longo dos anos e edições, alterações suficientes para reescrever o poema e inscrever na vida do príncipe, uma nova história. Sem trocar de papéis, como na história de Mark Twain¹¹¹, o plebeu tem até hoje maior notoriedade. Por quê?

Seriam os “Versos a Corina” os únicos responsáveis? Ou os versos aliados aos erros e problemas das edições? Ou o príncipe só era príncipe por conveniência de seus súditos? Deveríamos nos esquecer das condecorações, dos títulos e atentarmos somente para o que realmente nos interessa? O poeta? Ou a musa? Ou os dois?

Peçamos ajuda aos versos, pois eles talvez possam nos dar alguma resposta.

Se Mário de Andrade teve em mãos 1902, a segunda edição de *Poesias Completas*, é certo que logo no primeiro verso da IV parte, se deparou com um problema:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901 (1ª edição)	Tu que és bella e feliz, tu que tens por diadema	Ø
1902 (2ª edição)	Tu que és bella e feliz, tu que teus por diadema	Tens por teus.

A sílaba métrica não sofre alteração, mas a provável inversão do caracter, de **n** para **u**, provocou uma mudança: verbo *ter*, na segunda pessoa do singular (*tens*) para o pronome *teu*, também na segunda pessoa do singular. De verbo para pronome, a distância percorrida ultrapassa as vias da gramática e invade o caminho do caracter ao momento de impressão do verso. Nem mesmo as brisas da 5ª estrofe, da IV parte do poema, trouxeram o refrigerio necessário para o príncipe, que mais passos, menos passos, tornar-se-ia plebeu. Tal fenômeno pode ser observado, por exemplo, no 4º verso dessa 5ª estrofe:

¹¹¹ TWAIN, Mark. *O príncipe e o mendigo*.

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901 (1ª edição)	Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?	Ø
1924 (3ª edição)	Que abre ouvidos mortaes a harmonia dos céus?	abre (?) ouvidos
1937	Que abre os ouvidos mortaes a harmonia dos céus?	abre os ouvidos
1944, 1946, 1957	Que abre ouvidos mortais à harmonia dos céus?	Como em 1924, mas com atualização na ortografia.

O príncipe já começa a ter saudades dos palácios de suas ilusões, pois, enganava-se ao pensar na eterna devoção de seus súditos. No verso 4 da 11ª estrofe da IV parte do poema, um “e” por um “de” passa despercebido, aos olhos do súdito leitor desatento:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901 (1ª edição)	Aguardando saudosa o amor e Endimião.	Ø
1976	Aguardando saudosa o amor de Endimião.	e por de

Se o príncipe não pode salvar sua condição, que diria do poeta? No verso 1 da 15ª estrofe da IV parte (O POETA), ele perde a voz e ainda se vê mais distante de seu palácio:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901 (1ª edição)	Também eu junto a voz à voz da natureza,	Ø
1962, 1973	Também eu junto à voz da natureza,	junto (...) à voz da natureza

Perdida a voz, que antes se unia à da natureza, nem mesmo um desesperado resgate da voz perdida ou do esplendor da beleza de um raio criador do verso 1- num dístico, o príncipe resgataria também sua condição – como príncipe e poeta. A cada passo, e a cada verso, o poeta-príncipe se vê mais distante de seu palácio:

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901 (1ª edição)	O esplendor da beleza é raio criador:	Ø
1937	O esplendor da beleza e raio criador:	é por e

O acento, ou melhor, a falta dele, levou consigo a pouca luz que ainda restava ao príncipe, e o poeta nem pode ver o que acontecera a seus alexandrinos. O soberano conquistador de territórios que emprestou seu nome aos versos, não teve em Machado um confrade na família da realeza. Dizia o poeta à sua musa Corina, na 9ª estrofe da VI parte de seu poema:



“É que eu puz neste amor, neste último transporte

Tudo o que vivificava minha juventude:

O culto da verdade e ao culto da virtude,

A vênua do passado e a ambição do futuro.

O que há de belo e belo, o que há de nobre e puro.”

Mas, 1902, 1924 1937, 1938, 1944, 1946, 1957 e 1973, uniram-se e transportaram o poeta para sua nova realidade.¹¹²

EDIÇÃO	VERSO	ERRO
1901	É que eu puz neste amor, neste ultimo transporte.	Ø
1902, 1924	que eu puz neste amor, neste ultimo transporte.	[E] por []
1937, 1938, 1944, 1946, 1957, 1973	Porque eu puz neste amor, neste último transporte,	[É que] por [Porque]

Além dessas alterações não autorizadas pela primeira edição e a edição de 1901 – *Poesias Completas*, os “Versos a Corina” conheceram alterações nessa última coletânea, cujo resultado pode ser observado nas várias edições póstumas publicadas, com recorrentes problemas na apresentação dos textos. As epígrafes de cada uma das VI partes do poema foram retiradas, e em casos como o da 8ª estrofe da III Parte, em 1901 houve a omissão de algumas estrofes. Em 1864, essa mesma estrofe foi impressa como parte integrante do corpo do poema. Já em 1901 ela foi retirada. Edições como a de 1902, 1924, 1937, 1944 e 1946, estabeleceram como modelo a edição de 1901 e da mesma forma, omitem a 8ª estrofe da III Parte do poema “Versos a Corina”. Assim também acontece com a 9ª estrofe da mesma parte do poema, com a 2ª estrofe da IV Parte de “Versos a Corina”, mudanças não comentadas pelos organizadores das edições. São omitidas estrofes inteiras e o leitor pensa ter em mãos o texto integral, tal como foi composto pelo autor. Apesar disso, há ainda o respaldo de que a edição de 1901 foi organizada pelo próprio Machado de Assis, portanto, de todos os males, esse não é o pior das edições que temos analisado.

¹¹² O autor da ilustração que serve de fundo para essa estrofe é Gaspar Batista dos Reis, que fez uma série de ilustrações para os poemas de *Crisálidas*, na realização do projeto de Iniciação Científica “*Crisálidas e a produção poética machadiana*”, em 1999. Na ocasião, foi proposto ao artista plástico que desenvolvesse uma série de ilustrações para os poemas deste primeiro livro de poemas de Machado de Assis. A ilustração que ora se apresenta foi feita para o poema “Musa Consolatrix”, que abre o livro. A proposta consistia principalmente em, entregue ao artista os textos dos poemas, que esse, tivesse como ponto de partida para as ilustrações a sua própria leitura, sem a interferência de outro leitor, principalmente da pesquisadora que realizava o trabalho de estabelecimento dos textos.

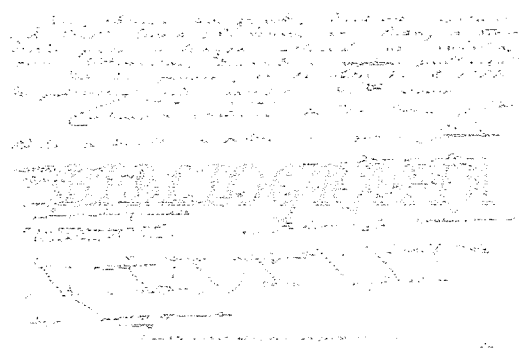
Supor que Mário de Andrade leu os alexandrinos de Machado numa compilação das edições problemáticas seria somar mais um delírio, aos tantos sofridos no decorrer da leitura dos poemas em qualquer uma das edições. A metrificação alterada é mais um dos problemas observados. A caminhada do leitor passa por trechos sinuosos, e na luta por melhores trechos, alguns dos despojos que restam ao final da jornada estão reunidos neste trabalho, que apenas serão úteis na medida em que promoverem novas lutas por uma leitura mais tranqüila e que perpassasse por textos mais confiáveis.

Considerações Finais

O passeio pelas edições da poesia machadiana, desde o século XIX até o XX, traçou um pequeno panorama da história literária narrada nas páginas de rosto, capas e contracapas. Os vinte volumes pesquisados revelaram além da história literária não contada, que os versos de Machado de Assis tiveram boa divulgação, se considerarmos apenas as edições e deixarmos de lado as publicações em jornais e revistas da época. Apesar da boa divulgação, a produção poética do autor ainda é desconhecida do grande público e marginalizada nos estudos críticos da literatura brasileira.

Nas estantes de bibliotecas e livrarias, o lugar que a poesia de Machado de Assis ocupa é o de “parte integrante e obrigatória” da obra completa do autor. Editar Machado de Assis implica em lançar no mercado os livros conhecidos do grande público, e no mesmo pacote, os menos conhecidos – teatro e poesia. Os romances *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires*, os contos “Missa do Galo”, “O Alienista”, as críticas “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”, “O passado, o presente e o futuro da literatura”, canonizaram Machado de Assis na literatura brasileira como um de seus mais fortes representantes. O teatro e a poesia fazem parte do pacote, não do cânon fixado pela crítica brasileira. Cuidar do texto dos romances, dos contos ou das críticas parece ter sido uma tarefa melhor desenvolvida quando comparada ao cuidado com a parte não canonizada da obra completa do Bruxo do Cosme Velho. Os erros e problemas de edições são comuns tanto na imprensa européia quanto na brasileira, em qualquer época; mas concentrar uma troca de palavra, que somado a um sinal de pontuação não impresso, a um verso e uma estrofe deslocados ou invertidos dentro do poema, numa única edição, parece ser privilégio das edições dos poemas. A qualidade dos versos ou a falta dela transforma-se em muleta nos passos cambaleantes do editor ou por vezes do organizador de uma edição, justificando o descuido com a produção de pouco brilho.

Que este estabelecimento dos textos de *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*, ilumine possíveis estudos da produção poética de Machado de Assis, bem como de outros autores.



1) Bibliografia Geral:

1.1) Obras sobre Machado de Assis:

ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis*. Passagens entre o livro e o jornal, Chapecó: Editora Grifos, 1999.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (À roda dos Jornais)*, Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, 2001. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

ISHIMATSU, L. C. *The Poetry of Machado de Assis*, Valencia: Ediciones Albatros hispanofila, 1984.

JOBIM, José Luís (organizador). *A Biblioteca de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras e Topbooks, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis Desconhecido*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PATI, Francisco. *Dicionário de Machado de Assis*, São Paulo: Rede Latina, 1959.

PASSOS, Gilberto Guimarães. *A Poética do Legado: presença francesa em Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo: ANNABLUME, 1996.

_____. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba de Machado de Assis*, São Paulo: ANNABLUME, 2000.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*, Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, (6º edição revisada), Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Escritos da Maturidade*: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959), Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

Revista Mensal da Sociedade de Ensaaios Literários, 1865, pg. 333.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras*: Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913), Campinas:SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo da Literatura Brasileira*. Coleção Repertórios, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997; 1ª reimpressão.

SOUZA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: INL, 1955.

TEIXEIRA, Ivan Prado. *Apresentação de Machado de Assis*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Ltda, 1987.

TRIGO, Luciano. *O Viajante imóvel*. Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo, Rio de Janeiro, Record, 2001.

1.2) Obras sobre a Imprensa e o Livro:

ARAÚJO, Emanuel. *A Construção do livro*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1986.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil- 1900*, Ministério da Educação e Cultura/ Serviço de Documentação, s/d.

_____. *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos*, São Paulo: POLIS/ INL,

CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Tratado de metrficação portuguesa*, Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, Livraria Moderna / Tipographia, 1908.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro*, do leitor ao navegador, São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Rio de Janeiro: Editora Objetiva / Instituto Houaiss, 2001. 1ª edição.

Dicionário Literário Brasileiro, vol.4, São Paulo: Saraiva Livres Editores, 1969; pp. 905-906.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry – Jean. *O aparecimento do livro*, São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 1992.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história), São Paulo: T.A. Queiroz, Editor & Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*, São Paulo: Editora Hucitec/ Instituto Nacional do Livro – Fundação Nacional Pró-Memória, 1993. Reprodução Fac-Similar.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*, São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. *O Preço da Leitura*, São Paulo: Editora Ática, 2001.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita*, São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1957.

MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis* – ensaio de biografia intelectual, São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1971, edição ilustrada.

MELLO, José Barbosa. *Síntese Histórica do Livro*, Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1972.

MINDLIN, José. *Uma Vida entre livros: reencontros com o tempo*; prefácio de Antônio Cândido, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAIS, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil colonial*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1979.

PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do Livro no Brasil*, São Paulo: Ática, 1996.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500 – 1822*. Com um breve estudo sobre a informação, Rio de Janeiro, 1946.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Imprensa Nacional, 1998. 2ª edição.

2) Obras de Machado de Assis:

Crisálidas, Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864.

Falenas, Paris, Rio de Janeiro: H.L. Garnier Livreiro Editor, 1870.

Americanas, Paris, Rio de Janeiro: H.L. Garnier Livreiro Editor, 1875.

Poesias Completas, Paris, Rio de Janeiro: H. L. Garnier Livreiro Editor, 1901.
1902.
1924.

Obras Completas de Machado de Assis, Rio de Janeiro: São Paulo, Porto Alegre, W.M. Jackson Inc., Editores, 1937.
1938.
1944.
1946.
1957.
1959.

GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

Obra Completa, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1959.
Organizador: Afrânio Coutinho.

Obra Completa, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1962.
Organizador: Afrânio Coutinho.

Obra Completa, vol. 3, Rio de Janeiro: GB, Companhia José Aguilar Editora, 1973.
Organizador: Afrânio Coutinho.

Obra Completa, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
Organizador: Afrânio Coutinho.

_____, 1994.

_____, 1997.

Obras ilustradas de Machado de Assis, São Paulo: Linográfica Editora Ltda. 1968.

Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, Poesias Completas, vol. 7, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.
1977.

Crisálidas, Faleas & Americanas, São Paulo: Editora Globo S.A., 1997.

O Almada & outros poemas, São Paulo: Editora Globo S.A., 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis & Confrades de Versos*, São Paulo: Editora Minden, 1998.

Coleção dos Autores Célebres da LITERATURA BRASILEIRA. Poesias Completas, vol. 18, Rio de Janeiro: Belo Horizonte, Livraria Garnier, 2000.